

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Departamento de Educação e Psicologia

**Relação entre *cyberbullying*, regulação emocional, estilos parentais e empatia:
perfil dos agressores**

*Relationship between cyberbullying, emotional regulation, parental styles and empathy:
profile of aggressors*

Versão Final

Dissertação de Mestrado em Psicologia

Especialização em Psicologia Clínica

Adriana Sandrina Teixeira Martins

Orientadoras: Alice Margarida Martins dos Santos Simões

Inês Moura de Sousa Carvalho Relva



Vila Real, 2024

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Departamento de Educação e Psicologia

**Relação entre *cyberbullying*, regulação emocional, estilos parentais e empatia:
perfil dos agressores**

*Relationship between cyberbullying, emotional regulation, parental styles and empathy:
profile of aggressors*

Dissertação de Mestrado em Psicologia

Especialização em Psicologia Clínica

Adriana Sandrina Teixeira Martins

Orientadoras: Alice Margarida Martins dos Santos Simões

Inês Moura de Sousa Carvalho Relva

Dissertação submetida à Universidade
de Trás-os-Montes e Alto Douro como requisito
parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Psicologia, Especialização em Psicologia Clínica, em janeiro de 2024.



Vila Real, 2024

*“O sucesso é ir de fracasso em fracasso
sem perder entusiasmo.”*

(Winston Churchill)

Agradecimentos

No decorrer destes cinco anos muita coisa aconteceu, choros, sorrisos, pessoas novas que entraram na minha vida, outras ficaram pelo caminho, várias conquistas e algumas decepções pelo meio, mas tudo valeu a pena e contribui para a pessoa que sou hoje. Ao longo desta jornada, houve pessoas que me apoiaram de forma incondicional, às quais hoje tenho o dever de lhes agradecer por todas as palavras ditas em momentos de maior afiliação e pelo carinho demonstrado.

Primeiramente, tenho de dar um especial obrigado à pessoa mais importante e que jamais esquecerei, a qual me ensinou que não é preciso estar presente em corpo para dar colo e amor, pois esteja onde estiver, continua a desempenhar o grande papel de Mãe. Será sempre a minha referência, o meu maior exemplo de luta e também a razão pela qual ingressei nesta aventura do mundo da psicologia, a fim de tentar impedir o desapego pela vida daqueles que têm pais, filhos, irmãos e amigos que os amam e trocam para que não ponham termo à vida. Obrigada por estares lá nas fases mais difíceis em que me sinto desamparada. Agora a minha missão será continuar a batalhar para que te sintas orgulhosa de mim.

Um grande obrigado ao meu pai, pois sem ele jamais teria iniciado este percurso. Embora longe, teve sempre disponível para me dar palavras de conforto e de motivação para não desistir. O apoio dele foi imprescindível, sendo a minha obrigação retribuir com as minhas conquistas e com o meu crescimento a nível profissional.

Obrigado aos meus avós, que apesar da pouca literacia em saúde mental, sempre me incentivaram a não desistir dos meus sonhos e verbalizaram a grande admiração que sentem por mim. Foram um grande pilar nesta caminhada.

Agradeço aos meus familiares, tios e primos, por acreditarem sempre nas minhas capacidades e por estarem sempre disponíveis para me dar apoio e carinho.

Agradeço imenso ao Roberto, o meu namorado e melhor amigo, pela paciência demonstrada face ao meu espírito derrotista e pessimismo. Tenho a agradecer-lhe por todas as palavras de conforto, de força e por acreditar sempre nas minhas capacidades. É o meu maior exemplo de resiliência e determinação.

Obrigada às minhas colegas da licenciatura, que são fruto desta caminhada e com as quais tenho oportunidade de partilhar momentos e memórias maravilhosas. Agradeço-lhes por todo o apoio, carinho, partilha e cumplicidade.

À Débora, a minha melhor amiga desde infância, a pessoa com a qual não preciso de falar todos os dias, mas que faz parte de mim e do meu crescimento. Aquela com quem sempre partilhei as minhas maiores angústias e que sabe ter o melhor ouvido e dar os melhores conselhos. Agradeço-lhe por tudo o que fez por mim até aos dias de hoje. Será sempre “a de sempre”.

À Jéssica, uma amiga de longa data que está sempre pronta para me dizer que sou capaz de tudo. Uma pessoa especial que transmite bondade nas suas ações e palavras.

À Laura, Joana e Camila, as minhas amigas do secundário, que nos convívios são aquelas que dizem em coro “Tu vais conseguir, consegues sempre tudo”. Aquelas que têm sempre um abraço e uma palavra de carinho para dar.

Aos meus avós que já partiram, espero que estejam em bom lugar e continuem a olhar e a torcer por mim.

E, por último, não podia deixar de agradecer às minhas orientadoras, Professora Margarida e Professora Inês, que desempenharam um excelente cargo como orientadoras e que me dão certezas de que fiz a melhor escolha para a finalização deste percurso.

Índice

INTRODUÇÃO.....	12
ESTUDO EMPÍRICO I: <i>Cyberbullying</i> e regulação emocional: numa amostra de adolescentes.....	16
Resumo.....	17
Abstract.....	18
Introdução	19
Método.....	27
Participantes	27
Instrumentos	28
Procedimento	30
Análise de dados.....	31
Resultados.....	33
Discussão	38
Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros.....	44
Referências bibliográficas.....	47
ESTUDO EMPÍRICO II: O papel da parentalidade e da empatia na perpetração de <i>cyberbullying</i> : numa amostra de adolescentes.....	67
Resumo.....	68
Abstract.....	69
Introdução	70
Método.....	79

Participantes	79
Instrumentos	80
Procedimento	83
Análise de dados.....	84
Resultados.....	85
Discussão	89
Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros.....	96
Referências bibliográficas.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS GERAIS.....	125
ANEXOS.....	129

Índice de Tabelas

ESTUDO EMPÍRICO I: *Cyberbullying* e regulação emocional: numa amostra de adolescentes

Tabela 1 <i>Análise Diferencial dos Comportamentos de Cyberbullying em Função do Sexo do Participante</i>	34
Tabela 2 <i>Análise Diferencial dos Comportamentos de Cyberbullying, em Função do Tempo Diário Despendido na Internet</i>	35
Tabela 3 <i>Correlações entre os Comportamentos do CBQ e as Dimensões da DERS, Média e Desvio-Padrão (N=422)</i>	36
Tabela 4 <i>Papel Preditor das Dimensões da DERS e do Sexo do Participante nos Comportamentos de Cyberbullying</i>	37

ESTUDO EMPÍRICO II: O papel da parentalidade e da empatia na perpetração de *cyberbullying*: numa amostra de adolescentes

Tabela 1 <i>Correlações entre os Comportamentos do CBQ, os Estilos Parentais do PSDQ e as Componentes da Empatia da BES-A, Média e Desvio-Padrão (N=422)</i> . 86	
Tabela 2 <i>Correlações entre os Estilos Parentais do PSDQ e as Componentes da Empatia da BES-A, Média e Desvio-Padrão (N=422)</i>	87
Tabela 3 <i>Análise Diferencial das Componentes da Empatia da BES-A em Função do Sexo do Participante</i>	88
Tabela 4 <i>Papel preditor dos Estilos Parentais do PSDQ e das Componentes da Empatia da BES-A nos Comportamentos de Cyberbullying</i>	89

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo principal analisar a relação entre o *cyberbullying*, a regulação emocional, os estilos parentais e a empatia, numa amostra de adolescentes portugueses, a frequentar o 2º, 3º ciclos e o Ensino Secundário, em escolas da região Norte de Portugal.

O *cyberbullying* é considerado um grave problema de saúde pública (Rao et al., 2019) com sérias implicações para a saúde mental dos adolescentes (de Pasquale, 2021). Este fenómeno pode afetar indivíduos de ambos os sexos, de todas as faixas etárias e etnias, porém, os adolescentes e o sexo feminino são reconhecidos como grupos de maior vulnerabilidade (Kumari & Singh, 2022). Para além disso, é de notar que a prevalência de *cyberbullying* tem sofrido um forte crescimento nas escolas secundárias (Field, 2018), tendo sido verificado que maiores níveis de escolaridade estão associados a um aumento da perpetração de *cyberbullying* (Darko et al., 2019). Dado que os adolescentes apresentam um risco acrescido para a prática de *cyberbullying* (Şimşek et al., 2019), este fenómeno é capaz de despertar neles vários problemas de comportamento, como mau funcionamento escolar, isolamento social e delinquência juvenil (Ronis & Slaunwhite, 2019). São várias as variáveis que estão relacionadas com o *cyberbullying* (Arató et al., 2020), destacando-se a regulação emocional que corresponde a um fator importante para o funcionamento social dos indivíduos e que apresenta um impacto significativo na perpetração de *cyberbullying* (Vranjes et al., 2018). Da mesma forma, o controlo parental face aos comportamentos dos mais jovens e a capacidade dos pais em responder às necessidades dos seus filhos, são características que diferem nos estilos parentais, e que determinam a ocorrência de *cyberbullying* (Padir et al., 2021). A parentalidade desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da empatia dos jovens (Musitu-Ferrer et al., 2019), sendo esta identificada como fator protetor e de risco para o

funcionamento psicológico dos indivíduos (Chan & Wong, 2020), capaz de moderar os comportamentos dos adolescentes, incluindo a prática de *cyberbullying* (Fang et al., 2020).

A presente dissertação de mestrado é composta por dois estudos empíricos cuja variável central é o *cyberbullying*, sendo que as restantes variáveis são distintas, mas todas com uma influência significativa sob o fenómeno. O primeiro estudo tem como objetivo principal explorar o *cyberbullying*, na perspetiva dos agressores e a sua relação com as dificuldades na regulação emocional. Especificamente, procura determinar a prevalência das práticas de *cyberbullying* nos adolescentes da amostra em estudo, verificar as diferenças dos comportamentos de *cyberbullying* em função das variáveis sociodemográficas e das variáveis da utilização da internet, avaliar a associação entre os comportamentos de *cyberbullying* e as dimensões das dificuldades na regulação emocional, e ainda analisar o efeito preditor das dimensões das dificuldades na regulação emocional e do sexo do participante nos comportamentos de *cyberbullying*. Por outro lado, o segundo estudo visa explorar a relação entre as variáveis *cyberbullying*, estilos parentais e empatia. De forma mais específica, procura analisar a associação entre os comportamentos de *cyberbullying* e os estilos parentais, avaliar a relação entre os estilos parentais e a capacidade empática dos agressores, analisar a associação entre o *cyberbullying* e a empatia, avaliar as diferenças da empatia em função das variáveis sociodemográficas como o sexo do participante, e estudar o efeito preditor dos estilos parentais e da empatia na perpetração de *cyberbullying*.

Foi adotada uma estrutura semelhante em ambos os estudos. Primeiramente, é apresentado um resumo, com as principais características da investigação. Posteriormente, é possível encontrar uma introdução alusiva à temática abordada e à relação entre as variáveis em estudo, seguida da metodologia que comporta uma breve

descrição do tipo de estudo, uma caracterização da amostra, dos instrumentos, procedimento e estratégias de análise de dados. Seguidamente, são exibidos os resultados obtidos e uma discussão dos mesmos com base em literatura já existente, assim como as implicações práticas, limitações e sugestões para estudos futuros. Por último, encontram-se as referências bibliográficas.

Por fim, as considerações finais, que correspondem a uma reflexão sobre a relação entre as variáveis e os principais resultados obtidos, bem como as referências bibliográficas gerais e os anexos.

ESTUDO EMPÍRICO I

Cyberbullying e regulação emocional numa amostra de adolescentes

Cyberbullying and emotion regulation in a sample of adolescents

Resumo

O *cyberbullying* é um comportamento agressivo praticado através das novas tecnologias, sendo que a regulação emocional apresenta um papel essencial na sua difusão. Assim, o presente estudo teve como objetivo principal explorar o fenómeno do *cyberbullying*, na perspectiva dos agressores e a sua relação com as dificuldades na regulação emocional. A amostra final foi composta por 422 participantes, com idades compreendidas entre os 12 e 17 anos, que frequentam o 2º, 3º ciclos e o Ensino Secundário, em escolas da região Norte de Portugal. Foi utilizado um Questionário Sociodemográfico, o *Cyberbullying Questionnaire* (CBQ) e a *Difficulties in Emotion Regulation Scale* (DERS). Foi verificado que 37% dos participantes responderam de forma afirmativa a pelo menos um dos itens referentes à perpetração de *cyberbullying*. Verificou-se que o sexo masculino pratica mais *cyberbullying* quando comparado com o sexo feminino. Observaram-se diferenças entre o grupo de adolescentes que passam menos de 2 horas conectados à internet e aqueles que passam de 2 a 5 horas e mais de 6 horas *online*. Identificou-se um aumento de comportamentos de *cyberbullying* no grupo de adolescentes que passam mais de 6 horas por dia na internet. Para além disso, foi possível observar associações positivas entre os comportamentos de *cyberbullying* e as dificuldades na regulação emocional. Verificou-se que as dificuldades no controlo de impulsos foi a única variável que apresentou um papel preditor positivo e o sexo do participante prediz negativamente as práticas de *cyberbullying*. Deste modo, mostra-se importante informar sobre a importância das emoções no controlo dos comportamentos agressivos *online* e promover o desenvolvimento de competências emocionais para diminuir a ocorrência de *cyberbullying*.

Palavras-chave: *cyberbullying*, regulação emocional, adolescentes, agressores, intervenção

Abstract

Cyberbullying is an aggressive behavior practiced through new technologies, and emotional regulation plays an essential role in its dissemination. Therefore, the main objective of the present study was to explore the phenomenon of cyberbullying, from the perspective of the aggressors and their relationship with the difficulties of emotional regulation. The final sample consisted of 422 participants, with ages between 12 and 17 years old, who attend the 2nd, 3rd cycles in schools and Secondary Education, in the North region of Portugal. A Sociodemographic Questionnaire, the Cyberbullying Questionnaire (CBQ) and the Difficulties in Emotion Regulation Scale (DERS) were used. It was verified that 37% of the participants responded affirmatively to at least one of the items referring to the perpetration of cyberbullying. It has been found that males engage in more cyberbullying when compared to females. Differences were observed between the group of adolescents who spend less than 2 hours connected to the internet and those who spend 2 to 5 hours and more than 6 hours online. An increase in cyberbullying behaviors has been identified in the group of adolescents who spend more than 6 hours a day on the internet. In addition, positive associations between cyberbullying behaviors and difficulties in emotional regulation have been observed. Difficulties in impulse control were found to be the only variable that presented a positive predictor role, and the gender of the participant negatively predicts cyberbullying practices. Therefore, it is important to inform about the importance of emotions in controlling aggressive behavior online and promote the development of emotional skills to decrease the occurrence of cyberbullying.

Keywords: cyberbullying, emotion regulation, adolescents, aggressors, intervention

Introdução

A utilização de dispositivos eletrónicos com acesso à internet, tem enfrentado um crescimento considerável nos últimos anos (Ngantcha et al., 2018), sendo estes reconhecidos como poderosos instrumentos de comunicação e lazer para os mais diversos grupos populacionais, especialmente para a geração de adolescentes (Iranzo et al., 2019) que são verdadeiros nativos digitais (Park & Kwon, 2021). De acordo com os dados da PORDATA (2022a), em 2022, a utilização de internet no grupo etário dos 16 aos 24 anos foi de 100%. No que diz respeito ao sexo, é possível concluir que à semelhança dos restantes anos, em 2022, o sexo masculino exibiu maior percentagem de utilização da internet (85.5 %) comparativamente ao sexo feminino (83.6%) (PORTDATA, 2022b). Uma das principais consequências do isolamento e das restrições de contacto impostas em tempos de pandemia COVID-19, foi o aumento do número de utilizadores da internet (Fegert et al., 2020), sendo que o acesso à mesma se tornou um fator essencial de sobrevivência (De' et al., 2020), o que se tem vindo a revelar uma situação preocupante.

Atualmente, a interação entre os indivíduos, encontra-se fortemente invadida pelos media, sendo que as atividades que no passado exigiam uma participação ativa na vida social estão a alterar-se de forma progressiva, havendo a possibilidade de partilhar conhecimentos com o resto do mundo de forma rápida e económica (Tezer et al., 2020). Contudo, apesar dos benefícios e das oportunidades que as novas tecnologias oferecem a todos os seus utilizadores (Li et al., 2020), têm sido despertadas grandes preocupações devido às atividades prejudiciais praticadas através das mesmas (Kwan et al., 2020). Um risco tecnológico atual, consequente dos grandes avanços das tecnologias de informação e comunicação, é o *cyberbullying* (Choi et al., 2019; Garrett et al., 2016; Kowalski et al., 2019). Assim, é de salientar que os jovens que passam mais tempo conectados à internet

são os que experienciam o fenómeno em maior número, o que tem vindo a aumentar a preocupação face à redução do uso da internet nos adolescentes (Rao et al., 2019).

Cyberbullying

O *cyberbullying* surgiu como uma nova forma de violência entre os jovens (Moreno-Ruiz et al., 2019), sendo caracterizado como um comportamento intencional e repetido, onde os dispositivos eletrónicos são utilizados (Tokunaga, 2010) para humilhar, ameaçar e intimidar o outro (Grifoni et al., 2021). Uma característica crucial deste fenómeno, assenta no facto que os indivíduos nele envolvidos, se encontram no mesmo período de desenvolvimento (Torralba et al., 2020). O *cyberbullying* envolve atos como enviar insultos e humilhações por *e-mails*, mensagens instantâneas, *websites* ou outros meios digitais, realidade esta que tem gerado alguma preocupação, devido ao seu impacto nocivo nos adolescentes (Chu et al., 2018; Olweus & Limber, 2018). Deste modo, verifica-se que o *bullying* tradicional transcende o ambiente escolar e instala-se nas redes sociais (Lee et al., 2018). Comparado com o *bullying*, este comportamento disruptivo, pode trazer consequências mais danosas, uma vez que pode atingir um público mais vasto (Bozyiğit et al., 2021), ocorrer a qualquer hora do dia (Tokunaga, 2010) e oferece um maior anonimato, devido à falta de contacto direto com a vítima (Peter & Petermann, 2018). Além disso, a divulgação de conteúdos produz uma impressão digital, que pode permanecer disponível nas redes sociais por tempo indefinido (Bozyiğit et al., 2021) e ser visualizado por familiares, amigos, professores, entre outros (Englander et al., 2017; Torralba et al., 2020).

Segundo Willard (2005), dentro das práticas de *cyberbullying* mais comuns, as que se destacam são o *flaming*, que envolve o envio de mensagens insensíveis sobre uma pessoa para essa pessoa ou para um grupo *online*; o assédio *online*, que se refere ao envio repetido de mensagens ofensivas; o *cyberstalking*, que move o assédio ao enviar

mensagens ameaçadoras para a vítima; a exclusão, onde os indivíduos são excluídos deliberadamente do grupo *online*, sendo alvos de estigmatização; a difamação, que ocorre quando o agressor partilha informação falsa sobre uma pessoa; a simulação, onde o *cyber* agressor finge ser outra pessoa, publicando informações prejudiciais sobre um indivíduo; e o engano, que ocorre quando o agressor engana um indivíduo para obter informação confidencial sobre ele e, posteriormente, publica a mesma. É possível fazer uma distinção entre agressões *online* diretas, que consistem em ataques verbais e sociais direcionados à vítima, a fim de a irritar e incomodar, e indiretas, onde os perpetradores roubam a identidade de outrem, manipulam conteúdos e praticam *hacking*, alterando a *password* para impossibilitar o acesso do indivíduo às suas contas pessoais (Buelga et al., 2020; de Pasquale et al., 2021).

Os incidentes de *cyberbullying*, como por exemplo, a publicação de fotografias impróprias, podem ser divulgados facilmente (Ansary, 2020) e chegar a uma audiência potencialmente grande (Englander et al., 2017), gerando sentimentos de vergonha nas vítimas (Torralba et al., 2020). A perceção de que as agressões não serão denunciadas por parte das vítimas, a reduzida supervisão dos pais, a falta de repercussões e a escassa intervenção por parte dos observadores, constituem grandes contributos para a difusão do fenómeno (Kowalski et al., 2019). Deste modo, a resposta dada por parte das vítimas e dos seus progenitores, consiste num fator de extrema relevância, a fim de serem estipuladas consequências para os agressores (Ortega-Barón et al., 2019).

Os equipamentos mais utilizados para as práticas de *cyberbullying*, são os telemóveis, computadores pessoais, *tablets*, relógios com ligação à internet e consolas de videojogos (Torralba et al., 2020). Segundo Kowalski et al. (2019), os jogos *online*, maioritariamente utilizados por jovens em idade escolar, permitem aos seus utilizadores

conversarem através de auscultadores, sendo este um dos meios mais comuns de propagação das práticas de *cyberbullying*.

No que concerne aos intervenientes em situações de *cyberbullying*, existem os observadores, as vítimas e os agressores (Dorol-Beauroy-Eustache & Mishara, 2021). Os perpetradores muitas vezes atuam anonimamente, utilizando nomes falsos nas redes sociais, o que constitui um fator vantajoso para os adolescentes se envolverem em comportamentos de *cyberbullying*, visto que a dificuldade em identificar os agressores, facilita a perpetração a qualquer hora do dia (Kowalski et al., 2014). Contudo, importa considerar que o anonimato não é uma condição necessária para a perpetração de *cyberbullying*, pois existe a possibilidade de as vítimas serem capazes de identificar os agressores (Barlett et al., 2016). De acordo com a literatura, existe um conjunto de fatores de risco para a perpetração, como a baixa autoestima, a ansiedade, o desinteresse moral, os elevados níveis de impulsividade, a perpetração e vitimização de *bullying* tradicional e o fácil acesso às novas tecnologias (Hinduja & Patchin, 2010; Kowalski et al., 2019; Zych et al., 2019).

Numa perspetiva geral, não existe uma conclusão consistente quanto à prevalência das práticas de *cyberbullying* face ao sexo, havendo autores que admitem que o sexo feminino está mais propenso a envolver-se em comportamentos agressivos na internet (Görzig & Ólafsson, 2012), enquanto outros apontam o contrário, afirmando que o sexo masculino ocupa maioritariamente o papel de agressor (Torralba et al., 2020). Para além disso, admite-se que a adolescência se caracteriza como um período extremamente vulnerável, no qual a utilização problemática das novas tecnologias, tem contribuído para que o *cyberbullying* atinga níveis alarmantes (Kumari & Singh, 2022; Şimşek et al., 2019).

Regulação emocional

A adolescência é pautada por um conjunto de alterações ao nível cognitivo, emocional e das relações interpessoais, o que implica uma maior vulnerabilidade e dificuldade na regulação das emoções (Herd & Kim-Spoon, 2021). As emoções têm um efeito positivo e adaptativo no sentido de direcionarem os indivíduos na satisfação das suas necessidades, sendo capazes de organizar e modelar o comportamento e desenvolvimento humano (Fischer et al., 1990). Deste modo, caracterizam-se como forças inevitáveis que exercem uma grande influência sobre o comportamento e pensamento humano (Brosch, 2021), pois quando se mostram desorganizadas podem interferir no normal funcionamento dos indivíduos (Roth et al., 2019).

O processo através do qual os indivíduos gerem as suas próprias respostas emocionais aos estímulos, designa-se de regulação emocional (Young et al., 2019), sendo esta fundamental para o desenvolvimento saudável dos adolescentes (Otterpohl et al., 2022). Segundo Thompson (1994), a regulação emocional trata-se de um processo intrínseco e extrínseco que se responsabiliza pela avaliação, alteração e controlo de reações emocionais, a fim de atingir objetivos. Segundo o Modelo de Regulação Emocional de Gross (2015), a mesma é definida como uma alteração dos estados emocionais feita a partir de um processo constituído por três estádios, nomeadamente a identificação, seleção e implementação. A identificação, é o estádio em que as emoções são percebidas e valorizadas como negativas e/ou positivas, relacionando a possibilidade de regular as mesmas; a seleção, assenta em avaliar as estratégias de regulação emocional a utilizar em função dos recursos disponíveis; e a implementação consiste em avaliar os fatores contextuais, a fim de identificar a abordagem mais promissora para a implementação da estratégia selecionada (Gross, 2015). A regulação emocional desempenha um papel modificador que possibilita a filtração de conteúdos relevantes e,

por conseguinte, motiva o indivíduo a enfrentar situações exaustivas e ameaçadoras de forma a não desenvolver reações de stresse ou medo (Gross, 1998). A Teoria da Autodeterminação, que considera as emoções importantes para o comportamento e promotoras do crescimento psicológico (Roth et al., 2019), defende que a natureza adaptativa ou não adaptativa das estratégias de regulação emocional, pode ser entendida a partir da interação das mesmas, com experiências psicológicas de satisfação ou frustração (Brenning et al., 2022).

É na adolescência que as capacidades de regulação emocional se desenvolvem, sendo marcadas por oscilações (Young et al., 2019). Deste modo, surge o termo desregulação emocional que se define como um fator de grande suscetibilidade, associado a comportamentos inibidores, impulsivos, problemas interpessoais e de saúde mental (Weissman et al., 2019). De acordo com Herd e Kim-Spoon (2021), a melhoria das relações interpessoais dos adolescentes e o desenvolvimento de competências para os ajudar a estabelecer amizades mútuas, poderão contribuir para a atenuação do risco de desregulação emocional.

***Cyberbullying* e regulação emocional**

O *cyberbullying* tornou-se um grave problema a nível mundial, sendo que com o passar dos anos o interesse pelo seu estudo foi crescendo de forma significativa (Chun et al., 2020). Deste modo, tem vindo a ser notificada uma preocupação crescente face aos fatores associados a este fenómeno (Jiang et al., 2022). Muitos estudos têm-se centrado na identificação dos seus possíveis fatores de influência, sendo um deles as dificuldades na regulação das emoções (Arató et al., 2020; Gross, 1998; Vranjes et al., 2018). A dificuldade na regulação das emoções, segundo várias investigações, é impulsionadora de comportamentos desadaptativos entre os quais se destacam, a perpetração de *cyberbullying* (e.g., Chen et al., 2017; Jiang et al., 2022). Deste modo, para reduzir a

ocorrência de comportamentos agressivos *online*, os adolescentes deverão desenvolver formas eficientes de regulação emocional, a fim de agilizarem as dificuldades e os acontecimentos negativos, bem como reduzirem as suas condutas desajustadas (Jiang et al., 2022). Porém, são poucos os estudos que se têm debruçado sobre a relação entre as dificuldades na regulação emocional e os comportamentos agressivos *online* (Fabris et al., 2022). Vários autores concluíram que quanto maior a regulação emocional do indivíduo, menor a probabilidade de se envolver no *cyberbullying* (Mujidin et al., 2023; Wigati et al., 2020). Por outro lado, den Hamer e Konijn (2016) verificaram que a utilização de estratégias de regulação emocional não se revela suficiente para a diminuição de comportamentos de *cyberbullying*.

Estudos realizados em países asiáticos com adolescentes, verificaram uma relação entre dificuldades na regulação emocional e problemas interpessoais e de adaptabilidade (Liu et al., 2019). O estudo de Contardi et al. (2016), concluiu que a hostilidade e agressividade resultam da utilização de estratégias de regulação emocional disfuncionais, logo reduzidos níveis de regulação emocional são explicativos da adoção de condutas agressivas (Rice et al. 2019). O poder, a diversão e a vingança, são apontados como fatores encorajadores para a perpetração de *cyberbullying*, havendo uma intenção para ferir repetitivamente o outro neste tipo de comportamento (Peter & Petermann, 2018). Estudos prévios denotaram que os *cyber* agressores apresentam dificuldades em controlar os seus impulsos, bem como limitações em aceder às estratégias de regulação emocional (Gül et al., 2019). A regulação emocional pode não ter apenas uma ligação direta com o *cyberbullying*, podendo servir também de mediador entre os fatores sociais e a prática de agressões *online*, visto que a sua origem está intimamente relacionada com o suporte familiar e dos pares durante a adolescência (Arató et al., 2022). Em um estudo realizado em Israel, foi verificado que os alunos com elevadas habilidades emocionais apresentam

uma menor tendência para se envolverem em práticas de *cyberbullying* (Eden et al., 2016). Em Espanha, num estudo com uma amostra representativa de adolescentes, foi concluído que os perpetradores de *cyberbullying* apresentam baixas competências emocionais (Zych et al., 2018). Numa investigação realizada na Indonésia, verificou-se que a regulação emocional contribui em grande escala para a prática de *cyberbullying*, sendo que indivíduos capazes de regular as suas emoções são mais sensíveis às possíveis consequências das suas ações (Wigati et al., 2020). Portanto, a regulação emocional desempenha um papel vital na prevenção de *cyberbullying*, pois através da mesma os indivíduos reduzem o comportamento agressivo, a fim de não prejudicar o outro (Mujidin et al., 2023).

Em Portugal, existe um número escasso de estudos que abordam os comportamentos de *cyberbullying* e as dificuldades na regulação emocional nos jovens, ou seja, as relações entre ambas as variáveis ainda não foram devidamente exploradas. No contexto português, a prevalência das práticas de *cyberbullying* parecem diferir dos restantes países, o que pode dever-se a questões culturais, ao sistema educacional e à estratificação socioeconómica (e.g., acesso à tecnologia) que são apontados como fatores responsáveis pelas variações interculturais no *cyberbullying* (Smith et al., 2018). Devido ao crescimento repentino das práticas de *cyberbullying* verificado junto dos adolescentes do século XXI, Pessoa et al. (2019) defendem que é uma temática que exige reflexão e preocupação a nível mundial. A investigação das consequências do *cyberbullying* tem-se revelado consensual no alertar para a gravidade dos comportamentos (Pessoa et al., 2019) e para a necessidade de avanços na teoria e nas evidências empíricas associadas, a fim de promover o desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção eficientes para combater as más práticas *online* (Ansary, 2020; Zhu et al., 2021). Portanto, um avanço no conhecimento sobre como os agressores lidam com as suas emoções durante o período

em que praticam *cyberbullying*, poderá contribuir para a identificação precoce dos perfis de vulnerabilidade e para o posterior reconhecimento dos indivíduos com maior risco de perpetração (Quintana-Orts et al., 2023).

Face ao exposto anteriormente, e dado ao número reduzido de estudos, sobretudo em Portugal, que exploram ambas as variáveis, o presente estudo tem por objetivos: (i) determinar a prevalência dos comportamentos de *cyberbullying* nos adolescentes da amostra em estudo; (ii) verificar as diferenças dos comportamentos de *cyberbullying* em função das variáveis sociodemográficas, como o sexo do participante e de utilização da internet, como o número de horas passadas *online*; (iii) avaliar a associação entre os comportamentos de *cyberbullying* e as dimensões das dificuldades na regulação emocional; e (iv) analisar o efeito preditor das dimensões das dificuldades na regulação emocional e do sexo do participante nos comportamentos de *cyberbullying*.

Método

Este estudo é de carácter quantitativo descritivo, pretendendo apresentar resultados utilizando estatísticas descritivas (Barker et al., 2002). Baseia-se no paradigma correlacional, visto que se pretende avaliar a relação entre duas variáveis, a fim de verificar se estas covariam, correlacionam, ou se existe alguma associação entre elas (Barker et al., 2002). Além disso, é um estudo de cariz transversal, uma vez que as observações são realizadas num único momento (Barker et al., 2002).

Participantes

A amostra final foi constituída por 422 participantes, com idades compreendidas entre os 12 e 17 anos ($M=14.07$; $DP=1.67$), dos quais 239 adolescentes são do sexo feminino (56.6%) e 183 do sexo masculino (43.4%). Todos os inquiridos são estudantes do 2º, 3º ciclos e Ensino Secundário, em escolas na região Norte de Portugal, sendo que o nível de escolaridade variou entre o 7º e 12º ano, entre os quais 18.7% frequentam o 7º

ano, 32.5% o 8º ano, 23% o 9º ano, 5% o 10º ano, 8.3% o 11º ano e 12.6% o 12º ano. No que concerne à nacionalidade dos adolescentes, a maioria são de nacionalidade portuguesa (96.9%). Além disso, 27.5% dos participantes vive unicamente com a mãe e o pai e quanto ao estado civil dos pais, a maioria dos participantes provêm de famílias com pais casados (78%), seguida de famílias com pais divorciados (9.5%). A maioria tem irmãos (80.1%), sendo que mais de metade respondeu que tem um(a) irmã(o) (57.8%). Quanto ao tipo de escola, 86.5% dos inquiridos frequentam o ensino público. No que concerne à utilização da internet, a idade de início de utilização variou entre os 2 e 15 anos ($M = 8.65$; $DP = 2.19$), por sua vez mais de metade dos adolescentes passam 2 a 5 horas (64.5%) diárias na internet. Por fim, o *YouTube* é a rede social mais utilizada pelos adolescentes em estudo (28.4%).

Instrumentos

No presente estudo, foi utilizado um **Questionário Sociodemográfico**, com a finalidade de realizar um levantamento dos dados sociodemográficos dos participantes, com questões referentes ao sexo, idade, ano de escolaridade, nacionalidade, com quem vive, estado civil dos pais, se tem irmãos, que tipo de escola frequenta, e ainda, da sua utilização da internet, como idade de início, tempo diário despendido *online* (em horas) e a rede social mais utilizada.

O ***Cyberbullying Questionnaire*** (CBQ), instrumento selecionado para avaliar a frequência de 17 tipos de comportamento de *cyberbullying*, construído por Calvete et al. (2009). A versão portuguesa do instrumento foi desenvolvida por Pinto (2011). O instrumento é constituído por 17 itens, onde é solicitado aos participantes que assinalem a frequência com que realizaram o comportamento descrito em cada item (Pinto, 2011). Os tipos de resposta são distribuídos numa escala do tipo *Likert* (0 – Nunca; 1 – Às vezes; 2 – Muitas vezes) (Pinto, 2011). No presente questionário, é possível obter um valor total,

a partir do somatório das respostas dadas aos 17 itens, sendo que pontuações elevadas indicam níveis elevados de comportamentos de *cyberbullying* (Pinto, 2011). Na versão original do instrumento, a sua fidelidade apresentou uma elevada consistência interna, registando um alfa de *Cronbach* de .96 (Calvete et al., 2009). A versão portuguesa do instrumento apresenta uma boa consistência interna com um coeficiente de alfa de *Cronbach* de .91 (Pinto, 2011). No presente estudo, a estrutura final do questionário com 16 itens, obteve um coeficiente de alfa de *Cronbach* de .89.

De seguida, foram realizadas Análises Fatoriais Confirmatórias de 1ª ordem, com recurso ao programa estatístico *AMOS* (versão 28), tendo sido feita uma análise dos índices de ajustamento do modelo. No CBQ foi eliminado o item 17, com o intuito de obter índices de ajustamento satisfatórios ($\chi^2 (DF = 17) = 1.666; p > .001$; RMSEA=.04; CFI=.99, NFI=.98).

Para avaliar as dificuldades na regulação emocional na amostra em estudo, recorreu-se ao *Difficulties in Emotion Regulation Scale* (DERS), desenvolvido por Gratz e Roemer (2004) e validado para a população portuguesa por Veloso et al. (2011). Esta escala é constituída por 36 itens, sendo que os tipos de resposta são distribuídos numa escala do tipo *Likert* de 5 pontos, cujas modalidades de resposta vão de 1 (Quase nunca), 2 (Algumas vezes), 3 (Cerca de metade do tempo), 4 (A maior parte do tempo) e 5 (Quase sempre) (Veloso et al., 2011). A escala apresenta 11 itens invertidos (1, 2, 6, 7, 8, 10, 17, 20, 22, 24, 34). Os itens encontram-se distribuídos por seis dimensões, sendo elas: Não aceitação da resposta emocional (itens 11, 12, 21, 23, 25) “Quando estou perturbado(a), aborrecido(a), zangado(a), preocupado(a) fico zangado(a) comigo mesmo(a) por me sentir assim”; Dificuldades em iniciar comportamentos orientados para objetivos (itens 13, 18, 20, 26, 33) “Quando estou perturbado(a), aborrecido(a), zangado(a), preocupado(a) tenho dificuldade em fazer o meu trabalho”; Dificuldades no

controlo dos impulsos (itens 3, 14, 19, 24, 27, 32) “Experiencio as minhas emoções como avassaladoras e fora de controlo”; Falta de consciência das emoções (itens 2, 6, 8, 10, 17, 34) “Presto atenção à forma como me estou a sentir”; Acesso limitado a estratégias de regulação emocional (itens 15, 16, 22, 28, 30, 31, 35, 36) “Quando estou perturbado(a), aborrecido(a), zangado(a), preocupado(a) acredito que vou continuar assim por muito tempo”; e Falta de clareza emocional (itens 1, 4, 5, 7, 9) “Para mim os meus sentimentos são claros”, sendo que a pontuação total varia entre 36 e 180 pontos (Veloso et al., 2011). Relativamente às suas propriedades psicométricas, na versão original foi verificada uma elevada consistência interna, tendo sido obtido um alfa de *Cronbach* de .93 (Gratz & Roemer, 2004). Na versão portuguesa do instrumento foi identificada uma elevada consistência interna, registando um alfa de *Cronbach* total de .90 (Veloso et al., 2011). No presente estudo, a estrutura final do instrumento com 34 itens, obteve um coeficiente de alfa de *Cronbach* de .92 para a escala total, .84 para o fator “Não aceitação da resposta emocional”, .75 para o fator “Falta de clareza emocional”, .82 para o fator “Acesso limitado a estratégias de regulação emocional”, .76 para o fator “Dificuldades no controlo dos impulsos”, .79 para o fator “Dificuldades em iniciar comportamentos orientados para objetivos” e .81 para o fator “Falta de consciência das emoções”.

Posteriormente, foram realizadas Análises Fatoriais Confirmatórias de 1ª ordem, através do programa estatístico *AMOS* (versão 28), onde foi feita uma análise dos índices de ajustamento do modelo. Neste instrumento os itens 17 e 34 foram eliminados por apresentarem cargas fatoriais baixas (Ximénez, 2009) ($\chi^2 (DF = 63) = 3.756; p < .001$; RMSEA=.08; CFI=.94, NFI=.93).

Procedimento

Inicialmente, foi solicitada autorização à Comissão de Ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (CE-UTAD). Com vista à implementação do protocolo em

contexto escolar, foi elaborado um pedido de autorização à Direção-Geral de Educação (DGE), com recurso à plataforma Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (MIME). Após a obtenção do parecer da DGE, foram contactadas as Direções de algumas Escolas Secundárias da região Norte de Portugal, a fim de realizar o pedido de autorização para a recolha de dados nas respetivas instituições. Após recebidas as autorizações, os Diretores das Escolas contactaram os Diretores de Turma, solicitando a sua colaboração para a entrega dos Consentimentos Informados aos alunos, estes dirigidos aos encarregados de educação para que tomassem conhecimento das condições e objetivos do estudo e, se assim o entendessem, autorizassem os educandos a participar no mesmo. Posteriormente, foram entregues os protocolos nas escolas, sendo que os Diretores das instituições, que se disponibilizaram a colaborar nesta investigação, decidiram que a aplicação dos questionários deveria ser feita pelos Diretores de Turma, tendo sido administrados em contexto de sala de aula. De forma a salvaguardar a heterogeneidade da amostra, em cada escola, as turmas foram escolhidas tendo em conta as diferentes idades e anos de escolaridade, ambos previamente definidos.

Análise de dados

Tendo em conta a natureza do tipo de estudo, a análise estatística foi realizada com recurso ao programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) (versão 28). Após a introdução dos dados na base de dados, procedeu-se à limpeza da amostra que consistiu em excluir os *missing* e os *outliers*, estes considerados prejudiciais para a análise estatística. No que concerne aos *missings*, no caso de um participante apresentar uma percentagem de respostas ausentes superior a 10%, foi excluído da amostra. Relativamente à identificação dos *outliers*, com a finalidade de excluir os valores considerados extremos, foram realizadas análises univariadas, com a determinação do *Z-score* e análises multivariadas, recorrendo à distância de *Mahalanobis*. Assim, excluíram-

se 42 participantes da amostra recolhida. Posteriormente, procedeu-se à criação das dimensões dos instrumentos e da inversão de itens negativos, identificados na versão portuguesa dos instrumentos. De seguida, foi testada a normalidade através do processo de inferência estatística da distribuição normal, calculando os valores de *kurtosis* (curtose) e *skewness* (assimetria), assumindo-se o cumprimento da normalidade, uma vez que o tamanho da amostra é grande ($n > 30$) (Gravetter & Wallnau, 2013). Foram realizadas análises psicométricas, com o intuito de verificar a confiabilidade dos instrumentos, através do coeficiente alfa de *Cronbach*. De acordo com Ribeiro (2010), quando o alfa de *Cronbach* excede o valor .80, é sugestivo de uma confiabilidade satisfatória, porém, valores superiores a .60 são, no entanto, valores aceitáveis quando as escalas têm um número reduzido de itens.

Seguidamente, através do programa *AMOS* (versão 28) foram conduzidas Análises Fatoriais Confirmatórias de 1ª ordem, com o intuito de proceder a uma análise dos índices de ajustamento dos modelos.

No que concerne à análise estatística, foram utilizados testes paramétricos, visto que são robustos à violação do pressuposto da normalidade, desde que as dimensões das amostras não sejam extremamente pequenas e as distribuições não sejam significativamente enviesadas ou achatadas (Marôco, 2018). Foi utilizado o nível de significância de .05 para ser efetuada a análise dos dados. Assim, foram realizadas análises diferenciais, com recurso a análises de variância univariada (ANOVA's), onde foi identificado o valor de eta parcial ao quadrado cujo valor pode variar entre 0 e 1, sendo que não existe efeito de magnitude quando o valor é $<.01$, o efeito é pequeno quando o valor $\geq .01$, moderado quando é $>.06$ e forte quando o valor é $>.14$ (Cohen, 1988). Para além disso, para medir a correlação entre duas variáveis, foram desenvolvidas correlações de *Pearson*, com o objetivo de medir o grau de correlação linear entre as variáveis

quantitativas. Segundo Cohen (1988) correlações com valores entre .10 e .29 ou -.10 e -.29 são apontadas como baixas, com valores entre .30 e .49 ou -.30 e -.49 são moderadas e com valores entre .50 e 1 e -.50 e -1 são consideradas elevadas. Por último, procedeu-se à realização de uma regressão múltipla hierárquica, a fim de realizar análises preditivas.

Resultados

Prevalência dos comportamentos de *cyberbullying*

No que diz respeito à prevalência dos comportamentos de agressão por *cyberbullying*, verifica-se que, na amostra em estudo, 156 adolescentes (37%) responderam de forma afirmativa a pelo menos um dos itens referentes ao exercício de comportamentos de *cyberbullying*. Deste grupo, 76 (48.7%) são do sexo feminino e 80 (51.3%) são do sexo masculino.

Os comportamentos realizados com maior frequência dizem respeito a remover intencionalmente alguém de um grupo *online* (*chats*, listas de amigos, fóruns temáticos, etc.) (19.7%), manter lutas e discussões *online*, usando insultos, através de mensagens eletrónicas (17.5%), divulgar segredos, informações comprometedoras ou fotografias de alguém (8.3%), escrever piadas, boatos, mentiras ou comentários na internet, que colocam o outro numa situação ridícula (7.6%) e enviar links onde aparecem piadas, boatos, mentiras ou comentários acerca de um conhecido(a) ou amigo(a), para que outras pessoas vejam (7.6%).

Análise diferencial dos comportamentos de *cyberbullying* em função do sexo do participante

Procedeu-se a uma análise de variância univariada (ANOVA) com o intuito de analisar as diferenças entre o sexo feminino e o sexo masculino nos comportamentos de *cyberbullying*. Os resultados são apresentados na Tabela 1.

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o sexo masculino e o feminino [$F(1,420) = 6.440$; $p = .012$; $\eta p^2 = .015$]. A análise das médias marginais estimadas apontou que os adolescentes do sexo masculino revelam mais comportamentos de *cyberbullying*, apresentando uma média superior ($M = 1,09$; $DP = .21$) em comparação com os adolescentes do sexo feminino ($M = 1.05$; $DP = .14$). Com base nos valores de Cohen (1988), o tamanho do efeito do sexo nos comportamentos de *cyberbullying* revela-se pequeno ($\eta p^2 \geq .01$).

Tabela 1

Análise Diferencial dos Comportamentos de Cyberbullying em Função do Sexo do Participante

	Sexo	$M \pm DP$	Sentido da significância	N
CBQ	Masculino	$1.10 \pm .21$	1>2	183
	Feminino	$1.05 \pm .14$		239

Nota: CBQ = *Cyberbullying Questionnaire*; M = Média; DP = Desvio-padrão

Análise diferencial dos comportamentos de *cyberbullying* em função do tempo diário despendido na internet (em horas)

Desenvolveu-se uma análise de variância univariada (ANOVA), a fim de explorar as diferenças entre o tempo despendido *online* na prática de *cyberbullying*. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no tempo despendido na internet [$F(2,419) = 5.392$; $p = .005$; $\eta p^2 = .025$].

A análise das médias marginais estimadas permitiu identificar um aumento médio de comportamentos de *cyberbullying* no grupo de adolescentes que passam mais de 6 horas diárias conectados à internet em comparação com o grupo que passa menos de 2 horas e de 2 a 5 horas diárias na internet. Como o tempo despendido na internet é uma variável independente com três grupos, foram realizadas análises *post-hoc*, recorrendo ao

teste de *Tukey*. As análises indicaram diferenças estatisticamente significativas no grupo que passa menos de 2 horas *online* entre os dois restantes grupos, nomeadamente os que passam de 2 a 5 horas na internet e aqueles que passam mais de 6 horas conectados à internet. Por outro lado, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas, entre o grupo que passa de 2 a 5 horas na internet e o grupo que passa mais de 6 horas *online* (consultar Tabela 2).

Tabela 2

Análise Diferencial dos Comportamentos de Cyberbullying, em Função do Tempo Diário Despendido na Internet

	Tempo despendido <i>online</i>	$M \pm DP$	Sentido da significância	N
CBQ	Menos de 2h	$1.02 \pm .04$	3>2>1	70
	De 2 a 5h	$1.07 \pm .17$		272
	Mais de 6h	$1.11 \pm .25$		80

Nota: CBQ = *Cyberbullying Questionnaire*; M = Média; DP = Desvio-padrão

Associação entre os diferentes comportamentos do CBQ e as diferentes dimensões da DERS

Procedeu-se a uma correlação de *Pearson*, com o intuito de analisar a associação entre os comportamentos do CBQ e as diferentes dimensões da DERS.

Foram identificadas associações estatisticamente significativas positivas baixas entre o CBQ e a “Não aceitação da resposta emocional” ($r = .096$; $p = < .05$), o “Acesso limitado a estratégias de regulação emocional” ($r = .154$; $p < .01$) e as “Dificuldades no controlo de impulsos” ($r = .218$; $p < .01$). Os resultados observados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3

Correlações entre os Comportamentos do CBQ e as Dimensões da DERS, Média e Desvio-Padrão (N=422)

	1	<i>M ± DP</i>
1. CBQ	-	1.07 ± .18
DERS		
Não aceitação da resposta emocional	.096*	2.36 ± 1.05
Falta de clareza emocional	.090	2.60 ± .90
Acesso limitado a estratégias de regulação emocional	.154**	2.35 ± .84
Dificuldades no controlo de impulsos	.218**	2.31 ± .83
Dificuldades em iniciar comportamentos orientados para objetivos	.027	3.09 ± .95
Falta de consciência emocional	.035	2.54 ± 1.00

Nota: CBQ = *Cyberbullying Questionnaire*; DERS = *Difficulties in Emotion Regulation Scale*; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; **p* < .05; ***p* < .01

Análises preditivas: Efeito preditor das dimensões da DERS e do sexo do participante nos comportamentos de *cyberbullying*

Foi realizada uma regressão múltipla hierárquica, a fim de analisar a capacidade preditiva das seis dimensões da DERS e do sexo do participante nos comportamentos de *cyberbullying*. Para a realização da análise foi criada a variável *dummy* que corresponde ao sexo do participante, sendo que (0 = sexo masculino) e (1 = sexo feminino) (consultar Tabela 4).

No que diz respeito ao bloco 1, este explica 1.5% da variância total nos comportamentos de *cyberbullying* ($R^2 = .015$), contribuindo individualmente com 1.3% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .013$), apresentando um contributo significativo [$F(1.420) = 6.440$; $p = .012$]. O bloco 2 apresenta igualmente um contributo significativo [$F(6.415) = 4.757$; $p = .000$] e explica 7.4% do total de variância ($R^2 = .074$) contribuindo individualmente com 5.9% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .059$). Quanto à análise individual das variáveis independentes, esta permitiu identificar apenas uma variável das dificuldades na regulação emocional como preditor positivo estatisticamente significativo, dos comportamentos de *cyberbullying*, sendo ela “Dificuldades no controlo

de impulsos” ($\beta = .227$; $p = .001$). Contudo, o sexo do participante ($\beta = -.123$; $p = .012$) foi, também, verificado como preditor negativo estatisticamente significativo dos comportamentos de *cyberbullying*.

Deste modo, as restantes variáveis, como a “Não aceitação da resposta emocional” ($\beta = -.076$; $p = .318$), a “Falta de clareza emocional” ($\beta = .050$; $p = .428$), o “Acesso limitado às estratégias de regulação emocional” ($\beta = .100$; $p = .242$), as “Dificuldades em iniciar comportamentos orientados a objetivos” ($\beta = -.094$; $p = .126$) e a “Falta de consciência emocional” ($\beta = -.006$; $p = .913$), não evidenciaram uma contribuição estatisticamente significativa.

Tabela 4

Papel Preditor das Dimensões da DERS e do Sexo do Participante nos Comportamentos de Cyberbullying

		<i>R</i> ²	<i>R</i> ^{2a}	B	SE	β	<i>t</i>	<i>p</i>
CBQ								
Bloco 1	Sexo (<i>dummy</i>)	.015	.013					
Bloco 2	DERS	.074	.059					
	Não aceitação da resposta emocional			-.013	.013	-.076	-1.000	.318
	Falta de clareza emocional			.010	.012	.050	.794	.428
	Acesso limitado a estratégias de regulação emocional			.021	.018	.100	1.171	.242
	Dificuldades no controlo de impulsos			.048	.014	.227	3.434	.001
	Dificuldades em iniciar comportamentos orientados para objetivos			-.017	.011	-.094	-1.533	.126
	Falta de consciência emocional			-.001	.010	-.006	-.110	.913

Nota: CBQ = *Cyberbullying Questionnaire*; DERS = *Difficulties in Emotion Regulation Scale*; nível de significância de $*p < .05$

Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal explorar o fenómeno do *cyberbullying*, na perspetiva dos agressores e a sua relação com as dificuldades na regulação emocional, em adolescentes a frequentar o 2º, 3º ciclos e o Ensino Secundário, em escolas da região Norte de Portugal. Mais especificamente, procurou-se determinar a prevalência das práticas de *cyberbullying* nos adolescentes da amostra em estudo, verificar as diferenças dos comportamentos de *cyberbullying* em função das variáveis sociodemográficas e das variáveis da utilização da internet, avaliar a associação entre os comportamentos de *cyberbullying* e as dimensões das dificuldades na regulação emocional, e ainda analisar o efeito preditor das dimensões das dificuldades na regulação emocional e do sexo do participante nos comportamentos de *cyberbullying*.

No que concerne à prevalência dos comportamentos de *cyberbullying*, os nossos resultados indicam que a taxa de participantes que respondeu afirmativamente a pelo menos um item do CBQ revela-se elevada (37%; $n = 156$) quando comparada a outros estudos realizados com adolescentes portugueses, como o de Fernandes (2013), no qual a prevalência foi de 17% ($n = 77$) e da Silva (2017) que foi de 10.32%. A evidência anterior pode dever-se ao tamanho da amostra e/ou à diversidade de métodos de obtenção de dados. Os resultados obtidos no presente estudo são semelhantes aos obtidos na versão portuguesa do instrumento, estudo realizado numa amostra de adolescentes portugueses com idades compreendidas entre os 12 e 18 anos (58%; $n = 76$) (Pinto, 2011). Para além disso, no presente estudo, os comportamentos que revelaram maior taxa de prevalência foram “Remover intencionalmente alguém de um grupo *online*” e “Manter lutas e discussões *online*, usando insultos, através de mensagens eletrónicas”, o que também se mostrou semelhante ao estudo supracitado. Assim, embora o *cyberbullying* se trate de um fenómeno relativamente antigo, as análises de prevalência realizadas nos diferentes

estudos, indicam que estes comportamentos tendem a transformar-se numa área de investigação cada vez mais importante. Pois, alguns adolescentes utilizam as novas tecnologias com a finalidade de prejudicar o outro (Kwan et al., 2020), o que tem contribuído para que as práticas de *cyberbullying* atinjam níveis preocupantes (Kumari & Singh, 2022; Şimşek et al., 2019).

Relativamente às diferenças entre o sexo feminino e o sexo masculino quanto às práticas de *cyberbullying*, as evidências são mistas. Os nossos resultados vão ao encontro daqueles obtidos por vários autores (e.g., Barlett et al., 2021; Buelga et al., 2015; Torralba et al., 2020; Wang et al., 2019; Wong et al., 2018; Yudes et al., 2022), sendo que foram encontradas diferenças significativas entre ambos os sexos, onde foi identificada maior prevalência de comportamentos de *cyberbullying* no sexo masculino, comparativamente com o sexo feminino, utilizando a *Malice Subscale of the Cyberbullying Experiences Survey* (CES; Doane et al., 2013), *Cyber-Aggressor Scale* (CYB-AGS; Buelga & Pons, 2012), *Cyberbullying Scale* (Wright, 2014) e o *European Cyberbullying Intervention Project Questionnaire* (ECIPQ; Brighi et al., 2012). Por outro lado, o estudo de Görzig e Ólafsson (2012) verificou maior prevalência de práticas de *cyberbullying* no sexo feminino do que no sexo masculino e outras investigações não concluíram diferenças entre ambos os sexos (e.g., Beckman et al., 2013; Gradinger et al., 2012; Smith et al., 2008). Contudo, a maioria das evidências empíricas mostram que o sexo masculino está mais propenso a envolver-se em comportamentos de *cyberbullying* (Martinez-Pecino & Durán, 2019; Kapitány-Fövény, et al., 2022), o que pode dever-se a fatores como as motivações para a perpetração, sendo que os indivíduos do sexo masculino que já assumiram o papel de vítimas, mostram-se mais suscetíveis de se envolverem em comportamentos de *cyberbullying* (Wong et al., 2018), às diferenças de género no acesso às novas tecnologias, sendo que em determinadas culturas o sexo masculino tem maior

liberdade para aceder aos meios de comunicação do que o sexo feminino (Tosun, 2016), ao facto dos indivíduos do sexo masculino serem mais impulsivos e agressivos, envolvendo-se mais em comportamentos de risco comparativamente ao sexo feminino (Rao et al., 2019) ou às diferenças nos papéis de género, pois em várias culturas os rapazes são encorajados a serem mais fortes e poderosos e, portanto, podem ter comportamentos mais agressivos dentro ou fora das redes sociais (Fan et al., 2019). Também o estudo de Kapitány-Fövény et al. (2022), realizado com jovens estudantes, concluiu que o sexo masculino se destaca como um fator de risco para as práticas de *cyberbullying*, bem como para a eficácia dos programas de intervenção, visto que os rapazes tendem a adotar comportamentos mais impulsivos, apresentam menores níveis de empatia para com as vítimas e uma menor perceção das consequências dos seus atos.

O avanço das novas tecnologias veio oferecer uma enorme comodidade à vida das pessoas, o que justifica o rápido aumento do número de seus utilizadores (Wang & Cheng, 2019), bem como do tempo despendido nas mesmas (Ryding & Kaye, 2018). O estudo de Lee e Shin (2017), realizado com uma amostra de adolescentes, concluiu que o tempo despendido em jogos *online* não se encontra relacionado com o aumento da perpetração de *cyberbullying*, porém, num outro estudo a variável tempo despendido em jogos durante a semana e a utilização ativa do telemóvel, foram apontados como fatores explicativos da ocorrência de *cyberbullying* (Shin & Ahn, 2015). Os nossos resultados indicam diferenças entre o tempo diário despendido na internet nos comportamentos de *cyberbullying*, verificando-se diferenças entre o grupo de jovens que passam menos de 2 horas *online* e os restantes dois grupos, nomeadamente, aqueles que passam 2 a 5 horas e os que passam mais de 6 horas *online*, não havendo diferenças entre o grupo de adolescentes que passa 2 a 5 horas *online* e o que passa mais de 6 horas conectados à internet. Estes resultados são consistentes com os obtidos por Sheikh et al. (2023), em que foram utilizados

intervalos de tempo diferentes e identificadas diferenças significativas na perpetração de *cyberbullying* com base no número de horas despendidas na internet, sendo que as práticas de *cyberbullying* foram mais significativas quando os participantes utilizavam a internet mais do que 12 horas por dia. Mas também com o estudo de Rao et al. (2019), realizado com uma população de jovens estudantes, tendo sido concluído que quanto maior o período de utilização da internet, maior o perigo dos alunos praticarem *cyberbullying*. E ainda, com outros estudos que defendem que os jovens que passam mais tempo conectados à internet apresentam maior tendência para praticar *cyberbullying* (e.g., Lee, et al., 2023; Li et al., 2023; Wang & Ngai, 2020). Este aumento pode estar relacionado com o facto dos jovens, portadores de dispositivos eletrónicos (e.g., telemóvel) passarem mais tempo *online*, o que pode contribuir para se tornarem mais experientes junto das novas tecnologias, aumentando assim, a perpetração de *cyberbullying* (Kowalski et al., 2014). Para além disso, no estudo de Villanueva-Moya et al. (2023) concluiu-se que os jovens que passam mais tempo conectados à internet, desenvolvem maiores níveis de comparação social, o que possivelmente ative elevados níveis de inveja, surgindo assim, um consequente aumento das práticas de *cyberbullying*.

A adolescência corresponde ao período de desenvolvimento onde são introduzidas novas situações sociais e emocionais, sendo comum nesta fase o aparecimento de dificuldades na regulação das emoções (Herd & Kim-Spoon, 2021). Quanto à associação entre os comportamentos de *cyberbullying* e as dimensões das dificuldades na regulação emocional, no presente estudo foi possível verificar associações positivas entre os comportamentos de *cyberbullying* e as dificuldades na regulação emocional, sendo que se espera que à medida que aumentem as dificuldades em regular as emoções, especificamente, a não aceitação da resposta emocional, o acesso limitado às estratégias de regulação emocional e as dificuldades no controlo de impulsos, aumenta a

probabilidade de praticar comportamentos de *cyberbullying*. Estes resultados são consistentes com os obtidos no estudo de Díaz-Buelvas e Puerta Herrera (2021) que concluíram que os *cyber* agressores apresentam maiores dificuldades no controlo do comportamento impulsivo, no acesso limitado às estratégias para modular as suas emoções, na não aceitação das suas emoções e, para além disso, verificaram que estes indivíduos evidenciam dificuldades em iniciar comportamentos orientados para objetivos. No estudo de Arató et al. (2022) foi verificado que os perpetradores de *cyberbullying* tendem a apresentar maiores dificuldades em regular as suas emoções, mais especificamente, no controlo dos seus impulsos e na compreensão das emoções, porém, neste estudo as dificuldades em aceder às estratégias de regulação emocional aparecem maioritariamente nas vítimas de *cyberbullying*. Alguns autores concluíram que um pior ajustamento emocional está associado ao aparecimento de comportamentos impulsivos nos jovens e a um maior envolvimento na perpetração de *cyberbullying* (Fanti et al., 2012; Gül et al., 2019). No entanto, os nossos resultados não são consistentes com os obtidos por den Hamer e Konijn (2016) que verificaram que a regulação emocional não tem influência na ocorrência de *cyberbullying*. Outros estudos apontam que os *cyber* agressores apresentam essencialmente uma falta de clareza emocional (Cañas et al., 2020) e uma baixa autoconsciência, a qual pode conduzir a uma falta de consciência emocional (Llorent et al., 2021). Portanto, as dificuldades na regulação das emoções aparecem positivamente associadas com as práticas de *cyberbullying* nos adolescentes (Arató et al., 2022; Cañas et al., 2020; Eden et al., 2016; Jiang et al., 2022; Mujidin et al., 2023), sendo que os indivíduos que evidenciam essas dificuldades, revelam-se incapazes de manter boas relações interpessoais, familiares, condições de aprendizagem, apresentando maior tendência para serem discriminados pelos seus pares, logo, expressam a sua insatisfação através do *cyberbullying* (Espelage & Hong, 2017). Neste sentido, a regulação emocional

desempenha um papel fundamental na prevenção de comportamentos agressivos *online*, logo, indivíduos capazes de regular as suas emoções apresentam maior sensibilidade face às consequências dos seus atos (Mujidin et al., 2023; Wigati et al., 2020).

Por fim, observou-se que as dificuldades na regulação emocional são um importante fator preditor dos comportamentos de *cyberbullying*, o que se mostra consistente com outros estudos (e.g., Mujidin et al., 2023; Khairi et al., 2022). No presente estudo, a dificuldade no controlo de impulsos foi a única dimensão das dificuldades na regulação emocional que apresentou um papel preditor positivo nos comportamentos de *cyberbullying*, sendo que apesar das associações encontradas, as restantes dimensões das dificuldades na regulação emocional não foram preditoras positivas dos comportamentos de *cyberbullying*. Ou seja, observou-se que as dificuldades no controlo de impulsos preveem de forma positiva as práticas de *cyberbullying*, sendo que se espera que quanto maior as dificuldades no controlo de impulsos, maior a probabilidade de praticar *cyberbullying*. Estes resultados são consistentes com estudos prévios (e.g., Gamez-Guadix & Gini, 2016; Guo, 2016; Song & Song, 2021), em que foi verificado que a impulsividade se apresenta como um preditor da perpetração de *cyberbullying*, pois durante as discussões no ambiente *online*, os indivíduos podem apresentar reações de raiva, tornando-se mais impulsivos nessas situações por razões de falta de pistas sociais, baixos níveis de empatia e possibilidade de esconderem a sua identidade (Peker & Yildiz, 2021). Mas também com o estudo de Pfetsch et al. (2022) que verificou que a experiência de emoções negativas, a utilização de estratégias de regulação negativas, bem como os problemas de regulação das emoções (e.g., dificuldades em controlar a impulsividade) aparecem positivamente relacionados com a prática de *cyberbullying*. É sabido que na adolescência ocorre o desenvolvimento da personalidade, onde é possível o aparecimento de traços de impulsividade. Estes, segundo alguns autores, são identificados como um

fator de risco associado ao *cyberbullying* (Álvarez-García et al., 2018; Zhu et al., 2021). Da mesma forma, Bresin (2019) defende que as múltiplas facetas da impulsividade aparecem positivamente associadas com os comportamentos agressivos *online*. Em contrapartida, num estudo prévio verificou-se que os comportamentos impulsivos predizem as práticas de *cyberbullying* apenas quando os adolescentes apresentam uma falta de sensibilidade e emoções face ao outro, pois nesta condição os indivíduos experimentam emoções menos positivas e superficiais, indiferença afetiva e dificuldades em estabelecer interações duradouras com as outras pessoas, o que pode despoletar neles uma maior impulsividade (López-Larrañaga & Orue, 2019). Quanto ao sexo do participante, os nossos resultados são consistentes com o estudo de Lee e Shin (2017) que indica que o sexo apresenta um efeito significativo na previsão da perpetração de *cyberbullying*, sendo que os rapazes apresentam maior predisposição para praticarem comportamentos agressivos *online* do que as raparigas. E ainda, com o estudo de Wong et al. (2014) que observou que o sexo foi identificado como fator preditor da perpetração de *cyberbullying*, sendo que um maior número de adolescentes do sexo masculino admitiram ter praticado algum comportamento de *cyberbullying* nos últimos 30 dias. Por outro lado, o estudo de Gao et al. (2020) concluiu que o sexo não é um preditor significativo da perpetração de *cyberbullying*, apresentando-se apenas como fator moderador entre o descomprometimento moral e a perpetração de *cyberbullying*.

Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros

O presente estudo procurou investigar os comportamentos de *cyberbullying*, na perspetiva dos agressores e a sua relação com as estratégias de regulação emocional numa amostra de adolescentes portugueses. Vários estudos confirmam a importância do estudo do *cyberbullying*, das suas consequências e da necessidade de avanços nas evidências empíricas. Para além disso, são muitas as investigações que corroboram a influência das

dificuldades na regulação emocional nas práticas de *cyberbullying*, porém, ainda existe pouca literatura que aborde a associação entre as variáveis em estudo, essencialmente no contexto português.

Os resultados obtidos na presente investigação, sugerem implicações importantes para o combate dos comportamentos de *cyberbullying* e promoção de estratégias de regulação emocional nos adolescentes portugueses. Deste modo, considera-se relevante desenvolver programas preventivos, em contexto familiar e escolar, no sentido de sensibilizar os pais sobre a importância de supervisionar a utilização das novas tecnologias por parte dos jovens e consciencializar os adolescentes sobre o impacto que os seus comportamentos agressivos *online* possam ter nas vítimas, de forma a impedir a crescente propagação do fenómeno e promover uma utilização das redes sociais mais saudável. Mostra-se igualmente pertinente desenvolver ações de formação, com recurso a *workshops*, palestras, políticas escolares para informar e alertar os professores sobre a possibilidade de os comportamentos agressivos *online* ocorrerem em contexto de sala de aula e instruí-los sobre como lidar com essas situações. Para além disso, os programas deverão incluir uma componente informativa sobre o papel das emoções no controlo dos comportamentos agressivos *online*, dirigida aos adolescentes, pais, professores e população em geral. Assim, mostra-se importante desacelerar o atual aumento dos comportamentos de *cyberbullying*, assim como prevenir as suas consequências negativas, sendo que para tal, o desenvolvimento de competências para uma melhor regulação das emoções poderá ser relevante (Turliuc et al., 2020).

São várias as limitações verificadas ao longo do processo de investigação, que podem servir como indicações e sugestões para estudos futuros. Em primeiro lugar, importa ressaltar a extensão do protocolo de investigação, aparentemente responsável pela exclusão da maioria dos *missings* e *outliers*. Importa destacar também o facto de o

presente estudo ser de carácter transversal, o que impossibilita criar relações de causa e efeito entre as variáveis em estudo. Outra limitação corresponde à utilização de questionários de autorrelato, o que facilita a aplicabilidade a grandes amostras, porém, dá origem a respostas por desejabilidade social. Além disso, a exclusão do item 17 do CBQ e dos itens 17 e 34 da DERS, poderá também ser apontada como uma limitação do presente estudo, uma vez que pode afetar a validade das escalas. Por fim, salienta-se ainda o tamanho da amostra que não é representativo da população portuguesa, pois apenas foi recolhida em algumas escolas da região Norte de Portugal, logo não pode ser feita uma generalização dos resultados.

Apesar do crescimento notório do estudo do *cyberbullying* nos últimos anos, são necessárias mais investigações acerca da sua dinâmica com as dificuldades na regulação emocional. Deste modo, em estudos futuros seria pertinente realizar estudos de carácter longitudinal, a fim de ser feita uma análise de comparações mais aprofundada; seria interessante utilizar uma amostra mais representativa, a partir da inclusão de um maior número de participantes de várias regiões de Portugal; poderia ser pertinente alargar a faixa etária, a fim de obter resultados mais significativos; incluir a perspetiva dos pais e professores, com o intuito de obter uma compreensão mais precisa da forma como os jovens se comportam e regulam emocionalmente; compreender se a adoção de diferentes estratégias de regulação emocional predizem os comportamentos de *cyberbullying*; clarificar o papel do sexo na perpetração de *cyberbullying*; e por último entender se os comportamentos de *cyberbullying* se relacionam com as dificuldades na regulação emocional, medindo algumas variáveis psicossociais (e.g., histórico psicopatológico, empatia).

Referências bibliográficas

- Álvarez-García, D., Núñez, J. C., García, T., & Barreiro-Collazo, A. (2018). Individual, family, and community predictors of cyber-aggression among adolescents. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 10(2), 79–88. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2018a8>
- Ansary., N. S. (2020). Cyberbullying: Concepts, theories, and correlates informing evidence-based best practices for prevention. *Aggression and Violent Behavior*, 50, 101343. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.101343>
- Arató, N., Zsidó, A. N., Lénárd, K., & Lábadi, B. (2020). Cybervictimization and cyberbullying: The role of socio-emotional skills. *Frontiers in Psychiatry*, 11, 248. <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2020.00248>
- Arató, N., Zsidó, A. N., Rivnyák, A., Péley, B., & Lábadi, B. (2022). Risk and protective factors in cyberbullying: The role of family, social support, and emotion regulation. *International Journal of Bullying Prevention*, 4(2), 160-173. <https://doi.org/10.1007/s42380-021-00097-4>
- Barker, C., Pistrang, N., & Elliott, R. (2002). *Research methods in clinical psychology: An introduction for students and practitioners*. John Wiley & sons.
- Barlett, C. P., Gentile, D. A., & Chew, C. (2016). Predicting cyberbullying from anonymity. *Psychology of Popular Media Culture*, 5(2), 171–180. <https://doi.org/10.1037/ppm0000055>
- Barlett, C. P., Seyfert, L. W., Simmers, M. M., Hsueh Hua Chen, V., Cavalcanti, J. G., Krahé, B., Suzuki, K., Warburton, W. A., Wong, R. Y. M., Pimentel, C. E., & Skowronski, M. (2021). Cross-cultural similarities and differences in the theoretical predictors of cyberbullying perpetration: Results from a seven-country study. *Aggressive Behavior*, 47(1), 111–119. <https://doi.org/10.1002/ab.21923>

- Beckman, L., Hagquist, C., & Hellström, L. (2013). Discrepant gender patterns for cyberbullying and traditional bullying: An analysis of Swedish adolescent data. *Computers in Human Behavior*, 29(5), 1896–1903. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.03.010>
- Bozyiğit, A., Utku, S., & Nasibov, E. (2021). Cyberbullying detection: Utilizing social media features. *Expert Systems with Applications*, 179, 115001. <https://doi.org/10.1016/j.eswa.2021.115001>
- Brenning, K., Soenens, B., Vansteenkiste, M., De Clercq, B., & Antrop, I. (2022). Emotion regulation as a transdiagnostic risk factor for (non)clinical adolescents' internalizing and externalizing psychopathology: Investigating the intervening role of psychological need experiences. *Child Psychiatry and Human Development*, 53(1), 124–136. <https://doi.org/10.1007/s10578-020-01107-0>
- Bresin, K. (2019). Impulsivity and aggression: A meta-analysis using the UPPS model of impulsivity. *Aggression and Violent Behavior*, 48, 124–140. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.08.003>
- Brighi, A., Guarini, A., Melotti, G., Galli, S., & Genta, M. L. (2012). Predictors of victimization across direct bullying, indirect bullying, and cyberbullying. *Emotional and Behavioral Difficulties*, 17(3–4), 375–388. <https://doi.org/10.1080/13632752.2012.704684>
- Brosch, T. (2021). Affect and emotions as drivers of climate change perception and action: A review. *Current Opinion in Behavioral Sciences*, 42, 15–21. <https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2021.02.00>
- Buelga, S., & Pons, J. (2012). Aggressions among adolescents through mobile phones and the internet. *Psychosocial Intervention*, 21, 91–101. <https://doi.org/10.5093/in2012v21n1a2>

- Buelga, S., Iranzo, B., Cava, M. J., & Torralba, E. (2015). Psychological profile of adolescent cyberbullying aggressors. *International Journal of Social Psychology*, 30(2), 382-406. <https://doi.org/10.1080/21711976.2015.1016754>
- Buelga, S., Postigo, J., Martínez-Ferrer, B., Cava, M. J., & Ortega-Barón, J. (2020). Cyberbullying among adolescents: Psychometric properties of the CYB-AGS Cyber-aggressor Scale. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(9), 3090. <https://doi.org/10.3390/ijerph17093090>
- Calvete, E., Orue, I., Estévez, A., Villardón, L., & Padilla, P. (2009). Cyberbullying in adolescents: Modalities and aggressors' profile. *Computers in Human Behavior*, 26, 1128-1135. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.03.017>
- Cañas, E., Estévez, E., Martínez-Monteagudo, M. C., & Delgado, B. (2020). Emotional adjustment in victims and perpetrators of cyberbullying and traditional bullying. *Social Psychology of Education: An International Journal*, 23(4), 917–942. <https://doi.org/10.1007/s11218-020-09565-z>
- Chen, L., Ho, S. S., & Lwin, M. O. (2017). A meta-analysis of factors predicting cyberbullying perpetration and victimization: From the social cognitive and media effects approach. *New Media & Society*, 19(8), 1194–1213. <https://doi.org/10.1177/1461444816634037>
- Choi, K. S., Cho, S., & Lee, J. R. (2019). Impacts of online risky behaviors and cybersecurity management on cyberbullying and traditional bullying victimization among Korean youth: Application of cyber-routine activities theory with latent class analysis. *Computers in Human Behavior*, 100, 1-10. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.06.007>
- Chu, X. W., Fan, C. Y., Liu, Q. Q., & Zhou, Z. K. (2018). Cyberbullying victimization and symptoms of depression and anxiety among Chinese adolescents: Examining

- hopelessness as a mediator and self-compassion as a moderator. *Computers in Human Behavior*, 86, 377-386. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.04.039>
- Chun, J., Lee, J., Kim, J., & Lee, S. (2020). An international systematic review of cyberbullying measurements. *Computers in Human Behavior*, 113, 106485. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106485>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Contardi, A., Imperatori, C., Penzo, I., Del Gatto, C., & Farina, B. (2016). The association among difficulties in emotion regulation, hostility, and empathy in a sample of young Italian adults. *Frontiers in Psychology*, 7, 1068. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01068>
- da Silva, D. I. F. (2017). *Cyberbullying e Ideação Suicida: Relação Com Estados de Humor e Consumo de Substâncias Psicoativas* [Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório digital da UBI. <https://hdl.handle.net/10400.6/8049>
- de Pasquale, C., Martinelli, V., Sciacca, F., Mazzone, M., Chiappedi, M., Dinaro, C., & Hichy, Z. (2021). The role of mood states in cyberbullying and cybervictimization behaviors in adolescents. *Psychiatry Research*, 300, 113908. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2021.113908>
- De', R., Pandey, N., & Pal, A. (2020). Impact of digital surge during Covid-19 pandemic: A viewpoint on research and practice. *International Journal of Information Management*, 55, 102171. <https://doi.org/10.1016/j.ijinfomgt.2020.102171>

- den Hamer, A., & Konijn, E. (2016). Can emotion regulation serve as a tool in combating cyberbullying? *Personality and Individual Differences*, 102, 1–6.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.06.033>
- Díaz-Buelvas, V. A., & Puerta Herrera, E. P. (2021). *Relación entre regulación emocional y cyberbullying en adolescentes barranquilleros durante confinamiento por Covid-19*. Corporación Universidad de la Costa.
- Doane, A. N., Kelley, M. L., Chiang, E. S., & Padilla, M. A. (2013). Development of the cyberbullying experiences survey. *Emerging Adulthood*, 1, 207–218.
<https://doi.org/10.1177/2167696813479584>
- Dorol-Beauroy-Eustache, O., & Mishara, B. L. (2021). Systematic review of risk and protective factors for suicidal and self-harm behaviors among children and adolescents involved with cyberbullying. *Preventive Medicine*, 152, 106684.
<https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2021.106684>
- Eden, S., Heiman, T., & Olenik-Shemesh, D. (2016). Bully versus victim on the internet: The correlation with emotional-social characteristics. *Education and Information Technologies*, 21, 699–713. <https://doi.org/10.1007/s10639-014-9348-2>
- Englander, E., Donnerstein, E., Kowalski, R., Lin, C. A., & Parti, K. (2017). Defining cyberbullying. *Pediatrics*, 140(2), 148–151. <https://doi.org/10.1542/peds.2016-1758U>
- Espelage, D. L., & Hong, J. S. (2017). Cyberbullying prevention and intervention efforts: Current knowledge and future directions. *Canadian Journal of Psychiatry. Revue Canadienne de Psychiatrie*, 62(6), 374–380.
<https://doi.org/10.1177/0706743716684793>

- Fabris, M. A., Longobardi, C., Morese, R., & Marengo, D. (2022). Exploring multivariate profiles of psychological distress and empathy in early adolescent victims, bullies, and bystanders involved in cyberbullying episodes. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(16), 9871. <https://doi.org/10.3390/ijerph19169871>
- Fan, C. Y., Chu, X. W., Zhang, M., & Zhou, Z. K. (2019). Are narcissists more likely to be involved in cyberbullying? Examining the mediating role of self-esteem. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(15), 3127–3150. <https://doi.org/10.1177/0886260516666531>
- Fanti, K. A., Demetriou, A. G., & Hawa, V. V. (2012). A longitudinal study of cyberbullying: Examining risk and protective factors. *European Journal of Developmental Psychology*, 9(2), 168–181. <https://doi.org/10.1080/17405629.2011.643169>
- Fegert, J. M., Vitiello, B., Plener, P. L., & Clemens, V. (2020). Challenges and burden of the Coronavirus 2019 (COVID-19) pandemic for child and adolescent mental health: a narrative review to highlight clinical and research needs in the acute phase and the long return to normality. *Child Adolescent Psychiatry Mental Health*, 14, 1-11. <https://doi.org/10.1186/s13034-020-00329-3>
- Fernandes, F. A. M. (2013). *Comportamentos de Cyberbullying na Adolescência: Frequência, caracterização e sua relação com a comparação social* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório ISMT. <https://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/897>
- Fischer, K. W., Shaver, P. R., & Carnochan, P. (1990). How emotions develop and how they organize development. *Cognition and Emotion*, 4(2), 81–127. <https://doi.org/10.1080/02699939008407142>

- Gamez-Guadix, M., & Gini, G. (2016). Individual and class justification of cyberbullying and cyberbullying perpetration: A longitudinal analysis among adolescents. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 44, 81-89. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2016.04.001>
- Gao, L., Liu, J., Wang, W., Yang, J., Wang, P., & Wang, X. (2020). Moral disengagement and adolescents' cyberbullying perpetration: Student-student relationship and gender as moderators. *Children and Youth Services Review*, 116, 105119. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.105119>
- Garett, R., Lord, L. R., & Young, S. D. (2016). Associations between social media and cyberbullying: A review of the literature. *mHealth*, 2, 46. <https://doi.org/10.21037/mhealth.2016.12.01>
- Görzig, A., & Ólafsson, K. (2013). What makes a bully a cyberbully? Unravelling the characteristics of cyberbullies across twenty-five European countries. *Journal of Children and Media*, 7(1), 9-27. <https://doi.org/10.1080/17482798.2012.739756>
- Gradinger, P., Strohmeier, D., & Spiel, C. (2012). Motives for bullying others in cyberspace: A study on bullies and bully-victims in Austria. In Q. Li, D. Cross, & P. K. Smith (Eds.), *Cyberbullying in the global playground: Research from international perspectives* (pp. 263–284). Wiley Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781119954484.ch13>
- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: Development, factor structure, and initial validation of the Difficulties in Emotion Regulation Scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 26(1), 41-54. <https://doi.org/10.1023/B:JOBA.0000007455.08539.94>

- Gravetter, F. J., & Wallnau, L. B. (2013). *Statistics for the behavioral sciences* (9 ed.). Wadsworth Cengage Learning.
- Grifoni, P., D'Andrea, A., Ferri, F., Guzzo, T., Felicioni, M. A., & Vignoli, A. (2021). Against cyberbullying actions: An Italian case study. *Sustainability*, 13(4), 2055. <https://doi.org/10.3390/su13042055>
- Gross, J. J. (1998). The emerging field of emotion regulation: An integrative review. *Review of General Psychology*, 2(3), 271–299. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.2.3.271>
- Gross, J. J. (2015). The extended process model of emotion regulation: Elaborations, applications, and future directions. *Psychological Inquiry*, 26(1), 130–137. <https://doi.org/10.1080/1047840X.2015.989751>
- Gül, H., Firat, S., Sertçelik, M., Gül, A., Gürel, Y., & Kiliç, B. G. (2019). Cyberbullying among a clinical adolescent sample in Turkey: Effects of problematic smartphone use, psychiatric symptoms, and emotion regulation difficulties. *Psychiatry and Clinical Psychopharmacology*, 29(4), 547-557. <https://doi.org/10.1080/24750573.2018.1472923>
- Guo, S. (2016). A meta-analysis of the predictors of cyberbullying perpetration and victimization. *Psychology in the Schools*, 53(4), 432-453. <https://doi.org/10.1002/pits.21914>
- Herd, T., & Kim-Spoon, J. (2021). A systematic review of associations between adverse peer experiences and emotion regulation in adolescence. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 24(1), 141–163. <https://doi.org/10.1007/s10567-020-00337-x>

- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2010). Bullying, cyberbullying, and suicide. *Archives of Suicide Research: Official Journal of the International Academy for Suicide Research*, 14(3), 206–221. <https://doi.org/10.1080/13811118.2010.494133>
- Iranzo, B., Buelga, S., Cava, M. J., & Ortega-Baron, J. (2019). Cyberbullying, psychosocial adjustment, and suicidal ideation in adolescence. *Psychosocial Intervention*, 28(2), 75-81. <https://doi.org/10.5093/pi2019a5>
- Jiang, Q., Zhao, F., Xie, X., Wang, X., Nie, J., Lei, L., & Wang, P. (2022). Difficulties in emotion regulation and cyberbullying among Chinese adolescents: A mediation model of loneliness and depression. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(1-2), 1105–1124. <https://doi.org/10.1177/0886260520917517>
- Kapitány-Fövény, M., Lukács, J. Á., Takács, J., Kitzinger, I., Soósné Kiss, Z., Szabó, G., Falus, A., & Feith, H. J. (2022). Gender-specific pathways regarding the outcomes of a cyberbullying youth education program. *Personality and Individual Differences*, 186, 111338. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2021.111338>
- Khairi, A. K., Li, W., Yeo, S. H., Tong, Y. S., Rahman, M. N. B. A., & Motevalli, S. (2022). The importance of emotional competence in preventing cyberbullying: The role of family as moderator. *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*, 12(4), 262–278. <https://dx.doi.org/10.6007/IJARBSS/v12-i4/13062>
- Kowalski, R. M., Giumetti, G. W., Schroeder, A. N., & Lattanner, M. R. (2014). Bullying in the digital age: A critical review and meta-analysis of cyberbullying research among youth. *Psychological Bulletin*, 140(4), 1073-1137. <https://dx.doi.org/10.1037/a0035618>

- Kowalski, R. M., Limber, S. P., & McCord, A. (2019). A developmental approach to cyberbullying: Prevalence and protective factors. *Aggression and Violent Behavior, 45*, 20–32. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.02.009>
- Kumari, K., & Singh, J. P. (2022). Multi-modal cyber-aggression detection with feature optimization by firefly algorithm. *Multimedia Systems, 28*(6), 1951-1962. <https://doi.org/10.1007/s00530-021-00785-7>
- Kwan, I., Dickson, K., Richardson, M., MacDowall, W., Burchett, H., Stansfield, C., ... & Thomas, J. (2020). Cyberbullying and children and young people's mental health: A systematic map of systematic reviews. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking, 23*(2), 72-82. <https://doi.org/10.1089/cyber.2019.0370>
- Lee, C., & Shin, N. (2017). Prevalence of cyberbullying and predictors of cyberbullying perpetration among Korean adolescents. *Computers in Human Behavior, 68*, 352-358. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.11.047>
- Lee, J. M., Hong, J. S., Yoon, J., Peguero, A. A., & Seok, H. J. (2018). Correlates of adolescent cyberbullying in South Korea in multiple contexts: A review of the literature and implications for research and school practice. *Deviant Behavior, 39*(3), 293–308. <https://doi.org/10.1080/01639625.2016.1269568>
- Lee, M. H. L., Kaur, M., Shaker, V., Yee, A., Sham, R., & Siau, C. S. (2023). Cyberbullying, social media addiction and associations with depression, anxiety, and stress among medical students in Malaysia. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 20*(4), 3136. <https://doi.org/10.3390/ijerph20043136>
- Li, J., Wu, Y., & Hesketh, T. (2023). Internet use and cyberbullying: Impacts on psychosocial and psychosomatic wellbeing among Chinese

adolescents. *Computers in Human Behavior*, 138, 107461.

<https://doi.org/10.1016/j.chb.2022.107461>

Li, Y., Wang, Y., Ren, Z., Gao, M., Liu, Q., Qiu, C., & Zhang, W. (2020). The influence of environmental pressure on internet use disorder in adolescents: The potential mediating role of cognitive function. *Addictive Behaviors*, 101, 105976.

<https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2019.04.034>

Liu, F., Liu, W., & Yu, T. (2019). Relation between emotion regulation and child problem behaviors based on the perspective of temperament. *Advances in Psychological Science*, 27(4), 646. <https://doi.org/10.3724/SP.J.1042.2019.00646>

Llorent, V. J., Diaz-Chaves, A., Zych, I., Twardowska-Staszek, E., & Marín-López, I. (2021). Bullying and cyberbullying in Spain and Poland, and their relation to social, emotional, and moral competencies. *School Mental Health*, 13(3), 535-547. <https://doi.org/10.1007/s12310-021-09473-3>

López-Larrañaga, M., & Orue, I. (2019). Interaction of psychopathic traits in the prediction of cyberbullying behavior. *Revista de Psicopatología y Psicología Clínica*, 24(1), 1–8. <https://doi.org/10.5944/rppc.23932>

Marôco, J. (2018). *Análise estatística com o SPSS statistics* (7^a ed.). ReportNumber.

Martinez-Pecino, R., & Durán, M. (2019). I love you but I cyberbully you: The role of hostile sexism. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(4), 812–825.

<https://doi.org/10.1177/0886260516645817>

Moreno-Ruiz, D., Martínez-Ferrer, B., & García-Bacete, F. (2019). Parenting styles, cyberaggression, and cybervictimization among adolescents. *Computers in Human Behavior*, 93, 252-259. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.12.031>

Mujidin, M., Nuryoto, S., Rustam, H. K., Hildaratri, A., & Echoh, D. U. (2023). The role of emotion regulation and empathy in students displaying

cyberbullying. *Humanitas: Indonesian Psychological Journal*, 20(1), 21–28.

<https://doi.org/10.26555/humanitas.v20i1.72>

Ngantcha, M., Janssen, E., Godeau, E., Ehlinger, V., Le-Nezet, O., Beck, F., & Spilka, S. (2018). Revisiting factors associated with screen time media use: A structural study among school-aged adolescents. *Journal of Physical Activity and Health*, 15(6), 448-56. <https://doi.org/10.1123/jpah.2017-0272>

Olweus, D., & Limber, S. P. (2018). Some problems with cyberbullying research. *Current Opinion in Psychology*, 19, 139–143. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.04.012>

Ortega-Barón, J., Postigo, J., Iranzo, B., Buelga, S., & Carrascosa, L. (2019). Parental communication and feelings of affiliation in adolescent aggressors and victims of cyberbullying. *Social Sciences*, 8(1), 3. <https://doi.org/10.3390/socsci8010003>

Otterpohl, N., Wild, E., Havighurst, S. S., Stiensmeier-Pelster, J., & Kehoe, C. E. (2022). The interplay of parental response to anger, adolescent anger regulation, and externalizing and internalizing problems: A longitudinal study. *Research on Child and Adolescent Psychopathology*, 50(2), 225-239. <https://doi.org/10.1007/s10802-021-00795-z>

Park, E., & Kwon, M. (2021). Testing the digital health literacy instrument for adolescents: Cognitive interviews. *Journal of Medical Internet Research*, 23(3), e17856. <https://doi.org/10.2196/17856>

Peker, A., & Yildiz, M. N. (2021). Mediating role of self-control in the relationship between aggressiveness and cyber bullying. *Psychiatry and Behavioral Sciences*, 11(1), 40. <https://doi.org/10.5455/PBS.20210114051215>

Pessoa, T., Vaz-Rebelo, P., Goc, M., Kontogiann, E., Netova, G., Keles, S., & Lekkos, N. (2019). Investigação sobre *cyberbullying*, em Portugal e Europa—alguns

programas, projetos e as percepções de estudantes, professores e pais. *Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade*, 8(1).
<https://doi.org/10.9771/re.v8i1.25178>

Peter, I. K., & Petermann, F. (2018). Cyberbullying: A concept analysis of defining attributes and additional influencing factors. *Computers in Human Behavior*, 86, 350–366. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.05.013>

Pfetsch, J. S., Schultze-Krumbholz, A., & Lietz, K. (2022). Can acting out online improve adolescents' well-being during contact restrictions? A first insight into the dysfunctional role of cyberbullying and the need to belong in well-being during COVID-19 pandemic-related contact restrictions. *Frontiers in Psychology*, 12, 787449. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.787449>

Pinto, T. M. G. (2011). *Cyberbullying: Estudo da prevalência de comportamentos de cyberbullying e sua relação com vivências de vergonha e estados emocionais negativos* [Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório ISMT.
<https://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/139>

PORDATA (2022a). *Indivíduos com 16 e mais anos que utilizam computador e internet em % do total de indivíduos: Por grupo etário – Portugal*. Retirado de:
<https://www.pordata.pt/Portugal/Indiv%C3%AAduos+com+16+e+mais+anos+qu e+utilizam+computador+e+Internet+em+percentagem+do+total+de+indiv%C3%AAduos+por+grupo+et%C3%A1rio-1139>

PORDATA (2022b). *Indivíduos com 16 e mais anos que utilizam computador e internet em % do total de indivíduos: Por sexo – Portugal*. Retirado de:
<https://www.pordata.pt/Portugal/Indiv%C3%AAduos+com+16+e+mais+anos+qu>

e+utilizam+computador+e+Internet+em+percentagem+do+total+de+indiv%C3%A9is+ADduos+por+sexo-1142

- Quintana-Orts, C., Mérida-López, S., Rey, L., Chamizo-Nieto, M. T., & Extremera, N. (2023). Understanding the role of emotion regulation strategies in cybervictimization and cyberaggression over time: It is basically your fault! *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 17(2). <https://doi.org/10.5817/CP2023-2-1>
- Rao, J., Wang, H., Pang, M., Yang, J., Zhang, J., Ye, Y., ... & Dong, X. (2019). Cyberbullying perpetration and victimization among junior and senior high school students in Guangzhou, China. *Injury Prevention*, 25(1), 13-19. <https://doi.org/10.1136/injuryprev-2016-042210>
- Ribeiro, J. L. P. (2010). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Placebo.
- Rice, K. G., Montfort, A. K., Ray, M. E., Davis, D. E., & de Blaere, C. (2019). A latent change score analysis of emotion regulation difficulties and evaluative threat in STEM. *Journal of Counseling Psychology*, 66(2), 158–169. <https://doi.org/10.1037/cou0000325>
- Roth, G., Vansteenkiste, M., & Ryan, R. M. (2019). Integrative emotion regulation: Process and development from a self-determination theory perspective. *Development and Psychopathology*, 31(3), 945-956. <https://doi.org/10.1017/S0954579419000403>
- Ryding, F. C., & Kaye, L. K. (2018). “Internet addiction”: A conceptual minefield. *International Journal of Mental Health and Addiction*, 16(1), 225–232. <https://doi.org/10.1007/s11469-017-9811-6>
- Sheikh, M. M. R., Hossan, M. R., & Menih, H. (2023). Cyberbullying victimization and perpetration among university students in Bangladesh: Prevalence, impact, and

help-seeking practices. *Journal of School Violence*, 22(2), 198-214.

<https://doi.org/10.1080/15388220.2023.2168681>

Shin, N., & Ahn, H. (2015). Factors affecting adolescents' involvement in cyberbullying: What divides the 20% from the 80%? *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 18(7), 393–399. <https://doi.org/10.1089/cyber.2014.0362>

Şimşek, N., Şahin, D., & Evli, M. (2019). Internet addiction, cyberbullying, and victimization relationship in adolescents: A sample from Turkey. *Journal of Addictions Nursing*, 30(3), 201–210.

<https://doi.org/10.1097/JAN.0000000000000296>

Smith, P. K., Görzig, A., & Robinson, S. (2018). *Issues of cross-cultural variations in cyber bullying across Europe and beyond*. Media@LSE Working Paper Series.

Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: Its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(4), 376–385. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01846.x>

Song, T. M., & Song, J. (2021). Prediction of risk factors of cyberbullying-related words in Korea: Application of data mining using social big data. *Telematics and Informatics*, 58, 101524. <https://doi.org/10.1016/j.tele.2020.101524>

Tezer, M., Ulgener, P., Minalay, H., Ture, A., Tugutlu, U. & Harper, M. G. (2020). Examining the relationship between academic procrastination behaviors and problematic internet usage of high school students during the COVID-19 pandemic period. *Global Journal of Guidance and Counseling in Schools: Current Perspectives*, 10(3), 142-156. <https://doi.org/10.18844/gjgc.v10i3.5549>

- Thompson, R. A. (1994). Emotion regulation: A theme in search of definition. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 59(2-3), 25–52. <https://doi.org/10.2307/1166137>
- Tokunaga, R. S. (2010). Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in Human Behavior*, 26(3), 277–287. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2009.11.014>
- Torralba, E., Ortega-Barón, J., & Buelga, S. (2020). Cyberbullying: Technological risk among adolescents. In La Rocca & J. M. Torvisco. (Eds.), *Technological and Digital Risk: Research Issues* (pp.115-132). Peter Lang.
- Tosun, N. (2016). Cyberbully and victim experiences of pre-service teachers. *European Journal of Contemporary Education*, 15(1), 136-146. <https://doi.org/10.13187/ejced.2016.15.136>
- Turliuc, M. N., Măirean, C., & Boca-Zamfir, M. (2020). The relation between cyberbullying and depressive symptoms in adolescence. The moderating role of emotion regulation strategies. *Computers in Human Behavior*, 109, 106341. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106341>
- Veloso, M., Gouveia, J. P., & Dinis, A. (2011). Estudos de validação com a versão portuguesa da Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (EDRE). *Psychologica*, (54), 87-110. https://doi.org/10.14195/1647-8606_54_4
- Villanueva-Moya, L., Herrera, M. C., Sánchez-Hernández, M. D., & Expósito, F. (2023). Instacomparison: Social comparison and envy as correlates of exposure to Instagram and cyberbullying perpetration. *Psychological Reports*, 126(3), 1284-1304. <https://doi.org/10.1177/00332941211067390>

- Vranjes, I., Erreygers, S., Vandebosch, H., Baillien, E., & De Witte, H. (2018). Patterns of cybervictimization and emotion regulation in adolescents and adults. *Aggressive Behavior*, 44(6), 647–657. <https://doi.org/10.1002/ab.21790>
- Wang, C. W., Musumari, P. M., Techasrivichien, T., Suguimoto, S. P., Tateyama, Y., Chan, C. C., ... & Nakayama, T. (2019). Overlap of traditional bullying and cyberbullying and correlates of bullying among Taiwanese adolescents: A cross-sectional study. *BMC Public Health*, 19, 1-14. <https://doi.org/10.1186/s12889-019-8116-z>
- Wang, L., & Ngai, S. S. Y. (2020). The effects of anonymity, invisibility, asynchrony, and moral disengagement on cyberbullying perpetration among school-aged children in China. *Children and Youth Services Review*, 119, 105613. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.105613>
- Wang, T. H., & Cheng, H. Y. (2019). Problematic Internet use among elementary school students: Prevalence and risk factors. *Information, Communication & Society*, 24(2), 219-240. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2019.1645192>
- Weissman, D. G., Bitran, D., Miller, A. B., Schaefer, J. D., Sheridan, M. A., & McLaughlin, K. A. (2019). Difficulties with emotion regulation as a transdiagnostic mechanism linking child maltreatment with the emergence of psychopathology. *Development and Psychopathology*, 31(3), 899-915. <https://doi.org/10.1017/S0954579419000348>
- Wigati, M., Diponegoro, A. M., & Bashori, K. (2020). Roles of empathy, emotion regulation and school climate against cyber bullying in high schools in Merangin, Jambi. *American Research Journal of Humanities & Social Science*, 3(8), 72-79.
- Willard, N. (2005, September 24). *An educator's guide to cyberbullying and cyberthreats*. <https://csriu.org/cyberbullying/pdf>

- Wong, D. S., Chan, H. C. O., & Cheng, C. H. (2014). Cyberbullying perpetration and victimization among adolescents in Hong Kong. *Children and Youth Services Review, 36*, 133-140. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2013.11.006>
- Wong, R. Y. M., Cheung, C. L. K., & Xiao, B. (2018). Does gender matter in cyberbullying perpetration? An empirical investigation. *Computers in Human Behavior, 79*, 247–257. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.10.022>
- Wright, M. F. (2014). Longitudinal investigation of the associations between adolescents' popularity and cyber social behaviors. *Journal of School Violence, 13*(3), 291-314. <https://doi.org/10.1080/15388220.2013.849201>
- Ximénez, C. (2009). Recovery of weak factor loadings in confirmatory factor analysis under conditions of model misspecification. *Behavior Research Methods, 41*(4), 1038–1052. <https://doi.org/10.3758/BRM.41.4.1038>
- Young, K. S., Sandman, C. F., & Craske, M. G. (2019). Positive and negative emotion regulation in adolescence: Links to anxiety and depression. *Brain Sciences, 9*(4), 76. <https://doi.org/10.3390/brainsci9040076>
- Yudes, C., Rey, L., & Extremera, N. (2022). The moderating effect of emotional intelligence on problematic internet use and cyberbullying perpetration among adolescents: Gender differences. *Psychological Reports, 125*(6), 2902–2921. <https://doi.org/10.1177/00332941211031792>
- Zhu, C., Huang, S., Evans, R., & Zhang, W. (2021). Cyberbullying among adolescents and children: a comprehensive review of the global situation, risk factors, and preventive measures. *Frontiers in Public Health, 9*, 634909. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2021.634909>
- Zych, I., Baldry, A. C., Farrington, D. P., & Llorent, V. J. (2019). Are children involved in cyberbullying low on empathy? A systematic review and meta-analysis of

research on empathy versus different cyberbullying roles. *Aggression and Violent Behavior*, 45, 83–97. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.03.004>

Zych, I., Ortega-Ruiz, R., Muñoz-Morales, R., & Llorent, V. J. (2018). Dimensions and psychometric properties of the Social and Emotional Competencies Questionnaire (SEC-Q) in youth and adolescents. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 50(2), 98–106. <https://doi.org/10.14349/rlp.2018.v50.n2.3>

ESTUDO EMPÍRICO II

O papel dos estilos parentais e da empatia na perpetração de *cyberbullying* numa amostra de adolescentes

The role of parenting styles and empathy in the perpetration of cyberbullying in a sample of adolescents

Resumo

O estudo do *cyberbullying* tem vindo a crescer a nível mundial, porém, mostra-se necessário melhorar o conhecimento dos seus fatores de risco e de proteção. Assim, o presente estudo teve como objetivo principal analisar o *cyberbullying*, na perspetiva dos agressores e a sua associação com os diferentes estilos parentais e com as duas componentes da empatia. A amostra final foi constituída por 422 participantes, estudantes do 2º, 3º ciclos e Ensino Secundário, em escolas da região Norte de Portugal, com idades compreendidas entre os 12 e 17 anos. Para a recolha de dados foi utilizado um Questionário Sociodemográfico, o *Cyberbullying Questionnaire* (CBQ), o *Parenting Styles & Dimensions Questionnaire: Short Version* (PSDQ) e a *Versão Breve da Basic Empathy Scale* (BES-A). Foram identificadas associações positivas entre os comportamentos de *cyberbullying* e o estilo autoritário na figura paterna e na figura materna. Identificaram-se ainda associações positivas baixas entre o estilo democrático da figura paterna com a empatia cognitiva e positivas moderadas entre o estilo democrático da figura materna com a empatia cognitiva. Para além disso, verificaram-se diferenças entre o sexo masculino e feminino em ambas as componentes da empatia, tendo sido observado que o sexo feminino apresenta maiores níveis de empatia afetiva e cognitiva quando comparado com o sexo masculino. Quanto aos estilos parentais, o estilo autoritário da figura paterna destacou-se como único preditor dos comportamentos de *cyberbullying*. Deste modo, considera-se importante educar os pais para um funcionamento familiar mais saudável, e incentivar o abandono da disciplina punitiva, a fim de promover a diminuição da perpetração de *cyberbullying* e o aumento dos níveis de empatia na geração mais jovem. Também será relevante sensibilizar os adolescentes sobre as consequências da má utilização da internet.

Palavras-chave: *cyberbullying*, estilos parentais, empatia, adolescentes, intervenção

Abstract

The study of cyberbullying has been growing worldwide, however, it is necessary to improve the knowledge of its risk and protection factors. Therefore, the main objective of the present study was to analyze cyberbullying from the perspective of the aggressors and their association with the different parental styles and with the two components of empathy. The final sample consisted of 422 participants, students of the 2nd and 3rd cycles in schools and Secondary Education, in the North region of Portugal, with ages between 12 and 17 years old. For data collection, a Sociodemographic Questionnaire, the Cyberbullying Questionnaire (CBQ), the Parenting Styles & Dimensions Questionnaire: Short Version (PSDQ) and the Short Version of Basic Empathy Scale (BES-A) were used. It was found positive associations were identified between cyberbullying behaviors and authoritarian style in the father figure and the mother figure. Low positive associations were also identified between the democratic style of the father figure and cognitive empathy and moderate positive associations between the democratic style of the mother figure and cognitive empathy. There were differences between males and females in both empathy components, with females having higher levels of affective and cognitive empathy when compared to males. Regarding parental styles, the authoritarian style of the father figure stood out as the only predictor of cyberbullying behaviors. Therefore, it is considered important to educate parents towards healthier family functioning, and encourage the abandonment of punitive discipline, to promote a reduction in the perpetration of cyberbullying and an increase in empathy levels in the younger generation. It will also be important to raise awareness among adolescents about the consequences of misuse of the internet.

Keywords: cyberbullying, parenting styles, empathy, adolescents, intervention

Introdução

A parentalidade tem enfrentado diversos desafios nos dias de hoje, sendo que os pais acham cada vez mais difícil e stressante educar os seus filhos (Nadeem, 2020). Durante a adolescência os jovens lutam pela aquisição de autonomia (Ballarotto et al., 2021), o que poderá muitas vezes traduzir-se numa grande dificuldade para muitos pais (Li et al, 2018), pois o desenvolvimento cognitivo dos adolescentes e a sua crescente compreensão dos padrões morais, podem levá-los a desafiar as regras parentais (Matias & Recharte, 2020). Deste modo, à medida que os níveis de stresse aumentam, os pais podem estar mais propensos a adotar práticas desadequadas com os seus filhos (Beckerman et al., 2017). Os vínculos afetivos, a comunicação aberta e o controlo parental face aos comportamentos dos adolescentes, são fatores determinantes para combater os comportamentos desajustados dos jovens (e.g., *cyberbullying*) (Moreno-Ruiz et al., 2019). Em famílias em que a interação entre pais e filhos se mostra reduzida, com excessivas punições, e a supervisão se revela escassa, existe uma elevada probabilidade dos jovens se envolverem em comportamentos agressivos (Martínez et al., 2019).

Atualmente, os dispositivos eletrónicos com acesso à internet são reconhecidos como poderosos instrumentos de comunicação e lazer para os diversos grupos populacionais, essencialmente para a geração de adolescentes (Iranzo et al., 2019). Em 2022, 100% dos jovens com idades entre os 16 e 24 utilizava a internet (PORDATA, 2022). É de salientar que os media vieram invadir a interação entre os indivíduos, alterando de forma significativa o modo como as pessoas vivem (Tezer et al., 2020), sendo muito difícil hoje viver sem estar conectado à internet (Sampaio, 2018). A vida social foi sofrendo alterações significativas, sendo muito fácil partilhar informações e conhecimentos com o resto do mundo (Tezer et al., 2020). A internet pode oferecer diversos benefícios aos seus utilizadores (Li et al., 2020), como fazer compras, tratar de

questões bancárias e ter aulas sem ter de sair de casa (Barlett et al., 2021). Porém, alguns utilizadores podem utilizá-la para fins impróprios, o que se revela preocupante (Kwan et al., 2020). A constante exposição às novas tecnologias, pode colocar a segurança e o bem-estar emocional e psicológico dos seus utilizadores em risco (Abaido, 2019).

O ser humano nasce com circuitos neurais de afeto, desenvolvendo de forma gradual, uma capacidade para apreender os estados emocionais das outras pessoas, respondendo de forma empática (Welivita & Pu, 2020). Assim, para haver uma interação saudável e confiança mútua entre dois indivíduos, é estritamente necessário que ambos desenvolvam empatia (Welivita & Pu, 2020). Este construto tem recebido especial atenção na prática psicológica, tendo sido descoberto que está intimamente relacionado com o funcionamento moral e social esperado (Romera et al., 2019). É de salientar que a empatia promove um aumento da conexão social (Kardos et al., 2017), do bem-estar emocional (Morelli et al., 2015) e uma melhor saúde em geral (Cohen, 2004). Enquanto os indivíduos com baixa capacidade empática, tendem a desenvolver mais comportamentos antissociais e agressivos, aqueles com elevados níveis de empatia, estão mais predispostos a adotar comportamentos pró-sociais (Zych et al., 2022).

Cyberbullying

O *cyberbullying* é considerado um grande risco resultante de experiências negativas através do uso das novas tecnologias, a fim de prejudicar as outras pessoas (Abaido, 2019; Padir et al., 2021). Para além disso, é caracterizado como um comportamento repetido e intencional em que os dispositivos eletrónicos são utilizados para atingir o outro, a fim de lhe causar dano (Tokunaga, 2010). Este fenómeno ocorre através da utilização de equipamentos digitais, envolvendo insultos e humilhações, enviadas por *e-mails*, mensagens, *websites* ou outros meios, o que se tem tornado preocupante devido ao seu impacto nos adolescentes (Chu et al., 2018; Olweus & Limber,

2018). O *cyberbullying* comparado com o *bullying* tradicional, mostra-se mais complexo (Ansary, 2020), podendo gerar consequências mais significativas, uma vez que pode atingir um público mais abrangente (Bozyiğit et al., 2021), ocorrer a qualquer hora do dia (Tokunaga, 2010) e sugere um maior anonimato, devido à falta de contacto presencial entre a vítima e o agressor (Peter & Petermann, 2018). A prevalência das práticas de *cyberbullying* mostra-se mais significativa na fase da adolescência, sendo esta caracterizada como um período de grande vulnerabilidade (Kumari & Singh, 2022; Şimşek et al., 2019).

É possível distinguir as agressões *online* diretas, ou seja, ataques verbais e sociais direcionados à vítima, com o intuito de a incomodar, das indiretas, nas quais os agressores fingem ser outra pessoa, manipulam conteúdos e praticam *hacking*, alterando a *password* para impossibilitar o acesso do indivíduo às suas contas pessoais (Buelga et al., 2020; de Pasquale et al., 2021). A divulgação de conteúdos, como a publicação de fotografias impróprias, pode ocorrer de forma rápida e fácil (Ansary, 2020) e produzir uma impressão digital, podendo esta ser vista por inúmeras pessoas (Englander et al., 2017; Torralba et al., 2020) e, por vezes, pode revelar-se difícil retirar a informação das redes sociais (Bozyiğit et al., 2021).

Os telemóveis, *tablets*, computadores, relógios com conexão à internet e as consolas de videojogos, são os equipamentos mais utilizados para praticar *cyberbullying* (Torralba et al., 2020). Os jogos *online*, maioritariamente utilizados por jovens do sexo masculino em idade escolar, possibilitam aos seus utilizadores conversarem através de auscultadores, sendo esta uma forma comum de propagação das práticas de *cyberbullying* (Kowalski et al., 2019).

No *cyberbullying* existem três tipos de intervenientes, nomeadamente, os observadores, as vítimas e os agressores (Dorol-Beauroy-Eustache & Mishara, 2021).

Estes últimos, têm a possibilidade de esconder a sua identidade, utilizando nomes falsos nas redes sociais, o que corresponde a um fator vantajoso para os adolescentes se envolverem em comportamentos de *cyberbullying*, visto que se mostra difícil a sua identificação (Torralba et al., 2020). No entanto, deve-se notar que o anonimato não é uma condição necessária para a perpetração de *cyberbullying*, visto que a vítima pode ser capaz de identificar o perpetrador (Barlett et al., 2016). A baixa supervisão dos pais, a perceção de que as agressões não serão denunciadas por parte das vítimas, a falta de consequências para os comportamentos e a escassa intervenção por parte dos observadores, constituem grandes contributos para a difusão do fenómeno (Kowalski et al., 2019). De acordo com a literatura, existe um conjunto de fatores de risco para a perpetração de *cyberbullying*, como o fácil acesso aos novos meios de comunicação, a ansiedade, o desinteresse moral, os baixos níveis de autoestima, a impulsividade e a vitimização e perpetração de *bullying* tradicional (Hinduja et al., 2010; Kowalski et al., 2019; Zych et al., 2019).

Estilos parentais

No que concerne ao desempenho parental, verificam-se divergências consideráveis face aos conhecimentos do desenvolvimento infantil, às capacidades de resiliência e regulação emocional dos pais, bem como às práticas educativas por eles adotadas (Sanders & Turner, 2018). Um envolvimento parental positivo resulta de pontuações elevadas em conhecimento e perceção de competências, de um ajustamento parental na apreciação dos riscos *online* e de uma responsabilidade adequada em assumir controlo na educação digital (Martín-Criado et al., 2021).

O modelo de socialização parental desenvolvido por Maccoby e Martin (1983), assenta em duas dimensões autónomas, nomeadamente, a responsividade e o controlo, sendo que a primeira se refere à forma como os pais respondem às necessidades dos

filhos, enquanto a segunda, diz respeito à forma como aplicam a exigência parental, a fim de regularizar os comportamentos dos mais jovens. Ambas são utilizadas na classificação dos diferentes estilos parentais, sendo que em cada um deles, são adotadas diferentes práticas, valores, atitudes e comportamentos (Charalampous et al., 2018). De acordo com Baumrind (1966), é possível identificar três estilos parentais, nomeadamente, o permissivo, o autoritário e o democrático. Relativamente ao primeiro, os pais estabelecem poucos limites e são relutantes em fazer cumprir obrigações, ou seja, não há controlo ou restrição sobre os comportamentos da criança (Baumrind, 1966; Clauser et al., 2021). Regra geral, os filhos de pais permissivos tendem a ser impulsivos, pouco disciplinados e apresentam pouco controlo sobre os seus comportamentos (Baumrind, 1991). Quanto ao estilo autoritário, este é caracterizado por uma rigidez e intolerância significativas (Baumrind, 1966), onde os pais se revelam pouco calorosos, responsivos e bastante punitivos (Clauser et al., 2021). As crianças que pertencem a famílias autoritárias, têm maior tendência para ser introvertidas, depressivas e ansiosas (Baumrind, 1991). No que diz respeito ao estilo democrático, segundo Baumrind (1966) procura explorar as capacidades ocultas da criança, investe no reforço positivo e os castigos não são a principal regra. Deste modo, corresponde ao estilo parental mais equilibrado, sendo o seu principal objetivo fazer com que a criança se aperceba das consequências negativas dos seus comportamentos, sendo autorizada a explorar o mundo com alguns limites estabelecidos, a fim de desenvolver o seu autocontrolo (Baumrind, 1991). Mais tarde surgiu um quarto estilo parental, designado de estilo negligente (Baumrind, 1971). Neste, os pais mostram-se pouco envolvidos e preocupados com as necessidades e experiências dos seus filhos (Kopko, 2007), contribuindo para o aparecimento de poucas competências sociais e académicas nos jovens (Baumrind, 1991).

A função primordial da parentalidade consiste em possibilitar ao indivíduo a construção do seu sentido pessoal de integridade, enquanto é confrontado com as imposições dos outros (Baumrind, 1971). Os pais desempenham um papel fulcral na compreensão e regulação emocional dos seus filhos, porém, se esta tarefa não for bem executada, pode revelar-se um potencial fator de risco para o aparecimento de comportamentos agressivos nos mais jovens (Perry et al., 2020).

Empatia

Uma das grandes habilidades do ser humano assenta na interação social, esta que para ser favorável, exige uma capacidade de compreensão das emoções das outras pessoas que se traduz em empatia (Weisz & Cikara, 2021). A empatia pode ser vista como um processo psicológico importante que nos torna seres sociais, capaz de promover resultados adaptativos, como o aumento do bem-estar emocional e potenciação da conexão social (Morelli et al., 2015), a partir do qual somos capazes de prever o comportamento dos outros indivíduos, o que poderá contribuir para uma interação mais harmoniosa (Bošnjaković & Radionov, 2018). O termo empatia refere-se à capacidade emocional de entender e partilhar os sentimentos da outra pessoa (Bennett & Rosner, 2019), comunicando-lhe essa compreensão e ajudando-a a sentir-se compreendida (Bas-Sarmiento et al., 2020). A capacidade empática contribui para a rápida aproximação aos estados emocionais do outro, possibilitando uma maior cooperação e coordenação com o mesmo (de Waal, 2008). Deste modo, este construto traduz-se numa competência social de projeção que se desenvolve através do contacto com os pares (Martins et al., 2020). Segundo Bošnjaković e Radionov (2018), a empatia é caracterizada como a base da moralidade que exerce influência sobre o comportamento pró-social, a compaixão, o cuidado sob os outros, contribuindo assim, para a inibição de comportamentos agressivos e hostis. Batson et al. (1995, p. 629) referiram que “as emoções empáticas ativam uma

motivação altruísta para beneficiar o(s) indivíduo(s) específico(s) por quem se sente empatia”.

O conceito de empatia pode ser entendido segundo dois construtos primários diferentes (Gladstein, 1983), nomeadamente, a empatia afetiva que é natural e assenta num processo de baixo nível e a empatia cognitiva que requer maior deliberação e que envolve processos de alto nível (Graf et al., 2019). A primeira ocorre quando existe a capacidade de experimentar e partilhar verdadeiramente os estados emocionais do outro (Fortier et al., 2018), podendo despertar uma proximidade e preocupação com ele (Schwan, 2018). Na empatia afetiva ocorre um reconhecimento das emoções do outro, tendo por base as suas expressões faciais, tom de voz e movimentos corporais, o que possibilita uma ativação da resposta emocional à situação que a pessoa está a enfrentar, bem como uma identificação correta do estado emocional da mesma (Reniers et al., 2011). Por outro lado, a empatia cognitiva refere-se à capacidade de identificar e compreender intelectualmente a subjetividade do outro, bem como aquilo que ele sente, sem o experienciar (Fortier et al., 2018; Gladstein, 1983; Teding van Berkhout & Malouff, 2016). De acordo com Reniers et al. (2011) são necessários sinais auditivos, visuais e/ou situacionais para representar o estado cognitivo e emocional de um indivíduo. Importa ter em consideração que a empatia apresenta uma vertente dinâmica, correspondendo aquilo que são as nossas emoções, pensamentos e comportamentos (King & Holosko, 2012).

Cyberbullying, estilos parentais e empatia

Algumas investigações recentes debruçaram-se sobre a forma como as variáveis familiares motivam os adolescentes a envolverem-se em comportamentos de *cyberbullying* (Arató et al., 2022; Padir et al., 2021). Fanti et al. (2012) constataram que a comunicação entre pais e filhos desempenha um papel fundamental na prevenção das agressões *online*, sendo que a comunicação positiva reduz o risco da prática de

cyberbullying. Para além disso, nas famílias em que o relacionamento entre os membros se mostra pobre e disfuncional, existe maior prevalência de problemas de ajustamento social durante a adolescência, o que faz aumentar as práticas de *cyberbullying* (Buelga et al., 2017). O estudo de Buelga et al. (2015) verificou que a exposição a conflitos familiares e conjugais, predispõe os mais jovens a adotar comportamentos antissociais, agressivos e hostis. Segundo Kowalski et al. (2019), as taxas de *cyberbullying* têm vindo a crescer significativamente devido ao aumento do acesso à internet. Assim, o envolvimento dos pais no controlo da utilização da internet, mostra-se importante para detetar e combater o *cyberbullying* (Padir et al., 2021; Torralba et al., 2020; Kowalski et al., 2014). Segundo Martínez et al. (2019), não existem evidências claras sobre quais os estilos parentais que atuam como fator de proteção e de risco para a perpetração de *cyberbullying*, pois o contexto cultural e social onde a relação pais e filhos se desenvolve, contribui para a variação do ajustamento comportamental dos mais jovens. Contudo, em alguns estudos foi verificado que o estilo autoritário, devido às suas elevadas punições (e.g., Buelga et al., 2017; Dilmaç & Aydoğan, 2010; Martínez et al., 2019; Moreno-Ruiz et al., 2019) e o estilo negligente caracterizado pela baixa supervisão (Moreno-Ruiz et al., 2019), são os que se encontram maioritariamente relacionados com o aumento das práticas de *cyberbullying*.

A família corresponde ao primeiro e mais importante contexto de socialização capaz de promover ou destruir a capacidade empática dos jovens (Comodo et al., 2017; Guo & Feng, 2017). Assim, além da influência dos estilos parentais nas práticas de *cyberbullying*, foi descoberto que a parentalidade desempenha um papel fundamental na estimulação da empatia e do comportamento pró-social (Musitu-Ferrer et al., 2019), sendo que o calor emocional dos pais pode prever positivamente a capacidade empática, e a rejeição por parte destes pode ter um efeito contrário (Guo & Feng, 2017). É na

interação entre pais e filhos que os jovens se tornam capazes de manifestar e aclarar aquilo que sentem (Martins et al., 2020). Segundo alguns estudos, a exposição a diferentes estilos parentais, contribui para a variação dos níveis de empatia (e.g., Garcia et al., 2021; Garcia & Serra, 2019). Contudo, a parentalidade pode influenciar de forma distinta as duas componentes da empatia, nomeadamente, a cognitiva e afetiva (Wang et al., 2020).

Algumas investigações que se debruçaram sobre a relação entre os níveis de empatia e as práticas de *cyberbullying*, apontam que a empatia é fundamental na gestão de comportamentos agressivos, pois a compreensão e a perceção das emoções dos outros, desvia a possibilidade de os prejudicar (e.g., Antoniadou & Kokkinos, 2018; Fang et al., 2020; Mujidin et al., 2023; Schultze-Krumbholz et al., 2018). Ratri e Andangsari (2021) defendem que indivíduos com elevada empatia cognitiva conseguem sentir a dor e a tristeza das vítimas, estando assim, menos propensos a adotar comportamentos de *cyberbullying*. Segundo Salem et al. (2023) a empatia funciona como uma ancora social que previne o comportamento antipático dos adolescentes. Deste modo, ser menos empático é um fator de risco para as práticas de *cyberbullying* (Horzum et al., 2021; Nusantara et al., 2020; Ramdhani, 2016; Salem et al., 2023). Segundo alguns estudos, níveis elevados de empatia reduzem o comportamento agressivo (e.g., Fang et al., 2020; Ratri & Andangsari, 2021), ou seja, é possível verificar a existência de relações negativas entre ambas as componentes da empatia e a perpetração de *cyberbullying* (Gini et al., 2007; Graf et al., 2019; Horzum et al., 2021). Contudo, no estudo de Lazuras et al. (2013), foi verificado que os perpetradores apresentam menores pontuações na empatia afetiva, uma vez que tendem a desenvolver crenças de autoeficácia menos adaptativas, estando assim, mais propensos à perpetração de *cyberbullying*.

Tendo em conta o que foi referido anteriormente, nomeadamente a imprecisão sobre qual o estilo parental que se apresenta como fator de risco para o *cyberbullying*, a

falta de evidências claras sobre o efeito que os estilos parentais exercem sobre as duas componentes da empatia e as diferenças quanto aos níveis de empatia nos perpetradores, o presente estudo tem por objetivos: (i) analisar a associação entre os comportamentos de *cyberbullying* e os estilos parentais percebidos pelos adolescentes; (ii) avaliar a relação entre os estilos parentais e a capacidade empática dos adolescentes; (iii) analisar a associação entre o *cyberbullying* e a empatia; (iv) avaliar as diferenças da empatia em função das variáveis sociodemográficas como o sexo do participante; e (v) explorar o efeito preditor dos estilos parentais e da empatia na ocorrência de *cyberbullying*.

Método

O presente estudo é de caráter quantitativo descritivo, pois pretende apresentar resultados utilizando estatísticas descritivas (Barker et al., 2002). É baseado no paradigma correlacional, visto que se pretende avaliar a relação entre duas ou mais variáveis, a fim de verificar se estas covariam, correlacionam, ou se existe alguma associação entre elas (Barker et al., 2002). Para além disso, é um estudo de cariz transversal, uma vez que as observações são realizadas num único momento (Barker et al., 2002).

Participantes

A amostra final foi composta por 422 participantes, todos estudantes de 2º, 3º ciclos e Ensino Secundário, em escolas na região Norte de Portugal, com idades compreendidas entre os 12 e 17 anos ($M = 14.07$; $DP = 1.67$), sendo a maioria do sexo feminino (56.6%). No que concerne à escolaridade dos participantes, esta variou entre o 7º e 12º ano, sendo que 18.7% frequentam o 7º ano, 32.5% o 8º ano, 23% o 9º ano, 5% o 10º ano, 8.3% o 11º ano e 12.6% o 12º ano. A maioria dos participantes (96.9%) são de nacionalidade portuguesa e têm irmãos (80.1%), sendo que mais de metade respondeu que tem um(a) irmã(o) (57.8%). Para além disso, 27.5% dos participantes vive unicamente com a mãe e o pai e quanto ao estado civil dos pais, a maioria dos adolescentes

provém de famílias com pais casados (78%), seguida de famílias com pais divorciados (9.5%). Relativamente ao tipo de escola, uma percentagem significativa respondeu que frequenta o ensino público (86.5%). Quanto à idade de início de utilização da internet, esta variou entre os 2 e 15 anos ($M = 8.65$; $DP = 2.19$). Por sua vez, mais de metade dos adolescentes passam 2 a 5 horas (64.5%) diárias na internet. Por fim, 28.4% dos participantes utiliza maioritariamente o *YouTube*.

Instrumentos

Foi utilizado um **Questionário Sociodemográfico**, a fim de recolher os dados sociodemográficos dos adolescentes que participaram na presente investigação, através de questões referentes ao sexo, idade, ano de escolaridade, nacionalidade, com quem vive, estado civil dos pais, se tem irmãos, que tipo de escola frequenta, e questões relativas à utilização da internet, como idade de início de utilização, tempo diário passado *online* (em horas) e a rede social mais utilizada.

O *Cyberbullying Questionnaire* (CBQ), foi utilizado para avaliar a frequência de 17 tipos de comportamento de *cyberbullying*, construído por Calvete et al. (2009). A versão portuguesa do instrumento foi desenvolvida por Pinto (2011). O instrumento é constituído por 17 itens, onde é solicitado aos participantes que assinalem a frequência com que realizaram o comportamento descrito em cada item (Pinto, 2011). Os tipos de resposta são distribuídos numa escala do tipo *Likert* (0 – Nunca; 1 – Às vezes; 2 – Muitas vezes) (Pinto, 2011). Neste questionário, é possível obter um valor total, a partir do somatório das respostas dadas aos 17 itens, sendo que pontuações elevadas indicam níveis elevados de comportamentos de *cyberbullying* (Pinto, 2011). Na versão original do instrumento, a sua fidelidade apresentou uma elevada consistência interna, registando um alfa de *Cronbach* de .96 (Calvete et al., 2009). Na versão portuguesa do instrumento, registou-se uma boa consistência interna com um alfa de *Cronbach* de .91 (Pinto, 2011).

No presente estudo, a estrutura final do questionário com 16 itens, obteve um coeficiente de alfa de *Cronbach* de .89.

Posteriormente, foram realizadas Análises Fatoriais Confirmatórias de 1ª ordem, com recurso ao programa estatístico *AMOS* (versão 28), onde foi feita uma análise dos índices de ajustamento do modelo. No CBQ foi eliminado o item 17, com o intuito de obter índices de ajustamento satisfatórios (χ^2 ($DF = 17$) = 1.666; $p > .001$; RMSEA=.04; CFI=.99, NFI=.98).

Para avaliar a percepção dos jovens face aos estilos parentais das figuras cuidadoras, foi utilizado o ***Parenting Styles & Dimensions Questionnaire: Short Version*** (PSDQ). O instrumento foi traduzido e adaptado para a população portuguesa por Nunes e Mota (2018), a partir da versão original de Robinson et al. (2001). Este é composto por 32 itens, apresentando duas versões, sendo uma delas dirigida à figura materna e outra à figura paterna (Nunes & Mota, 2018). Os tipos de resposta são distribuídos numa escala do tipo *Likert* (1 – Nunca; 2- Algumas vezes; 3 – Metade das vezes; 4 – Muitas vezes; 5 – Sempre) (Nunes & Mota, 2018). O instrumento é constituído por três dimensões: Estilo democrático (itens 1, 3, 5, 7, 9, 11, 12, 14, 18, 21, 22, 25, 27, 29, 31) “Os meus pais são sensíveis aos meus sentimentos e necessidades”; Estilo autoritário (itens 2, 4, 6, 10, 13, 16, 19, 23, 26, 28, 30, 32) “Os meus pais castigam-me fisicamente como forma de me disciplinar”; e Estilo permissivo (itens 8, 15, 17, 20, 24) “Os meus pais dizem que me castigam, mas depois não cumprem” (Nunes & Mota, 2018). A obtenção de um resultado superior em cada subescala revela a presença de uma maior percepção por parte dos jovens face à frequência das situações descritas nos itens (Nunes & Mota, 2018). Na versão original, com 62 itens, obtiveram-se alfas de *Cronbach* de .91, .86 e .75 para o estilo democrático, autoritário e permissivo, respetivamente (Robinson et al., 2001). Na adaptação portuguesa, foram registados alfas de *Cronbach* de .86/ .81 para

a escala total, .93/ .90 para o estilo democrático, .76/ .80 para o estilo autoritário e .65/ .65 para o estilo permissivo, para a figura paterna e materna, respetivamente (Nunes & Mota, 2018). No presente estudo, o coeficiente de alfa de *Cronbach* foi de .86/ .83 para a escala total, .93/ .91 para o estilo democrático e .79/ .79 para o estilo autoritário, para a figura paterna e materna, respetivamente. O estilo permissivo obteve valores de alfa inferiores a .60 (.51 para o pai e .51 para a mãe), pelo que, se optou por não utilizar o mesmo na análise do presente estudo.

De seguida, com recurso ao programa estatístico *AMOS* (versão 28) foram realizadas Análises Fatoriais Confirmatórias de 1ª ordem, tendo sido feita uma análise dos índices de ajustamento do modelo. Neste instrumento, o estilo permissivo foi eliminado devido aos baixos valores de alfa, tendo sido retirados os itens correspondentes (8, 15, 17, 20 e 24), sendo que para a figura paterna foram obtidos os seguintes índices de ajustamento: $\chi^2 (DF = 40) = 4.197; p < .001$; RMSEA=.09; CFI=.94, NFI=.93. Para a figura materna os índices de ajustamento obtidos foram: $\chi^2 (DF = 40) = 3.507; p < .001$; RMSEA=.08; CFI=.95, NFI=.93.

A ***Versão Breve da Basic Empathy Scale*** (BES-A), foi utilizada para avaliar a empatia afetiva e cognitiva na amostra em estudo. A versão original da escala foi desenvolvida por Jolliffe e Farrington (2006), sendo constituída por 20 itens que visam avaliar a empatia afetiva (11 itens) e a empatia cognitiva (9 itens). Em Portugal, foi validada a sua versão breve (BES-A), sendo esta de Pechorro et al. (2018). Esta versão é constituída por 7 itens que pretendem avaliar a Empatia Afetiva (itens 1, 2, 3) “Depois de falar com um amigo que está triste geralmente também fico triste” e a Empatia Cognitiva (itens 4, 5, 6, 7) “Quando as pessoas se sentem em baixo geralmente costumo perceber como elas se sentem”, numa amostra de jovens do sexo masculino e feminino (Pechorro et al., 2018). Os tipos de resposta são distribuídos numa escala do tipo *Likert* (1 –

Discordo totalmente a 5 – Concordo totalmente) (Pechorro et al., 2018). Neste instrumento pontuações superiores indicam níveis de empatia mais elevados (Pechorro et al., 2018). Na versão original da escala registou-se um alfa de *Cronbach* de .85 e .79 para a escala de empatia afetiva e de empatia cognitiva, respetivamente (Jolliffe & Farrington, 2006). Na versão portuguesa do instrumento registaram-se boas propriedades psicométricas, onde o alfa de *Cronbach* para o total da escala foi de .79 e .77, para a empatia afetiva foi de .79 e .75 e para a empatia cognitiva .84 e .84 para o sexo masculino e feminino, respetivamente (Pechorro et al., 2018). Na presente investigação, o coeficiente de alfa de *Cronbach* foi de .73 para a escala total, .78 para a empatia afetiva e .81 para a empatia cognitiva.

Numa fase posterior, foram realizadas Análises Fatoriais Confirmatórias de 1ª ordem, através do programa estatístico *AMOS* (versão 28), procedendo-se a uma análise dos índices de ajustamento do modelo. Neste instrumento, não foram necessárias alterações ($\chi^2 (DF = 13) = 2.860$; $p < .001$; RMSEA=.07; CFI=.98, NFI=.96).

Procedimento

Numa fase inicial, foi pedida autorização à Comissão de Ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (CE-UTAD). Com o intuito de implementar o protocolo em contexto escolar, foi elaborado um pedido de autorização à Direção-Geral de Educação (DGE), com recurso à plataforma Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (MIME). Após a obtenção do parecer da DGE, foram contactadas as Direções de algumas Escolas Secundárias da região Norte de Portugal, com a finalidade de realizar o pedido de autorização para a recolha de dados nas respetivas instituições. Após a receção das respetivas autorizações, os Diretores das Escolas contactaram os Diretores de Turma, solicitando a sua colaboração para a entrega dos Consentimentos Informados aos alunos, dirigidos aos encarregados de educação para que tomassem conhecimento das condições

e objetivos do estudo e, se assim o entendessem, autorizassem os educandos a participar no mesmo. Seguidamente, foram entregues os protocolos nas escolas, sendo que os Diretores das instituições que se disponibilizaram a colaborar nesta investigação, decidiram que a aplicação dos questionários deveria ser feita pelos Diretores de Turma, tendo sido administrados em contexto de sala de aula. De forma a salvaguardar a heterogeneidade da amostra, em cada escola, as turmas foram escolhidas tendo em conta as diferentes idades e anos de escolaridade.

Análise de dados

Atendendo à natureza do tipo de estudo, a análise estatística foi realizada com recurso ao programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) (versão 28). Após a introdução dos dados na base de dados, procedeu-se à limpeza da amostra que consistiu em excluir os *missing* e os *outliers*, desfavoráveis para análise estatística. Relativamente aos *missings*, no caso de um participante apresentar uma percentagem de respostas ausentes superior a 10%, foi eliminado da amostra. Quanto à identificação dos *outliers*, foram realizadas análises univariadas, recorrendo à determinação do *Z-score* e análises multivariadas, com recurso à distância de *Mahalanobis*. Assim, excluíram-se 42 participantes da amostra. Foram também criadas as dimensões dos instrumentos, tendo por base as versões anteriores dos mesmos. Posteriormente, foi testada a normalidade com recurso ao processo de inferência estatística da distribuição normal, calculando os valores de *kurtosis* (curtose) e *skewness* (assimetria), sendo assumido o cumprimento da normalidade, visto que o tamanho da amostra é grande ($n > 30$) (Gravetter & Wallnau, 2013). Seguidamente, foram realizadas análises psicométricas, a fim de verificar a confiabilidade dos instrumentos, através do coeficiente alfa de *Cronbach*. Segundo Ribeiro (2010), quando o alfa de *Cronbach* ultrapassa o valor .80, é sugestivo de uma

confiabilidade satisfatória, porém, valores superiores a .60 são, no entanto, valores aceitáveis quando os instrumentos apresentam um número reduzido de itens.

Com recurso ao programa estatístico *AMOS* (versão 28) foram conduzidas Análises Fatoriais Confirmatórias de 1ª ordem, a fim de realizar uma análise dos índices de ajustamento dos modelos.

No que diz respeito à análise estatística, foram utilizados testes paramétricos, uma vez que são robustos à violação do pressuposto da normalidade, desde que as distribuições não sejam significativamente enviesadas ou achatadas e as dimensões das amostras não sejam extremamente pequenas (Marôco, 2018). Foi utilizado o nível de significância de .05 para ser realizada a análise dos dados. Deste modo, para medir a correlação entre duas variáveis, foram efetuadas correlações de *Pearson*, com a finalidade de medir o grau de correlação linear entre as variáveis quantitativas. Segundo Cohen (1988) correlações com valores entre .10 e .29 ou -.10 e -.29 são apontadas como baixas, com valores entre .30 e .49 ou -.30 e -.49 são moderadas e com valores entre .50 e 1 e -.50 e -1 são consideradas elevadas. Foi realizada uma análise diferencial, através da análise de variância multivariada (MANOVA), onde foi identificado o valor de eta parcial ao quadrado, o qual pode variar entre 0 e 1, sendo que não existe efeito de magnitude quando o valor é $<.01$, o efeito é pequeno quando o valor $\geq .01$, moderado quando é $>.06$ e forte quando o valor é $>.14$ (Cohen, 1988). Por último, procedeu-se à realização de uma regressão múltipla hierárquica, com o objetivo de efetuar análises preditivas.

Resultados

Associação entre os diferentes comportamentos do *CBQ*, os diferentes estilos parentais do *PSDQ* e as duas componentes da empatia da *BES-A*

Foi realizada uma correlação de *Pearson* com a finalidade de avaliar a associação entre os comportamentos do CBQ e os estilos parentais do PSDQ, nomeadamente,

democrático e autoritário, para a figura paterna e materna. De seguida, procedeu-se a uma correlação de *Pearson* para explorar a relação entre os comportamentos do CBQ e as duas componentes da empatia da BES-A.

Quanto à primeira análise, verificaram-se associações estatisticamente significativas positivas baixas entre o CBQ e o estilo autoritário na figura paterna ($r = .231$; $p < .01$) e figura materna ($r = .228$; $p = < .01$). Com base nas análises referentes à associação entre o *cyberbullying* e a empatia, não foi possível identificar associações estatisticamente significativas entre os comportamentos de *cyberbullying* e a componente afetiva e cognitiva da empatia. Os resultados conseguidos são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1

Correlações entre os Comportamentos do CBQ, os Estilos Parentais do PSDQ e as Componentes da Empatia da BES-A, Média e Desvio-Padrão (N=422)

	1	<i>M ± DP</i>
1. CBQ	-	1.07 ± .18
PSDQ		
Pai		
Estilo Democrático	-.034	3.58 ± .95
Estilo Autoritário	.231**	2.03 ± .64
Mãe		
Estilo Democrático	-.027	3.79 ± .83
Estilo Autoritário	.228**	2.06 ± .63
BES-A		
Empatia Afetiva	.052	3.0 ± .95
Empatia Cognitiva	-.059	3.96 ± .76

Nota: CBQ = *Cyberbullying Questionnaire*; PSDQ = *Parenting Styles & Dimensions Questionnaire*; BES-A= Versão Breve da *Basic Empathy Scale*; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; ** $p < .01$

Associação entre os estilos parentais do PSDQ e as componentes da empatia da BES-A

Procedeu-se a uma correlação de *Pearson*, a fim de avaliar a relação entre os estilos parentais do PSDQ e as duas componentes da empatia da BES-A, nomeadamente, a empatia afetiva e cognitiva.

Foram verificadas associações estatisticamente significativas positivas baixas entre o estilo democrática da figura paterna com a empatia cognitiva ($r = .268$; $p < .01$) e positivas moderadas entre o estilo democrático da figura materna com a empatia cognitiva ($r = .304$; $p < .01$) (consultar Tabela 2).

Tabela 2

Correlações entre os Estilos Parentais do PSDQ e as Componentes da Empatia da BES-A, Média e Desvio-Padrão (N=422)

	1	2	$M \pm DP$
BES-A			
1. Empatia Afetiva	-	-	$2.99 \pm .95$
2. Empatia Cognitiva	-	-	$3.96 \pm .76$
PSDQ			
Estilo Democrático (Pai)	.012	.268**	$3.58 \pm .95$
Estilo Autoritário (Pai)	-.057	.037	$2.03 \pm .64$
Estilo Democrático (Mãe)	.047	.304**	$3.79 \pm .83$
Estilo Autoritário (Mãe)	-.005	-.024	$2.06 \pm .63$

Nota: BES-A = Versão Breve da *Basic Empathy Scale*; PSDQ = *Parenting Styles & Dimensions Questionnaire*; M = Média; DP = Desvio-padrão; ** $p < .01$

Análise diferencial das componentes da empatia da BES-A em função do sexo do participante

Foi efetuada uma análise de variância multivariada (MANOVA), com o intuito de analisar as diferenças entre o sexo feminino e o sexo masculino nas duas componentes da empatia (consultar Tabela 3).

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre o sexo masculino e feminino na componente afetiva da empatia [$F(1.420) = 15.137$; $p = .000$; $\eta p^2 = .035$] e na componente cognitiva da empatia [$F(1.420) = 10.409$; $p = .001$; $\eta p^2 = .024$]. A análise

das médias estimadas indicou que os adolescentes do sexo feminino apresentam maior empatia afetiva e cognitiva, revelando uma média superior (Empatia afetiva: $M = 3.15$; $DP = .96$) (Empatia cognitiva: $M = 4.06$; $DP = .71$) em comparação com os adolescentes do sexo masculino (Empatia afetiva: $M = 2.79$; $DP = .90$) (Empatia cognitiva: $M = 3.82$; $DP = .80$). Tendo por base os valores de Cohen (1988), o tamanho do efeito do sexo nas componentes da empatia mostra-se pequeno ($\eta^2 \geq .01$).

Tabela 3

Análise Diferencial das Componentes da Empatia da BES-A em Função do Sexo do Participante

BES-A	Sexo	$M \pm DP$	Sentido da significância
Empatia Afetiva	Feminino	$3.15 \pm .96$	1 > 2
	Masculino	$2.79 \pm .90$	
Empatia Cognitiva	Feminino	$4.06 \pm .71$	1 > 2
	Masculino	$3.82 \pm .80$	

Nota: BES-A = Versão Breve da *Basic Empathy Scale*; M = Média; DP = Desvio-padrão

Análises preditivas: Efeito preditor dos estilos parentais do PSDQ e das componentes da empatia da BES-A nos comportamentos de *cyberbullying*

Procedeu-se a uma regressão múltipla hierárquica, com a finalidade de avaliar a capacidade preditiva dos estilos parentais do PSDQ e das componentes da empatia da BES-A nos comportamentos de *cyberbullying*.

Quanto ao bloco 1, este explica .8% da variância total nos comportamentos de *cyberbullying* ($R^2 = .008$), contribuindo de forma individual com .3% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .003$) não apresentando um contributo significativo [$F(2.419) = 1.584$; $p = .206$]. No que diz respeito ao bloco 2, este apresenta um contributo significativo [$F(4.415) = 6.850$; $p = .000$], explicando 6.9% do total da variância (R^2

=.069) contribuindo individualmente com 5.6% da variância para o modelo (R^2 change=.056). Analisando de forma individual o contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, verificou-se que o estilo autoritário da figura paterna se apresenta como preditor positivo estatisticamente significativo dos comportamentos de *cyberbullying* ($\beta = .156$; $p = .037$). Assim, as restantes variáveis não apresentam uma contribuição significativa ($p \leq .05$). Os resultados observados são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4

Papel Preditor dos Estilos Parentais do PSDQ e das Componentes da Empatia da BES-A nos Comportamentos de Cyberbullying

		<i>R</i> ²	<i>R</i> ² <i>a</i>	B	<i>SE</i>	β	<i>t</i>	<i>p</i>
CBQ								
Bloco 1	BES-A	.008	.003					
	Empatia Afetiva			.012	.009	.064	1.294	.196
	Empatia Cognitiva			-.016	.011	-.070	-1.421	.156
Bloco 2	PSDQ	.069	.056					
	Estilo Democrático (Pai)			-.001	.016	-.003	-.036	.971
	Estilo Autoritário (Pai)			.043	.020	.156	2.089	.037
	Estilo Democrático (Mãe)			.000	.018	.001	.017	.987
	Estilo Autoritário (Mãe)			.030	.021	.108	1.464	.144

Nota: CBQ = *Cyberbullying Questionnaire*; BES-A = Versão Breve da *Basic Empathy Scale*; PSDQ = *Parenting Styles & Dimensions Questionnaire*; nível de significância de $*p < .05$

Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal analisar o *cyberbullying*, na perspetiva dos agressores e a sua associação com os diferentes estilos parentais e com as duas componentes da empatia em adolescentes a frequentar o 2º, 3º ciclos e o Ensino Secundário, em escolas da região Norte de Portugal. Mais especificamente, pretendeu analisar a associação entre os comportamentos de *cyberbullying* e os estilos parentais; avaliar a relação entre os estilos parentais e a capacidade empática dos adolescentes;

analisar a associação entre o *cyberbullying* e a empatia; avaliar as diferenças da empatia em função das variáveis sociodemográficas como o sexo do participante; e explorar o efeito preditor dos estilos parentais e da empatia na ocorrência de *cyberbullying*.

No presente estudo, no que respeita à relação entre o *cyberbullying* e os diferentes estilos parentais do PSDQ, os resultados revelaram que o estilo autoritário da figura materna e paterna se encontra positivamente associado com a perpetração de *cyberbullying*, assim, espera-se que à medida que aumentam os comportamentos autoritários dos pais, aumentam as práticas de *cyberbullying* por parte dos jovens. O mesmo foi observado no estudo de Martínez et al. (2019), realizado com uma amostra de adolescentes a frequentar o ensino público, tendo sido verificado que os jovens que pertencem a famílias autoritárias tendem a adotar comportamentos mais destrutivos (e.g., *cyberbullying*). No estudo de Zurcher et al. (2018) foi concluído que o comportamento autoritário dos pais corresponde a um potencial fator de risco para a prática de *cyberbullying* nos rapazes, sendo que o mesmo não foi verificado nas raparigas. Assim, a falta de comunicação, atenção e o escasso envolvimento dos pais nas atividades e interesses dos filhos, características típicas do estilo autoritário, parecem incentivar os jovens a humilhar o outro, sendo esta uma reação habitual dos adolescentes que procuram o reconhecimento e atenção que lhes falta (Makri-Botsari & Karagianni, 2014). Deve-se considerar a investigação de Elsaesser et al. (2017) que descobriu que as elevadas restrições no acesso às redes sociais por vezes não se revelam eficazes, havendo menor probabilidade dos jovens se envolverem no *cyberbullying* quando os pais abordam as questões relacionadas com a internet de forma colaborativa com os seus filhos. No entanto, no estudo de Deenamjued e Kulachai (2017) não foram encontradas associações entre o estilo parental autoritário e a prática de comportamentos de *cyberbullying*, tendo sido concluído que os comportamentos autoritários dos pais não são um fator de risco

para a perpetração. Contudo, importa considerar que os pais autoritários procuram educar os seus filhos sem considerar os seus sentimentos, definindo regras sem nenhuma explicação para a existência das mesmas (Deenamjued & Kulachai, 2017). Em Espanha, no estudo de Gómez-Ortiz et al. (2019), realizado com estudantes do Ensino Secundário, foi verificado que os alunos oriundos de famílias democráticas apresentam menor envolvimento em comportamentos de *cyberbullying*, porém, os jovens com pais rígidos e punitivos foram os que reportaram maior predisposição para a perpetração. Também outras investigações (e.g., Gómez-Ortiz et al., 2018; Zhang et al., 2021) referiram que os pais mais calorosos tendem a apresentar maior facilidade em alertar os seus filhos para os possíveis riscos da utilização da internet, diminuindo assim, a probabilidade de estes praticarem *cyberbullying*. Da mesma forma, Iorga (2022) no seu estudo verificou que o elevado calor e controlo parental contribuem para a diminuição da perpetração de *cyberbullying*.

No que concerne à relação entre a perpetração de *cyberbullying* e as duas componentes da empatia da BES-A, os resultados indicaram que não existe associação entre ambas as variáveis, ou seja, a empatia não parece estar associada à prática de *cyberbullying*. Outros estudos realizados com estudantes chegaram à mesma conclusão, indicando que a empatia não possui um papel ativo no *cyberbullying* (e.g., Mujidin et al., 2023; Wigati et al., 2020). Embora seja levantada a hipótese que indivíduos que não tenham elevados níveis de empatia estejam mais suscetíveis a praticar atos de *cyberbullying* que perturbam os outros, é possível encontrar resultados que determinam que a empatia não impede os indivíduos em adotar comportamentos agressivos *online* (Wigati et al., 2020). Contudo, Wright et al. (2018) defendem a existência de resultados mistos acerca da relação entre o *cyberbullying* e a empatia. Deve-se considerar a investigação de Martínez et al. (2020), realizada com estudantes de diferentes escolas da

região de Loreto (Amazônia), onde foram obtidos resultados opostos e um pouco inesperados, tendo sido verificado que a empatia prediz a perpetração de *cyberbullying*, sendo que os perpetradores evidenciam altos níveis de empatia afetiva. Os resultados obtidos no estudo anterior podem estar relacionados com o facto da amostra ter sido amplamente diversificada ao nível étnico-cultural (Martínez et al., 2020). Por outro lado, Steffgen et al. (2011) concluíram que os agressores de *cyberbullying* têm menor capacidade empática do que os não agressores, defendendo que os baixos níveis de empatia podem constituir um potencial fator de risco para a perpetração. Para além disso, afirmaram que os agressores de *cyberbullying* permanecem mais distantes das vítimas do que os perpetradores de *bullying* tradicional, logo, não observam as consequências imediatas dos seus comportamentos. Também uma investigação realizada em Singapura, verificou que os indivíduos com baixos níveis de empatia afetiva e elevados níveis de empatia cognitiva revelaram uma menor predisposição para a perpetração comparativamente aqueles com reduzidos níveis de empatia afetiva e cognitiva (Ang & Goh, 2010). Do mesmo modo, na Polónia foi realizado um estudo com estudantes do primeiro e segundo ciclos, no qual foi concluído que a alta empatia afetiva e baixa empatia cognitiva são fatores de risco para a perpetração de *cyberbullying* (Llorent et al., 2021). No estudo de Doane et al. (2014) os autores concluíram que os rapazes com elevados níveis de empatia afetiva e cognitiva apresentam menor envolvimento no *cyberbullying* do que aqueles com baixos níveis de empatia cognitiva. Também no estudo de Ratri e Andangsari (2021) realizado na Indonésia, foi verificado que os indivíduos com elevados níveis de empatia cognitiva evidenciam menor predisposição para a perpetração, pois apresentam a capacidade de compreender e até mesmo sentir os sentimentos das vítimas. Tendo em conta os resultados encontrados, constata-se a necessidade de investir na promoção da empatia, através de estratégias de educação, a fim de reduzir os

comportamentos de *cyberbullying* (Ratri & Andangsari, 2021), uma vez que a compreensão das emoções do outro constitui uma habilidade fundamental para prevenção da perpetração (Steffgen et al., 2011).

Segundo a literatura os estilos parentais têm uma influência considerável na modulação de comportamentos e valores empáticos (Abdullah & Salim, 2020; Comodo et al., 2017; Wagers & Kiel, 2019), porém, importa acrescentar que os diferentes estilos parentais produzem efeitos distintos sobre a empatia cognitiva e afetiva dos indivíduos (Wang et al., 2020). Os resultados obtidos no presente estudo comprovam a evidência anterior, tendo sido identificadas associações positivas significativas entre o estilo democrático da figura paterna e materna com a componente cognitiva da empatia. Portanto, os jovens que provêm de famílias cujo estilo democrático é o que prevalece apresentam maiores níveis de empatia cognitiva. Os resultados são consistentes com os obtidos em outros estudos que concluíram que à medida que as atitudes parentais democráticas aumentam, os comportamentos empáticos dos jovens também aumentam (e.g., Miklikowska & Hurme, 2011; Özmen & Atli, 2021; Ramadhanti et al., 2023). Esta evidência pode justificar-se com o facto do ambiente familiar caloroso, no qual os pais dão apoio, se envolvem e preocupam com os interesses dos seus filhos, são fatores que os ajudam no reconhecimento das suas emoções e na promoção da sua capacidade empática (Pontania & Slim, 2019; Wagers & Kiel, 2019). Assim, é possível que as atitudes democráticas dos pais despertem nos jovens um maior respeito pelos outros e formas de agir mais ajustadas à realidade (Charalampous et al., 2018). Neste sentido, filhos de pais democráticos tendem a apresentar maiores competências psicossociais e menores comportamentos desviantes (Kang & Guo, 2022). Em contrapartida, vários estudos apontam que o estilo parental autoritário está associado a resultados indesejáveis, capaz de contribuir para uma menor capacidade empática (e.g., Abdullah & Salim, 2020;

Pontania & Slim, 2019), o que pode estar relacionado com o padrão de comunicação entre pai-filho que aqui se pode revelar ausente, contribuindo para uma menor ênfase das atitudes, valores e crenças dos jovens (Abdullah & Salim, 2020). Deste modo, um ambiente familiar caracterizado por uma elevada rigidez e punições severas pode dificultar o desenvolvimento da empatia dos indivíduos (Ramadhanti et al., 2023).

No presente estudo foram identificadas diferenças significativas entre o sexo feminino e masculino em ambas as componentes da empatia, sendo que os adolescentes do sexo feminino evidenciam maiores níveis de empatia afetiva e cognitiva. Estes resultados são consistentes com os obtidos no estudo de Baez et al. (2017) onde foi concluído que as raparigas apresentam níveis mais elevados de empatia afetiva e cognitiva auto referida. Da mesma forma, outros autores concluíram que o sexo feminino apresenta maior capacidade empática quando comparado com o sexo masculino (e.g., Fitriyah et al., 2021; Löffler & Greitemeyer, 2021). Por outro lado, Kamas e Preston (2021) não identificaram diferenças de sexo na capacidade empática dos indivíduos, acrescentando a possibilidade de existirem outras características pessoais partilhadas por ambos os sexos responsáveis por essas diferenças. Muncer e Ling (2006) verificaram que a reatividade emocional corresponde à característica que produz maiores diferenças de sexo quanto à capacidade empática. Em vários estudos foi concluído que o sexo feminino apresenta apenas níveis mais elevados de empatia afetiva (e.g., Bas-Sarmiento et al., 2020; Liang et al., 2019; Jiang et al., 2021; Jie et al., 2019). E, portanto, os autores referiram que culturalmente o sexo feminino é visto como mais sensível e preocupado face às relações interpessoais que estabelece, procurando responder de forma eficaz às necessidades dos outros (Baez et al., 2017; Cunico et al., 2012). Para além disso, foi verificado que o sexo feminino apresenta maior facilidade no reconhecimento das suas emoções, evidenciando um comportamento pró-social mais acurado (Christov-Moore et

al., 2014) e simpatiza mais com os outros e com os seus estados emocionais (Jie et al., 2019). É possível que as diferenças de sexo na empatia afetiva aumentem com a entrada na adolescência devido às mudanças e condições sociais e biológicas típicas desse período de desenvolvimento (Stuijzand et al., 2016). Segundo Jie et al. (2019) a capacidade de deliberação do sexo masculino, fator que corresponde à empatia cognitiva, não difere do sexo feminino. De notar que Olsson et al. (2021) verificaram que o sexo masculino evidencia maior capacidade empática em situações sociais que envolvem interações com o sexo oposto, enquanto o sexo feminino adota maiores comportamentos pró-sociais na interação com indivíduos do mesmo sexo.

Relativamente ao efeito preditor da empatia afetiva e cognitiva nos comportamentos de *cyberbullying*, os nossos resultados apontam para um contributo não significativo, ou seja, admite-se que as duas componentes da empatia não preveem a perpetração de *cyberbullying*. Estes resultados são consistentes com os obtidos por Mujidin et al. (2023) que observaram que a empatia não tem um efeito preditor no *cyberbullying*, porém, a capacidade de sentir o sofrimento e as fragilidades dos outros, pode desencorajá-los a praticar comportamentos agressivos *online*. No estudo de Graf et al. (2019) foi concluído que a empatia afetiva não tem um efeito preditor nos comportamentos de *cyberbullying*, porém, o mesmo não se verificou para a empatia cognitiva, uma vez que parece ser capaz de prever o *cyberbullying*. Da mesma forma, Del Rey et al. (2016) verificaram que a componente cognitiva da empatia prevê a prática de comportamentos de *cyberbullying* no sexo masculino, bem como no sexo feminino exclusivamente quando este apresenta baixos níveis de empatia afetiva. Outros estudos concluíram que a empatia prevê negativamente a perpetração de *cyberbullying* (e.g., Brewer & Kerslake, 2015; Fang et al., 2020; Touloupis & Athanasiades, 2022; Wang et al., 2021), ou seja, à medida que os níveis de empatia aumentam a perpetração de

cyberbullying diminui e o contrário também se pode aplicar. É de salientar que no *cyberbullying* os agressores não têm contacto direto com as vítimas, desconhecendo o sofrimento destas, o que justifica os seus comportamentos de desinibição (e.g., reduzida empatia) (Sun et al., 2020). Quanto ao papel preditor dos estilos parentais nos comportamentos de *cyberbullying*, observou-se que o estilo autoritário da figura paterna é um importante fator preditor da perpetração de *cyberbullying*. Estes resultados vão ao encontro dos obtidos por Zurcher et al. (2018) que concluíram que a comunicação ofensiva da figura materna aumenta a perpetração junto dos rapazes e a hostilidade verbal e a coerção física da figura paterna contribuem significativamente para a adoção de comportamentos de *cyberbullying* nos jovens. Também outras investigações (e.g., Dilmaç & Aydoğan, 2010; Moshfegh & Ebrahimi, 2018) apontam que as atitudes autoritárias dos pais preveem a perpetração de *cyberbullying*. Portanto, os jovens cujos relacionamentos com os pais se revelam difíceis e problemáticos, onde a falta de comunicação prevalece, apresentam maior tendência para utilizar os recursos *online* e, conseqüentemente, praticar *cyberbullying* (Makri-Botsari & Karagianni, 2014). Por outro lado, no estudo de Charalampous et al. (2018) concluiu-se que a parentalidade autoritária tem um efeito preditor na agressão e vitimização de *bullying* tradicional, bem como na vitimização de *cyberbullying*, porém, o mesmo não foi verificado na perpetração de *cyberbullying*. Assim, de acordo com a literatura, o estilo parental autoritário destaca-se como fator de risco para a perpetração (Dilmaç & Aydoğan, 2010), enquanto o estilo democrático é apontado como fator de proteção para o *cyberbullying* (Garaigordobil & Machimbarrena, 2017).

Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros

O objetivo principal deste estudo consistiu em analisar o fenómeno do *cyberbullying*, na perspetiva dos agressores e a sua associação com os diferentes estilos

parentais e com as duas componentes da empatia numa amostra de adolescentes portugueses. É de notar que existem poucos estudos que analisam o efeito dos estilos parentais e das suas particularidades nas atividades *online* dos adolescentes, porém, os estudos realizados até à data confirmam a influência de determinados estilos parentais no aumento da perpetração de *cyberbullying*. O mesmo se verifica para o efeito da empatia nos comportamentos de *cyberbullying*, sendo que a grande maioria dos estudos existentes corroboram esta associação.

Neste estudo foram obtidos resultados que oferecem um aumento do conhecimento sobre as relações entre os estilos parentais, a capacidade empática e os comportamentos de *cyberbullying*. Atendendo aos resultados obtidos, considera-se determinante a criação de programas preventivos junto dos pais, apelando para a adoção de práticas disciplinares mais ajustadas e menos punitivas, estas que podem conduzir a consequências negativas como a prática de comportamentos de *cyberbullying* e o aparecimento de baixos níveis de empatia. Ou seja, poderá ser relevante educar os pais sobre como interagir de forma positiva com os seus filhos, investindo numa relação mais aberta e calorosa. Para além disso, os programas deverão incluir informações sobre a importância do comportamento pró-social e a contribuição deste para a construção de relações mais harmoniosas. Pode ser igualmente benéfico o desenvolvimento de ações de sensibilização com os adolescentes, pais, professores e outros cuidadores, para chamar a atenção para as consequências da utilização indevida da internet. Deste modo, para a redução do *cyberbullying* deve existir um investimento por parte dos jovens, famílias, escolas, bem como uma especial atenção na mudança de práticas parentais (Zurcher et al., 2018). Para além disso, com o intuito de proteger os jovens da perpetração de *cyberbullying* e do aparecimento de outros comportamentos antissociais, mostra-se

necessária uma promoção da empatia, esta possível de ser feita através de campanhas em contexto escolar (Zych et al., 2019).

Importa destacar as limitações existentes no presente estudo, que podem servir de orientação para futuras investigações. Uma limitação importante a apontar diz respeito à elevada dimensão do protocolo de investigação que consequentemente levou à exclusão da grande parte dos *missings* e *outliers* identificados. A impossibilidade de generalização dos resultados, devido à utilização de uma amostra não representativa, é uma outra limitação encontrada. Importa destacar o facto de o estudo ser de carácter transversal, impossibilitando a criação de relações de causa e efeito entre as variáveis estudadas. A utilização de questionários de autorrelato, que facilita a aplicação do questionário a grandes amostras, mas consequentemente, origina respostas de desejabilidade social. Para além disso, a exclusão do item 17 do CBQ e do estilo permissivo do PSDQ que incluía os itens 8, 15, 17, 20 e 24, pode ser apontada como uma outra limitação da presente investigação, pois quando é eliminada uma quantidade elevada de itens de uma escala, o que se verificou no PSDQ, no seu conjunto, o instrumento pode perder a sua validade.

Em investigações futuras poderá ser interessante realizar estudos de carácter longitudinal, com o objetivo de executar comparações mais aprofundadas; seria pertinente utilizar uma amostra mais representativa, recorrendo a um maior número de participantes de várias regiões de Portugal; alargar a faixa etária, com o intuito de alcançar resultados mais significativos poderá ser igualmente pertinente; seria importante utilizar a *Escala de Desejabilidade Social de 20 itens* (EDS-20; Simões et al., 2014), instrumento de autorrelato, a fim de controlar a desejabilidade social; poderia ser pertinente incluir a percepção dos pais em relação às práticas por eles adotadas, para uma compreensão mais aprofundada sobre as interações pais e filhos; compreender a influência do estilo permissivo nos comportamentos de *cyberbullying* e na capacidade empática dos

adolescentes; clarificar as diferenças de sexo quanto aos níveis de empatia; e por último incluir características partilhadas por ambos os sexos e analisar a influência destas na capacidade empática dos rapazes e das raparigas.

Referências bibliográficas

- Abaido, G. M. (2019). Cyberbullying on social media platforms among university students in the United Arab Emirates. *International Journal of Adolescence and Youth*, 25(1), 407–420. <https://doi.org/10.1080/02673843.2019.1669059>
- Abdullah, S. H., & Salim, R. M. A. (2020). Parenting style and empathy in children: The mediating role of family communication patterns. *HUMANITAS: Indonesian Psychological Journal*, 17(1), 34-45. <https://doi.org/10.26555/humanitas.v17i1.13126>
- Ang, R. P., & Goh, D. H. (2010). Cyberbullying among adolescents: The role of affective and cognitive empathy, and gender. *Child Psychiatry and Human Development*, 41(4), 387–397. <https://doi.org/10.1007/s10578-010-0176-3>
- Ansary., N. S. (2020). Cyberbullying: Concepts, theories, and correlates informing evidence-based best practices for prevention. *Aggression and Violent Behavior*, 50, 101343. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.101343>
- Antoniadou, N., & Kokkinos, C. M. (2018). Empathy in traditional and cyber bullying/victimization involvement from early to middle adolescence: A cross sectional study. *Journal of Educational and Developmental Psychology*, 8(1), 153-161. <https://doi.org/10.5539/jedp.v8n1p153>
- Arató, N., Zsidó, A. N., Rivnyák, A., Péley, B., & Lábadí, B. (2022). Risk and protective factors in cyberbullying: The role of family, social support, and emotion regulation. *International Journal of Bullying Prevention*, 4(2), 160-173. <https://doi.org/10.1007/s42380-021-00097-4>

- Baez, S., Flichtentrei, D., Prats, M., Mastandueno, R., García, A. M., Cetkovich, M., & Ibáñez, A. (2017). Men, women...who cares? A population-based study on sex differences and gender roles in empathy and moral cognition. *PloS One*, 12(6), e0179336. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0179336>
- Ballarotto, G., Volpi, B., & Tambelli, R. (2021). Adolescent attachment to parents and peers and the use of Instagram: The mediation role of psychopathological risk. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(8), 3965. <https://doi.org/10.3390/ijerph18083965>
- Barker, C., Pistrang, N., & Elliott, R. (2002). *Research methods in clinical psychology: An introduction for students and practitioners*. John Wiley & sons.
- Barlett, C. P., Gentile, D. A., & Chew, C. (2016). Predicting cyberbullying from anonymity. *Psychology of Popular Media Culture*, 5(2), 171–180. <https://doi.org/10.1037/ppm0000055>
- Barlett, C. P., Simmers, M. M., Roth, B., & Gentile, D. (2021). Comparing cyberbullying prevalence and process before and during the COVID-19 pandemic. *The Journal of Social Psychology*, 161(4), 408–418. <https://doi.org/10.1080/00224545.2021.1918619>
- Bas-Sarmiento, P., Fernández-Gutiérrez, M., Baena-Baños, M., Corro-Bermejo, A., Soler-Martins, P. S., & de la Torre-Moyano, S. (2020). Empathy training in health sciences: A systematic review. *Nurse Education in Practice*, 44, 102739. <https://doi.org/10.1016/j.nepr.2020.102739>
- Batson, C. D., Batson, J. G., Todd, R. M., Brummett, B. H., Shaw, L. L., & Aldeguer, C. M. R. (1995). Empathy and the collective good: Caring for one of the others in a social dilemma. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(4), 619–631. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.68.4.619>

- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37(4), 887–907. <https://doi.org/10.2307/1126611>
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monographs*, 1(4), 1–103. <https://doi.org/10.1037/h0030372>
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *The Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56–95. <https://doi.org/10.1177/0272431691111004>
- Beckerman, M., van Berkel, S. R., Mesman, J., & Alink, L. R. (2017). The role of negative parental attributions in the associations between daily stressors, maltreatment history, and harsh and abusive discipline. *Child Abuse & Neglect*, 64, 109–116. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2016.12.015>
- Bennett, C. L., & Rosner, D. K. (2019). The promise of empathy: Design, disability, and knowing the "other". In *Proceedings of the 2019 CHI conference on human factors in computing systems*, 1-13. <https://doi.org/10.1145/3290605.3300528>
- Bošnjaković, J., & Radionov, T. (2018). Empathy: Concepts, theories, and neuroscientific basis. *Alcoholism and Psychiatry Research, Journal on Psychiatric Research and Addictions*, 54(2), 123-150. <https://doi.org/10.20471/dec.2018.54.02.04>
- Bozyiğit, A., Utku, S., & Nasibov, E. (2021). Cyberbullying detection: Utilizing social media features. *Expert Systems with Applications*, 179, 115001. <https://doi.org/10.1016/j.eswa.2021.115001>
- Brewer, G., & Kerslake, J. (2015). Cyberbullying, self-esteem, empathy, and loneliness. *Computers in Human Behavior*, 48, 255–260. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.01.073>

- Buelga, S., Iranzo, B., Cava, M. J., & Torralba, E. (2015). Psychological profile of adolescent cyberbullying aggressors/Perfil psicossocial de adolescentes agresores de cyberbullying. *Revista de Psicología Social*, 30(2), 382-406.
<https://doi.org/10.1080/21711976.2015.1016754>
- Buelga, S., Martínez-Ferrer, B., & Cava, M. J. (2017). Differences in family climate and family communication among cyberbullies, cybervictims, and cyber bully–victims in adolescents. *Computers in Human Behavior*, 76, 164–173. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.07.017>
- Buelga, S., Postigo, J., Martínez-Ferrer, B., Cava, M. J., & Ortega-Barón, J. (2020). Cyberbullying among adolescents: Psychometric properties of the CYB-AGS Cyber-aggressor Scale. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(9), 3090. <https://doi.org/10.3390/ijerph17093090>
- Calvete, E., Orue, I., Estévez, A., Villardón, L., & Padilla, P. (2009). Cyberbullying in adolescents: Modalities and aggressors' profile. *Computers in Human Behavior*, 26, 1128-1135. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.03.017>
- Charalampous, K., Demetriou, C., Tricha, L., Ioannou, M., Georgiou, S., Nikiforou, M., & Stavrinides, P. (2018). The effect of parental style on bullying and cyber bullying behaviors and the mediating role of peer attachment relationships: A longitudinal study. *Journal of Adolescence*, 64, 109–123.
<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2018.02.003>
- Christov-Moore, L., Simpson, E. A., Coudé, G., Grigaityte, K., Iacoboni, M., & Ferrari, P. F. (2014). Empathy: Gender effects in brain and behavior. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 46, 604–627.
<https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2014.09.001>

- Chu, X. W., Fan, C. Y., Liu, Q. Q., & Zhou, Z. K. (2018). Cyberbullying victimization and symptoms of depression and anxiety among Chinese adolescents: Examining hopelessness as a mediator and self-compassion as a moderator. *Computers in Human Behavior*, 86, 377-386. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.04.039>
- Clauser, P., Ding, Y., Chen, E. C., Cho, S. J., Wang, C., & Hwang, J. (2021). Parenting styles, parenting stress, and behavioral outcomes in children with autism. *School Psychology International*, 42(1), 33-56. <https://doi.org/10.1177/0143034320971675>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum Associates.
- Cohen, S. (2004). Social relationships and health. *American Psychologist*, 59(8), 676–684. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.59.8.676>
- Comodo, C. N., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2017). Intergeracionalidade das habilidades sociais entre pais e filhos adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, 1-9. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e33311>
- Cunico, L., Sartori, R., Marognolli, O., & Meneghini, A. M. (2012). Developing empathy in nursing students: A cohort longitudinal study. *Journal of Clinical Nursing*, 21(13-14), 2016–2025. <https://doi.org/10.1111/j.13652702.2012.04105.x>
- de Pasquale, C., Martinelli, V., Sciacca, F., Mazzone, M., Chiappedi, M., Dinaro, C., & Hichy, Z. (2021). The role of mood states in cyberbullying and cybervictimization behaviors in adolescents. *Psychiatry Research*, 300, 113908. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2021.113908>
- de Waal, F. B. (2008). Putting the altruism back into altruism: the evolution of empathy. *Annual Review of Psychology*, 59, 279–300. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.59.103006.093625>

- Deenamjued, R., & Kulachai, W. (2017). Antecedents of cyber bullying behaviors of high school students: A case study of Facebook. In *Conference of the International Journal of Arts & Sciences*, 10(2), 295-304.
- Del Rey, R., Lazuras, L., Casas, J. A., Barkoukis, V., Ortega-Ruiz, R., & Tsorbatzoudis, H. (2016). Does empathy predict (cyber) bullying perpetration, and how do age, gender and nationality affect this relationship? *Learning and Individual Differences*, 45, 275-281. <https://doi.org/10.1016/j.lindif.2015.11.021>
- Dilmaç, B., & Aydoğan, D. (2010). Parental attitudes as a predictor of cyberbullying among primary children. *International Science Index, Educational and Pedagogical*, 4(7), 1667- 1671. <https://doi.org/10.5281/zenodo.1330259>
- Doane, A. N., Pearson, M. R., & Kelley, M. L. (2014). Predictors of cyberbullying perpetration among college students: An application of the theory of reasoned action. *Computers in Human Behavior*, 36, 154–162. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.03.051>
- Dorol-Beauroy-Eustache, O., & Mishara, B. L. (2021). Systematic review of risk and protective factors for suicidal and self-harm behaviors among children and adolescents involved with cyberbullying. *Preventive Medicine*, 152, 106684. <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2021.106684>
- Elsaesser, C., Russell, B., Ohannessian, C. M., & Patton, D. (2017). Parenting in a digital age: A review of parents' role in preventing adolescent cyberbullying. *Aggression and Violent Behavior*, 35, 62-72. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.06.004>
- Englander, E., Donnerstein, E., Kowalski, R., Lin, C. A., & Parti, K. (2017). Defining cyberbullying. *Pediatrics*, 140(2), 148–151. <https://doi.org/10.1542/peds.2016-1758U>

- Fang, J., Wang, X., Yuan, K. H., Wen, Z., Yu, X., & Zhang, G. (2020). Callous-Unemotional traits and cyberbullying perpetration: The mediating role of moral disengagement and the moderating role of empathy. *Personality and Individual Differences*, 157, 109829. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.109829>
- Fanti, K. A., Demetriou, A. G., & Hawa, V. V. (2012). A longitudinal study of cyberbullying: Examining risk and protective factors. *European Journal of Developmental Psychology*, 9(2), 168–181. <https://doi.org/10.1080/17405629.2011.643169>
- Fitriyah, F. K., Hidayah, N., Muslihati, M., Hambali, I., & Ibad, M. (2021). The role of demographic characteristics and spiritual dimensions in predicting empathy: A study in Muslim pre-service teachers. *Islamic Guidance and Counseling Journal*, 4(2), 158-168. <https://doi.org/10.25217/igcj.v4i2.1553>
- Fortier, J., Besnard, J., & Allain, P. (2018). Theory of mind, empathy, and emotion perception in cortical and subcortical neurodegenerative diseases. *Revue Neurologique*, 174(4), 237–246. <https://doi.org/10.1016/j.neurol.2017.07.013>
- Garaigordobil, M., & Machimbarrena, J. M. (2017). Stress, competence, and parental educational styles in victims and aggressors of bullying and cyberbullying. *Psicothema*, 29(3), 335–340. <https://doi.org/10.7334/psicothema2016.258>
- Garcia, O. F., & Serra, E. (2019). Raising children with poor school performance: parenting styles and short- and long-term consequences for adolescent and adult development. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(7), 1089. <https://doi.org/10.3390/ijerph16071089>
- Garcia, O. F., Lopez-Fernandez, O., & Serra, E. (2021). Raising Spanish children with an antisocial tendency: Do we know what the optimal parenting style is? *Journal of*

<https://doi.org/10.1177/0886260518818426>

Gini, G., Albiero, P., Benelli, B., & Altoè, G. (2007). Does empathy predict adolescents' bullying and defending behavior? *Aggressive Behavior*, 33(5), 467–476.

<https://doi.org/10.1002/ab.20204>

Gladstein, G. A. (1983). Understanding empathy: Integrating counseling, developmental, and social psychology perspectives. *Journal of Counseling Psychology*, 30(4), 467–482. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.30.4.467>

Gómez-Ortiz, O., Apolinario, C., Romera, E. M., & Ortega-Ruiz, R. (2019). The role of family in bullying and cyberbullying involvement: Examining a new typology of parental education management based on adolescents' view of their parents. *Social Sciences*, 8(1), 25. <https://doi.org/10.3390/socsci8010025>

Gómez-Ortiz, O., Romera, E. M., Ortega-Ruiz, R., & Del Rey, R. (2018). Parenting practices as risk or preventive factors for adolescent involvement in cyberbullying: Contribution of children and parent gender. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15(12), 2664.

<https://doi.org/10.3390/ijerph15122664>

Graf, D., Yanagida, T., & Spiel, C. (2019). Through the magnifying glass: Empathy's differential role in preventing and promoting traditional and cyberbullying. *Computers in Human Behavior*, 96, 186–

195. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.02.007>

Gravetter, F. J., & Wallnau, L. B. (2013). *Statistics for the behavioral sciences* (9^a ed.). Wadsworth Cengage Learning.

Guo, Q., & Feng, L. (2017). The associations between perceived parenting styles, empathy, and altruistic choices in economic games: A study of Chinese

children. *Frontiers in Psychology*, 8, 1843.

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01843>

Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2010). Bullying, cyberbullying, and suicide. *Archives of Suicide Research: Official Journal of the International Academy for Suicide Research*, 14(3), 206–221. <https://doi.org/10.1080/13811118.2010.494133>

Horzum, M. B., Ayas, T., Randler, C., & Düşünceli, B. (2021). The effects of empathy and circadian preference on cyberbullying of adolescents in Turkey. *Biological Rhythm Research*, 52(5), 781-794. <https://doi.org/10.1080/09291016.2019.1603839>

Iorga, M., Pop, L. M., Croitoru, I., Hanganu, E., & Anton-Păduraru, D. T. (2022). Exploring the importance of gender, family affluence, parenting style and loneliness in cyberbullying victimization and aggression among Romanian adolescents. *Behavioral Sciences*, 12(11), 457. <https://doi.org/10.3390/bs12110457>

Iranzo, B., Buelga, S., Cava, M.-J., & Ortega-Barón, J. (2019). Cyberbullying, psychosocial adjustment, and suicidal ideation in adolescence. *Psychosocial Intervention*, 28(2), 75–81. <https://doi.org/10.5093/pi2019a5>

Jiang, Q., Yang, Y. T., Liu, C. L., & Yuan, J. W. (2021). The differing roles of cognitive empathy and affective empathy in the relationship between trait anger and aggressive behavior: A Chinese college students survey. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(19-20), 10937-10957. <https://doi.org/10.1177/0886260519879229>

Jie, J., Luo, P., Zhuang, M., Fan, M., Wang, Y., Yang, Y., & Zheng, X. (2019). Gender differences in empathic responses to others' economic payoffs: An event-related

- potentials study. *Experimental Brain Research*, 237(5), 1347–1359. <https://doi.org/10.1007/s00221-019-05518-x>
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2006). Development and validation of the Basic Empathy Scale. *Journal of Adolescence*, 29(4), 589–611. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2005.08.010>
- Kamas, L., & Preston, A. (2021). Empathy, gender, and prosocial behavior. *Journal of Behavioral and Experimental Economics*, 92, 101654. <https://doi.org/10.1016/j.socec.2020.101654>
- Kang, J., & Guo, H. (2022). The effects of authoritative parenting style on young adult children's prosocial behavior: The mediating role of emotion-regulation. *China Journal of Social Work*, 15(2), 162-177. <https://doi.org/10.1080/17525098.2021.1956760>
- Kardos, P., Leidner, B., Pléh, C., Soltész, P., & Unoka, Z. (2017). Empathic people have more friends: Empathic abilities predict social network size and position in social network predicts empathic efforts. *Social Networks*, 50, 1–5. <https://doi.org/10.1016/j.socnet.2017.01.004>
- King, J. S., & Holosko, M. J. (2012). The development and initial validation of the Empathy Scale for Social Workers. *Research on Social Work Practice*, 22(2), 174-185. <https://doi.org/10.1177/1049731511417136>
- Kopko, K. (2007). Parenting styles and adolescents. *Cornell University*.
- Kowalski, R. M., Giumetti, G. W., Schroeder, A. N., & Lattanner, M. R. (2014). Bullying in the digital age: A critical review and meta-analysis of cyberbullying research among youth. *Psychological Bulletin*, 140(4), 1073–1137. <https://doi.org/10.1037/a0035618>

- Kowalski, R. M., Limber, S. P., & McCord, A. (2019). A developmental approach to cyberbullying: Prevalence and protective factors. *Aggression and Violent Behavior*, 45, 20-32. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.02.009>
- Kumari, K., & Singh, J. P. (2022). Multi-modal cyber-aggression detection with feature optimization by firefly algorithm. *Multimedia Systems*, 28(6), 1951-1962. <https://doi.org/10.1007/s00530-021-00785-7>
- Kwan, I., Dickson, K., Richardson, M., MacDowall, W., Burchett, H., Stansfield, C., Brunton, G., Sutcliffe, K., & Thomas, J. (2020). Cyberbullying and children and young people's mental health: A systematic map of systematic reviews. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 23(2), 72–82. <https://doi.org/10.1089/cyber.2019.0370>
- Lazuras, L., Barkoukis, V., Ourda, D., & Tsorbatzoudis, H. (2013). A process model of cyberbullying in adolescence. *Computers in Human Behavior*, 29(3), 881–887. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2012.12.015>
- Li, L., Bai, L., Zhang, X., & Chen, Y. (2018). Family functioning during adolescence: The roles of paternal and maternal emotion dysregulation and parent–adolescent relationships. *Journal of Child and Family Studies*, 27(4), 1311–1323. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0968-1>
- Liang, Y. S., Yang, H. X., Ma, Y. T., Lui, S. S. Y., Cheung, E. F. C., Wang, Y., & Chan, R. C. K. (2019). Validation and extension of the Questionnaire of Cognitive and Affective Empathy in the Chinese setting. *PsyCh Journal*, 8(4), 439–448. <https://doi.org/10.1002/pchj.281>
- Llorent, V. J., Diaz-Chaves, A., Zych, I., Twardowska-Staszek, E., & Marín-López, I. (2021). Bullying and cyberbullying in Spain and Poland, and their relation to

- social, emotional, and moral competencies. *School Mental Health*, 13(3), 535-547. <https://doi.org/10.1007/s12310-021-09473-3>
- Löffler, C. S., & Greitemeyer, T. (2021). Are women the more empathetic gender? The effects of gender role expectations. *Current Psychology: A Journal for Diverse Perspectives on Diverse Psychological Issues*, 42, 220-231. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-01260-8>
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent–child interaction. In P. H. Mussen (Eds.), *Handbook of child psychology* (pp. 1–101). Wiley.
- Makri-Botsari, E., & Karagianni, G. (2014). Cyberbullying in Greek adolescents: The role of parents. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 116, 3241-3253. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.01.742>
- Marôco, J. (2018). *Análise estatística com o SPSS statistics* (7ª ed.). ReportNumber.
- Martín-Criado, J. M., Casas, J. A., & Ortega-Ruiz, R. (2021). Parental supervision: Predictive variables of positive involvement in cyberbullying prevention. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(4), 1562. <https://doi.org/10.3390/ijerph18041562>
- Martínez, I., Murgui, S., Garcia, O. F., & Garcia, F. (2019). Parenting in the digital era: Protective and risk parenting styles for traditional bullying and cyberbullying victimization. *Computers in Human Behavior*, 90, 84–92. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.08.036>
- Martínez, J., Rodríguez-Hidalgo, A. J., & Zych, I. (2020). Bullying and cyberbullying in adolescents from disadvantaged areas: Validation of questionnaires; prevalence rates; and relationship to self-esteem, empathy, and social skills. *International*

Journal of Environmental Research and Public Health, 17(17), 6199.

<https://doi.org/10.3390/ijerph17176199>

Martins, D. M. C., Simões, A. M., & Relva, I. C. (2020). Exposição a ambientes abusivos e de suporte e empatia em adolescentes portugueses. *Revista Interamericana de Psicologia*, 54(2), 1-26. <https://doi.org/10.30849/ripijp.v54i2.1245>

Matias, M., & Recharte, J. (2021). Links between work–family conflict, enrichment, and adolescent well-being: Parents' and children's perspectives. *Family Relations*, 70(3), 840-858. <https://doi.org/10.1111/fare.12453>

Miklikowska, M., & Hurme, H. (2011). Democracy begins at home: Democratic parenting and adolescents' support for democratic values. *European Journal of Developmental Psychology*, 8(5), 541–557. <https://doi.org/10.1080/17405629.2011.576856>

Morelli, S. A., Lieberman, M. D., & Zaki, J. (2015). The emerging study of positive empathy. *Social and Personality Psychology Compass*, 9(2), 57–68. <https://doi.org/10.1111/spc3.12157>

Moreno-Ruiz, D., Martínez-Ferrer, B., & García-Bacete, F. (2019). Parenting styles, cyberaggression, and cybervictimization among adolescents. *Computers in Human Behavior*, 93, 252–259. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.12.031>

Moshfegh, N., & Ebrahimi, P. (2018). Elementary school students, the anonymous victims of cyberbullying. *IJAEDU-International E-Journal of Advances in Education*, 4(11), 205-208. <https://doi.org/10.18768/ijaedu.455624>

Mujidin, M., Nuryoto, S., Rustam, H. K., Hildaratri, A., & Echoh, D. U. (2023). The role of emotion regulation and empathy in students displaying cyberbullying. *Humanitas: Indonesian Psychological Journal*, 20(1), 21-28. <https://doi.org/10.26555/humanitas.v20i1.72>

- Muncer, S. J., & Ling, J. (2006). Psychometric analysis of the Empathy Quotient (EQ) scale. *Personality and Individual Differences*, 40(6), 1111–1119. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2005.09.020>
- Musitu-Ferrer, D., León-Moreno, C., Callejas-Jerónimo, J. E., Esteban-Ibáñez, M., Musitu-Ochoa, G. (2019). Relationships between parental socialization styles, empathy, and connectedness to nature: Their implications in environmentalism. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(14). <https://dx.doi.org/10.3390/ijerph16142461>
- Nadeem, R. (2020, July 28). Parenting children in the age of screens. *Pew Research Center: Internet, Science & Tech*. <https://www.pewresearch.org/internet/2020/07/28/parenting-children-in-the-age-of-screens/>
- Nunes, F., & Mota, C. P. (2018). Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – adaptação da versão portuguesa de heterorrelato [Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – adaption of the observer reporting version to the portuguese population]. *Revista Colombiana de Psicología*, 27(1), 117–131. <https://doi.org/10.15446/rcp.v27n1.64621>
- Nusantara, B. A., Sugiharto, D. Y. P., & Mulawarman, M. (2020). The effects of the effects of empathy on cyberbullying mediated by moral disengagement on cyberbullying mediated by moral disengagement. *Jurnal Bimbingan Konseling*, 9(2), 116-122. <https://doi.org/10.15294/JUBK.V9I2.37473>
- Olsson, M. I. T., Froehlich, L., Dorrough, A. R., & Martiny, S. E. (2021). The hers and his of prosociality across 10 countries. *The British Journal of Social Psychology*, 60(4), 1330–1349. <https://doi.org/10.1111/bjso.12454>

- Olweus, D., & Limber, S. P. (2018). Some problems with cyberbullying research. *Current Opinion in Psychology*, 19, 139–143.
<https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.04.012>
- Özmen, M., & Atli, A. (2021). The mediation role of empathy in the relationship between parents' attitudes and altruism. *Kastamonu Education Journal*, 29(4), 22-31. <https://doi.org/10.24106/kefdergi.755209>
- Padir, M. A., Ayas, T., & Horzum, M. B. (2021). Examining the relationship among Internet parental style, personality, and cyberbullying/victimization. *International Journal of Technology in Education and Science (IJTES)*, 5(1), 56-69.
<https://doi.org/10.46328/ijtes.160>
- Pechorro, P., Jesus, S., Kahn, R., Gonçalves, R., & Barroso, R. (2018). A versão breve da Escala de Empatia Básica numa amostra escolar de jovens portugueses: Validade, fiabilidade e invariância. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 49, 157-169. <https://doi.org/10.21865/RIDEP49.4.13>
- Perry, N. B., Dollar, J. M., Calkins, S. D., Keane, S. P., & Shanahan, L. (2020). Maternal socialization of child emotion and adolescent adjustment: Indirect effects through emotion regulation. *Developmental Psychology*, 56(3), 541–552. <https://doi.org/10.1037/dev0000815>
- Peter, I. K., & Petermann, F. (2018). Cyberbullying: A concept analysis of defining attributes and additional influencing factors. *Computers in Human Behavior*, 86, 350–366. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.05.013>
- Pinto, T. M. G. (2011). *Cyberbullying: Estudo da prevalência de comportamentos de cyberbullying e sua relação com vivências de vergonha e estados emocionais negativos* [Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto Superior Miguel Torga]. ISMT. <https://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/139>

- Pontania, A. R., & Salim R. M. A. (2019). The relation of child's empathy and parents' prejudice: The mediating role of parenting style. *Humaniora*, 10(2), 105-112.
<https://doi.org/10.21512/humaniora.v10i2.5476>
- PORDATA (2022). *Indivíduos com 16 e mais anos que utilizam computador e internet em % do total de indivíduos: Por grupo etário – Portugal*. Retirado de:
<https://www.pordata.pt/Portugal/Indiv%C3%ADduos+com+16+e+mais+anos+que+utilizam+computador+e+Internet+em+percentagem+do+total+de+indiv%C3%ADduos+por+grupo+et%C3%A1rio-1139>
- Ramadhanti, A., Putra, R. P., & Rizky, D. A. (2023). Adolescent life: The role of parenting style on empathy in high school students. *Jurnal Ilmiah Ilmu Terapan Universitas Jambi*, 7(1). <https://doi.org/10.22437/jiituj.v7i1.26627>
- Ramdhani, N. (2016). Emosi moral dan empati pada pelaku perundungan-siber. *Jurnal Psikologi UGM*, 43(1), 66-80. <https://doi.org/10.22146/jpsi.12955>
- Ratri, A. P. P., & Andangsari, E. W. (2021). The role of empathy in predicting cyberbullying behaviour in youth social media users in Jakarta. In *BINUS Joint International Conference*, 391-398. <https://doi.org/10.5220/0010008603910398>
- Reniers, R. L., Corcoran, R., Drake, R., Shryane, N. M., & Völlm, B. A. (2011). The QCAE: A Questionnaire of Cognitive and Affective Empathy. *Journal of Personality Assessment*, 93(1), 84-95.
<https://doi.org/10.1080/00223891.2010.528484>
- Ribeiro, J. L. P. (2010). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Placebo.
- Robinson, C. C., Mandleco, B., Olsen, S. F., & Hart, C. H. (2001). The Parenting Styles and Dimensions Questionnaire (PSDQ). In B. F. Perlmutter, J. Touliatos & G. W. Holden (Eds.), *Handbook of family measurement techniques*, 3, 319-321. Sage.

- Romera, E. M., Casas, J. A., Gómez-Ortiz, O., & Ortega-Ruiz, R. (2019). Moral domain as a risk and protective factor against bullying. An integrating perspective review on the complexity of morality. *Aggression and Violent Behavior*, 45, 75–82.
<https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.07.005>
- Salem, A. A. M. S., Al-Huwailah, A. H., Abdelsattar, M., Al-Hamdan, N. A. H., Derar, E., Alazmi, S., Abu Al-Diyar, M., & Griffiths, M. D. (2023). Empathic skills training as a means of reducing cyberbullying among adolescents: An empirical evaluation. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(3), 1846. <https://doi.org/10.3390/ijerph20031846>
- Sampaio, D. (2018). *Do telemóvel para o mundo. Pais e adolescentes no tempo da internet*. Editorial Caminho.
- Sanders., M. R., & Turner., K. M. T. (2018). The importance of parenting in influencing the lives of children. Handbook of parenting and child development across the lifespan. *Springer International Publishing*, 3-26. https://doi.org/10.1007/978-3-319-94598-9_1
- Schultze-Krumbholz, A., Hess, M., Pfetsch, J., Scheithauer, H. (2018). Who is involved in cyberbullying? Latent class analysis of cyberbullying roles and their associations with aggression, self-esteem, and empathy. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 12(4). <https://doi.org/10.5817/CP2018-4-2>
- Schwan, D. (2018). Should physicians be empathetic? Rethinking clinical empathy. *Theoretical Medicine and Bioethics*, 39(5), 347-360.
<https://doi.org/10.1007/s11017-018-9463-y>
- Simões, M. R., Almiro, P. A., & Sousa, L. B. (2014). Escala de Desejabilidade Social de 20 Itens (EDS-20) [The Social Desirability Scale (EDS-20)]. Laboratório de

Avaliação Psicológica e Psicometria (PsyAssessmentLab), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Şimşek, N., Şahin, D., & Evli, M. (2019). Internet addiction, cyberbullying, and victimization relationship in adolescents: A sample from Turkey. *Journal of Addictions Nursing*, 30(3), 201–210.

<https://doi.org/10.1097/JAN.0000000000000296>

Steffgen, G., König, A., Pfetsch, J., & Melzer, A. (2011). Are cyberbullies less empathic? Adolescents' cyberbullying behavior and empathic responsiveness. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 14(11), 643–648. <https://doi.org/10.1089/cyber.2010.0445>

Stuijzand, S., De Wied, M., Kempes, M., Van de Graaff, J., Branje, S., & Meeus, W. (2016). Gender differences in empathic sadness towards persons of the same-versus other-sex during adolescence. *Sex Roles*, 75(9), 434–446.

<https://doi.org/10.1007/s11199-016-0649-3>

Sun, X., Chen, L., Wang, Y., & Li, Y. (2020). The link between childhood psychological maltreatment and cyberbullying perpetration attitudes among undergraduates: Testing the risk and protective factors. *PLoS One*, 15(9).

<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0236792>

Teding van Berkhout, E., & Malouff, J. M. (2016). The efficacy of empathy training: A meta-analysis of randomized controlled trials. *Journal of Counseling Psychology*, 63(1), 32–41. <https://doi.org/10.1037/cou0000093>

Tezer, M., Ulgener, P., Minalay, H., Ture, A., Tugutlu, U. & Harper, M. G. (2020). Examining the relationship between academic procrastination behaviors and problematic Internet usage of high school students during the COVID-19

- pandemic period. *Global Journal of Guidance and Counseling in Schools: Current Perspectives*, 10(3), 142-156. <https://doi.org/10.18844/gjgc.v10i3.5549>
- Tokunaga, R. S. (2010). Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in Human Behavior*, 26(3), 277–287. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2009.11.014>
- Torralba, E., Ortega-Barón, J., & Buelga, S. (2020). Cyberbullying: Technological risk among adolescents. In La Rocca & J. M. Torvisco. (Eds.), *Technological and Digital Risk: Research Issues* (pp.115-132). Peter Lang.
- Touloupis, T., & Athanasiades, C. (2022). Cyberbullying and empathy among elementary school students: Do special educational needs make a difference? *Scandinavian Journal of Psychology*, 63(6), 609–623. <https://doi.org/10.1111/sjop.12838>
- Wagers, K. B., & Kiel, E. J. (2019). The influence of parenting and temperament on empathy development in toddlers. *Journal of Family Psychology*, 33(4), 391–400. <https://doi.org/10.1037/fam0000505>
- Wang, S., Hu, H., Wang, X., Dong, B., & Zhang, T. (2020). Associations of experienced parenting style and empathy among male offenders in China. <https://doi.org/10.21203/rs.3.rs-37738/v1>
- Wang, X., Dong, W., & Qiao, J. (2021). How is childhood psychological maltreatment related to adolescents' cyberbullying perpetration? The roles of moral disengagement and empathy. *Current Psychology*, 1-11. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-02495-9>
- Weisz, E., & Cikara, M. (2021). Strategic regulation of empathy. *Trends in Cognitive Sciences*, 25(3), 213–227. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2020.12.002>

- Welivita, A., & Pu, P. (2020). A taxonomy of empathetic response intents in human social conversations. *arXiv preprint arXiv:2012.04080*.
<https://doi.org/10.48550/arXiv.2012.04080>
- Wigati, M., Diponegoro, A. M., & Bashori, K. (2020). Roles of empathy, emotion regulation and school climate against cyber bullying in high schools in merangin, Jambi. *American Research Journal of Humanities & Social Science*, 3(8), 72-79.
- Wright, M. F., Wachs, S., & Harper, B. D. (2018). The moderation of empathy in the longitudinal association between witnessing cyberbullying, depression, and anxiety. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 12(4). <https://dx.doi.org/10.5817/CP2018-4-6>
- Zhang, Y., Chen, C., Teng, Z., & Guo, C. (2021). Parenting style and cyber-aggression in Chinese youth: The role of moral disengagement and moral identity. *Frontiers in Psychology*, 12, 621878. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.621878>
- Zurcher, J. D., Holmgren, H. G., Coyne, S. M., Barlett, C. P., & Yang, C. (2018). Parenting and cyberbullying across adolescence. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 21(5), 294–303. <https://doi.org/10.1089/cyber.2017.0586>
- Zych, I., Baldry, A. C., Farrington, D. P., & Llorent, V. J. (2019). Are children involved in cyberbullying low on empathy? A systematic review and meta-analysis of research on empathy versus different cyberbullying roles. *Aggression and Violent Behavior*, 45, 83–97. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.03.004>
- Zych, I., Farrington, D. P., Nasaescu, E., Jolliffe, D., & Twardowska-Staszek, E. (2022). Psychometric properties of the Basic Empathy Scale in Polish children and adolescents. *Current Psychology: A Journal for Diverse Perspectives on Diverse Psychological Issues*, 41(4), 1957–1966. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00670-y>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aliadas à crescente utilização da internet estão as desvantagens da sua fácil acessibilidade e das múltiplas atividades que podem ser realizadas *online*. Deste modo, nunca é demais explorar os comportamentos desajustados que as novas tecnologias despertam nos seus utilizadores, bem como identificar os fatores que possam potencializar essas condutas. Neste sentido, surgiu o interesse pelo estudo do fenómeno do *cyberbullying*, sendo este reconhecido como um problema global que exige especial atenção. Assim, a presente investigação procurou estudar a perpetração do *cyberbullying* e a sua relação com a variável regulação emocional, estilos parentais e empatia. No contexto português, foi possível verificar um número reduzido de estudos sobre a associação entre o *cyberbullying* e a regulação emocional dos agressores. Esta escassez foi igualmente observada para a relação entre o *cyberbullying*, os estilos parentais e a componente afetiva e cognitiva da empatia. Neste sentido, a presente investigação revela-se pertinente, dando um acréscimo à comunidade científica.

Para cada estudo foram descritos os principais resultados obtidos, as implicações práticas e limitações identificadas. Para além disso, houve o cuidado em destacar sugestões para investigações futuras.

Foi verificado que uma parte significativa da amostra já praticou pelo menos um comportamento de *cyberbullying*, havendo mais perpetradores do sexo masculino do que do sexo feminino. Portanto, é possível que os indivíduos do sexo feminino sejam mais empáticos (Fitriyah et al., 2021), sendo que o seu nível de agressão se mostra menor comparado com o do sexo masculino (Wright et al., 2020). Para além disso, foi observado que a prevalência dos comportamentos de *cyberbullying* aumenta quando o tempo diário despendido na internet é elevado. Assim, estes resultados sugerem que o controlo da utilização da internet pelos jovens se revela fundamental, a fim de combater o aumento

do fenómeno. Para tal, são necessárias estratégias de prevenção e intervenção multifacetadas (Ang, 2015).

No que concerne à associação entre a perpetração de *cyberbullying* e a regulação emocional, foram encontradas associações positivas entre as dimensões das dificuldades na regulação emocional e a perpetração de *cyberbullying*, sendo que à medida que a não aceitação da resposta emocional, do acesso limitado às estratégias de regulação emocional e as dificuldades no controlo de impulsos aumentam, os comportamentos de *cyberbullying* também aumentam. Assim, a regulação emocional parece exercer um papel determinante no combate do fenómeno (Wigati et al., 2020), logo indivíduos que estão menos ajustados do ponto de vista emocional, estão mais predispostos a praticar *cyberbullying* (Gül et al., 2019).

Relativamente ao papel preditor da regulação emocional face à perpetração de *cyberbullying*, observou-se que a única dimensão das dificuldades na regulação emocional que prediz positivamente o *cyberbullying* foi a dificuldade no controlo de impulsos, sendo que indivíduos menos conscientes das consequências dos seus comportamentos e que tendem a agir no calor do momento, apresentam-se mais propensos para praticar *cyberbullying* (Khoury-Kassabri et al., 2016). Para além disso, a impulsividade neste contexto deve-se à rápida propagação das agressões, a qual pode dificultar a autorreflexão dos perpetradores (Khoury-Kassabri et al., 2016).

No segundo estudo foram identificadas associações positivas entre os comportamentos de *cyberbullying* e o estilo autoritário do pai e da mãe, concluindo-se que à medida que as atitudes autoritárias dos pais aumentam, aumenta a perpetração de *cyberbullying*, porém, o contrário também pode ser observado. Deste modo, a punição e a rigidez, típicas do estilo autoritário, parecem aumentar a ocorrência de *cyberbullying* (Gómez-Ortiz et al., 2019). Quanto à relação entre o *cyberbullying* e a capacidade

empática dos agressores, não foram observadas associações significativas, logo, no presente estudo, a empatia parece não ter tido influência na prática de comportamentos de *cyberbullying*.

No que concerne à análise referente às diferenças entre o sexo feminino e o sexo masculino nas duas componentes da empatia, os resultados mostraram que o sexo feminino evidencia maior capacidade empática do que o sexo masculino, uma vez que os adolescentes do sexo feminino pontuaram mais na componente afetiva e cognitiva da empatia. Portanto, as raparigas parecem ser mais compreensivas e sensíveis para com o outro, o que faz com que adotem comportamentos mais adequados.

Relativamente ao efeito preditor da empatia nos comportamentos de *cyberbullying*, não foi verificado um contributo significativo, logo, ao contrário do que a maioria da literatura concluiu, no presente estudo, a empatia afetiva e cognitiva não prediz a perpetração. Verificou-se ainda que os estilos parentais predizem os comportamentos de *cyberbullying*, sendo que o estilo autoritário da figura paterna se apresenta como um preditor determinante para o aumento da perpetração. Assim, é possível concluir que o estilo parental mais significativo para previsão da perpetração de *cyberbullying*, é o estilo autoritário (Dilmaç & Aydoğan, 2010).

A presente investigação apresenta implicações importantes no âmbito da prevenção/intervenção junto dos comportamentos de *cyberbullying*, como a promoção de estratégias de regulação emocional, o incentivo dos pais na adoção de estilos educativos mais eficientes e a oferta de informações aos adolescentes sobre o conceito de empatia e a sua importância nas relações interpessoais. Atendendo aos resultados obtidos, mostra-se importante desenvolver programas de prevenção, em contexto familiar e escolar, bem como criar ações formativas de carácter informativo dirigidas aos professores, com o intuito de serem implementadas medidas sobre o uso das tecnologias nas escolas. Para

além disso, os pais, professores e a população em geral deverão ser informados e sensibilizados sobre a importância das emoções na prevenção do *cyberbullying*. Também pode ser vantajoso desenvolver programas preventivos direcionados aos pais para que invistam num funcionamento familiar mais colaborativo, a fim de diminuir a propagação do *cyberbullying* e promoverem o comportamento empático entre os adolescentes. Por fim, a criação de ações de sensibilização implementadas em contexto escolar e na comunidade, poderão ser igualmente benéficas para a prevenção de possíveis efeitos da má utilização da internet.

Quanto às limitações, primeiramente destaca-se a extensão do protocolo de investigação, responsável pela exclusão de vários participantes. Outra limitação apontada corresponde ao facto de ambos os estudos serem de carácter transversal. A exclusão de itens que constituem os instrumentos seleccionados pode igualmente ser identificada como uma limitação. Para além disso, a impossibilidade de generalização dos resultados, devido à não representatividade da amostra também é uma limitação apontada. Por último, a utilização de questionários de autorrelato, por um lado facilita a aplicação do protocolo a uma amostra elevada, porém, as respostas são sugestivas de desejabilidade social.

Em futuras investigações, poderá ser pertinente realizar estudos de carácter longitudinal e utilizar uma amostra mais representativa e abrangente, através da inclusão de um maior número de participantes de várias regiões de Portugal, bem como alargar a faixa etária, a fim de obter resultados mais precisos. Para além disso, seria interessante incluir a percepção dos pais e professores sobre os comportamentos e a regulação emocional dos mais jovens, bem como o testemunho dos pais sobre as práticas por eles adotadas. Também seria importante perceber se diferentes estratégias de regulação emocional influenciam os comportamentos de *cyberbullying*, procurar clarificar o papel do sexo na perpetração de *cyberbullying* e entender de que forma os comportamentos de

cyberbullying se associam com as dificuldades na regulação emocional, incluindo algumas variáveis psicossociais (e.g. histórico psicopatológico, empatia). A inclusão e compreensão do efeito do estilo permissivo nos comportamentos de *cyberbullying* e na capacidade empática dos jovens, a clarificação das diferenças de sexo na capacidade empática e a inclusão de características partilhadas por ambos os sexos para testar o efeito das mesmas na empatia do sexo feminino e masculino, são outras sugestões apontadas para estudos futuros.

Atendendo aos resultados obtidos, é possível assumir que se revelam importantes, porém, são necessários mais estudos, especificamente no contexto português, que abordem as temáticas de forma mais aprofundada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS GERAIS

- Ang, R. P. (2015). Adolescent cyberbullying: A review of characteristics, prevention, and intervention strategies. *Aggression and Violent Behavior*, 25, 35-42.
<https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.07.011>
- Arató, N., Zsidó, A. N., Lénárd, K., & Lábadi, B. (2020). Cybervictimization and cyberbullying: The role of socio-emotional skills. *Frontiers in Psychiatry*, 11, 248. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2020.00248>
- Chan, H. C., & Wong, D. S. (2020). The overlap between cyberbullying perpetration and victimization: Exploring the psychosocial characteristics of Hong Kong adolescents. *Asia Pacific Journal of Social Work and Development*, 30(3), 164-180. <https://doi.org/10.1080/02185385.2020.1761436>
- Darko, G., Björkqvist, K., & Österman, K. (2019). Low intensity intimate partner aggression in Ghana: Support for the revised gender symmetry theory in an African country. *Aggressive Behavior*, 45(1), 52-61.
<https://doi.org/10.1002/ab.21796>
- de Pasquale, C., Martinelli, V., Sciacca, F., Mazzone, M., Chiappedi, M., Dinaro, C., & Hichy, Z. (2021). The role of mood states in cyberbullying and cybervictimization behaviors in adolescents. *Psychiatry Research*, 300, 113908. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2021.113908>
- Dilmaç, B., & Aydoğan, D. (2010). Parental attitudes as a predictor of cyberbullying among primary children. *International Science Index, Educational and Pedagogical*, 4(7), 1667- 1671. <https://doi.org/10.5281/zenodo.1330259>
- Fang, J., Wang, X., Yuan, K. H., Wen, Z., Yu, X., & Zhang, G. (2020). Callous-unemotional traits and cyberbullying perpetration: The mediating role of moral

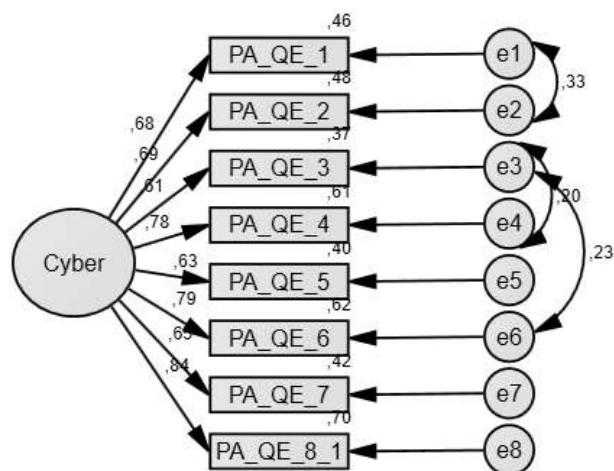
- disengagement and the moderating role of empathy. *Personality and Individual Differences*, 157, 109829. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.109829>
- Field, T. (2018). Cyberbullying: A narrative review. *Journal of Addiction Therapy and Research*, 2(1), 10-27. <https://doi.org/10.29328/journal.jatr.1001007>
- Fitriyah, F. K., Hidayah, N., Muslihati, M., Hambali, I., & Ibad, M. (2021). The role of demographic characteristics and spiritual dimensions in predicting empathy: A study in Muslim pre-service teachers. *Islamic Guidance and Counseling Journal*, 4(2), 158-168. <https://doi.org/10.25217/igcj.v4i2.1553>
- Gómez-Ortiz, O., Apolinario, C., Romera, E. M., & Ortega-Ruiz, R. (2019). The role of family in bullying and cyberbullying involvement: Examining a new typology of parental education management based on adolescents' view of their parents. *Social Sciences*, 8(1), 25. <https://doi.org/10.3390/socsci8010025>
- Gül, H., Firat, S., Sertçelik, M., Gül, A., Gürel, Y., & Kiliç, B. G. (2019). Cyberbullying among a clinical adolescent sample in Turkey: Effects of problematic smartphone use, psychiatric symptoms, and emotion regulation difficulties. *Psychiatry and Clinical Psychopharmacology*, 29(4), 547-557. <https://doi.org/10.1080/24750573.2018.1472923>
- Khoury-Kassabri, M., Mishna, F., & Massarwi, A. A. (2019). Cyberbullying perpetration by Arab Youth: The direct and interactive role of individual, family, and neighborhood characteristics. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(12), 2498–2524. <https://doi.org/10.1177/0886260516660975>
- Kumari, K., & Singh, J. P. (2022). Multi-modal cyber-aggression detection with feature optimization by firefly algorithm. *Multimedia Systems*, 28(6), 1951-1962. <https://doi.org/10.1007/s00530-021-00785-7>

- Musitu-Ferrer, D., León-Moreno, C., Callejas-Jerónimo, J. E., Esteban-Ibáñez, M., Musitu-Ochoa, G. (2019). Relationships between parental socialization styles, empathy, and connectedness to nature: Their implications in environmentalism. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(14). <https://dx.doi.org/10.3390/ijerph16142461>
- Padir, M. A., Ayas, T., & Horzum, M. B. (2021). Examining the relationship among internet parental style, personality, and cyberbullying/victimization. *International Journal of Technology in Education and Science*, 5(1), 56-69. <https://doi.org/10.46328/ijtes.160>
- Rao, J., Wang, H., Pang, M., Yang, J., Zhang, J., Ye, Y., ... & Dong, X. (2019). Cyberbullying perpetration and victimization among junior and senior high school students in Guangzhou, China. *Injury Prevention*, 25(1), 13-19. <https://doi.org/10.1136/injuryprev-2016-042210>
- Ronis, S., & Slaunwhite, A. (2019). Gender and geographic predictors of cyberbullying victimization, perpetration, and coping modalities among youth. *Canadian Journal of School Psychology*, 34(1), 3-21. <https://doi.org/10.1177/0829573517734029>
- Şimşek, N., Şahin, D., & Evli, M. (2019). Internet addiction, cyberbullying, and victimization relationship in adolescents: A sample from Turkey. *Journal of Addictions Nursing*, 30(3), 201–210. <https://doi.org/10.1097/JAN.0000000000000296>
- Vranjes, I., Erreygers, S., Vandebosch, H., Baillien, E., & De Witte, H. (2018). Patterns of cybervictimization and emotion regulation in adolescents and adults. *Aggressive Behavior*, 44(6), 647–657. <https://doi.org/10.1002/ab.21790>

- Wigati, M., Diponegoro, A. M., & Bashori, K. (2020). Roles of empathy, emotion regulation and school climate against cyber bullying in high schools in Merangin, Jambi. *American Research Journal of Humanities & Social Science*, 3(8), 72-79.
- Wright, M. F., Huang, Z., Wachs, S., Aoyama, I., Kamble, S., Soudi, S., ... & Shu, C. (2020). Associations between cyberbullying perpetration and the dark triad of personality traits: the moderating effect of country of origin and gender. *Asia Pacific Journal of Social Work and Development*, 30(3), 242-256.
<https://doi.org/10.1080/02185385.2020.1788979>

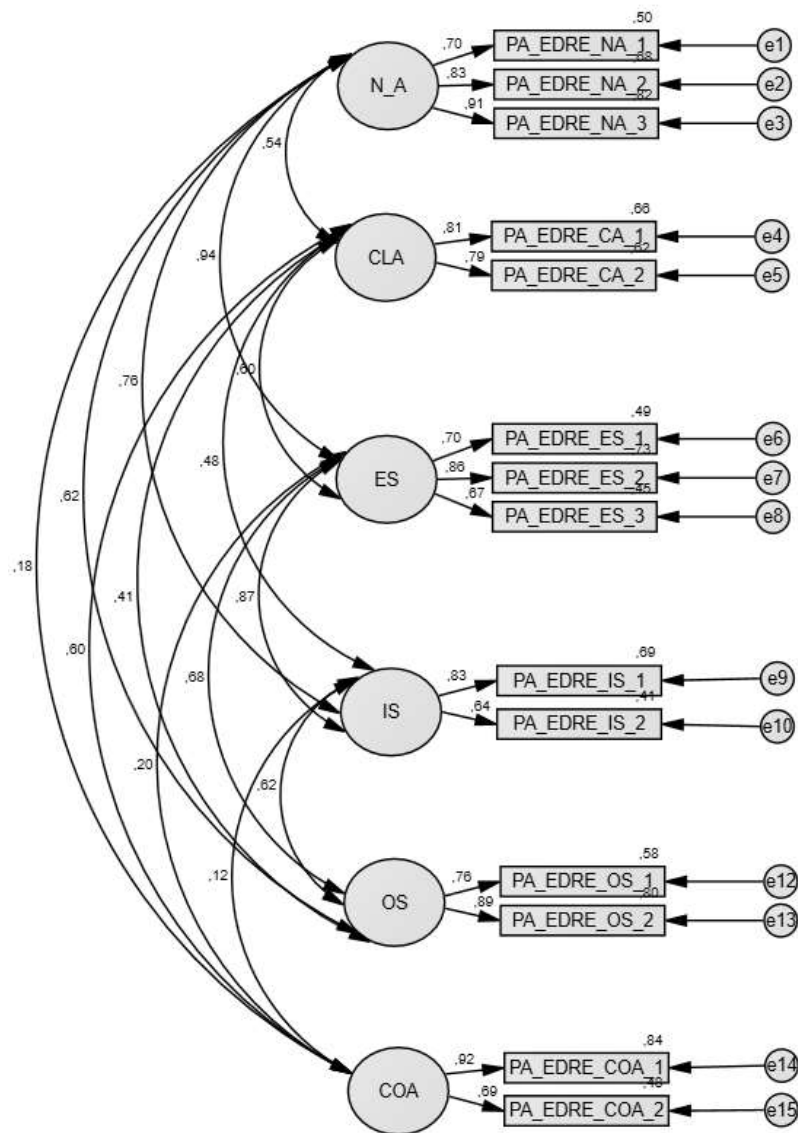
ANEXOS

Anexo I - Análise Fatorial Confirmatória do *Cyberbullying Questionnaire* (CBQ)



Na figura acima encontra-se o modelo do *Cyberbullying Questionnaire* de 16 itens ajustado para a amostra total de 422 adolescentes. Quanto aos emparcelamentos, o PA_QE_1 inclui os itens 1 e 2, o PA_QE_2 os itens 3 e 4, o PA_QE_3 os itens 5 e 6, o PA_QE_4 os itens 7 e 8, o PA_QE_5 os itens 9 e 10, o PA_QE_6 os itens 11 e 12, o PA_QE_7 os itens 13 e 14 e o PA_QE_8_1 os itens 15 e 16, sendo que o item 17 foi eliminado. Foram obtidos os seguintes índices de ajustamento: $\chi^2 (DF = 17) = 1.666; p > .001$; RMSEA=.04; CFI=.99 e NFI=.98.

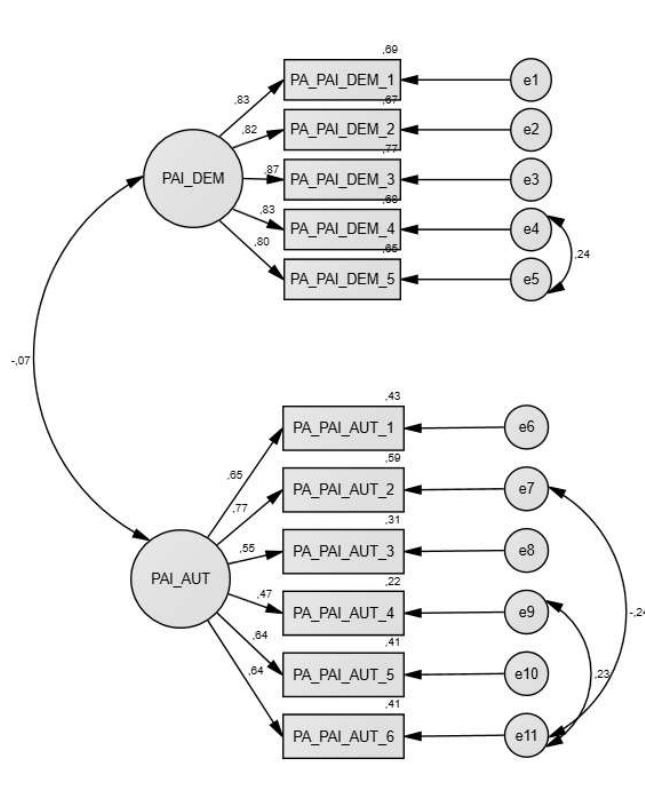
Anexo II - Análise Fatorial Confirmatória da *Difficulties in Emotion Regulation Scale (DERS)*



O modelo acima apresentado refere-se à *Difficulties in Emotion Regulation Scale* de 34 itens, ajustada para a amostra total de 422 adolescentes. O emparelamento PA_EDRE_NA_1 inclui os itens 11 e 12, o PA_EDRE_NA_2, os itens 21 e 23, o PA_EDRE_NA_3 os itens 25 e 29, o PA_EDRE_CA_1 os itens 1 (invertido), 4 e 5, o PA_EDRE_CA_2 os itens 7 (invertido) e 9, o PA_EDRE_ES_1 os itens 15, 16 e 22 (invertido), o PA_EDRE_ES_2 os itens 28, 30 e 31, o PA_EDRE_ES_3 os itens 35 e 36, o PA_EDRE_IS_1 os itens 3, 14 e 19, o PA_EDRE_IS_2 os itens 24 (invertido), 27 e 32,

o PA_EDRE_OS_1 os itens 13, 18 e 20 (invertido), o PA_EDRE_OS_2 os itens 26 e 33, o PA_EDRE_COA_1 os itens 2 e 6 (invertidos) e o PA_EDRE_COA_2 os itens 8 e 10 (invertidos), sendo que os itens 17 e 34 (invertidos) foram eliminados. Os índices de ajustamento obtidos foram os seguintes: χ^2 ($DF = 63$) = 3.756; $p < .001$; RMSEA=.08; CFI=.94 e NFI=.93.

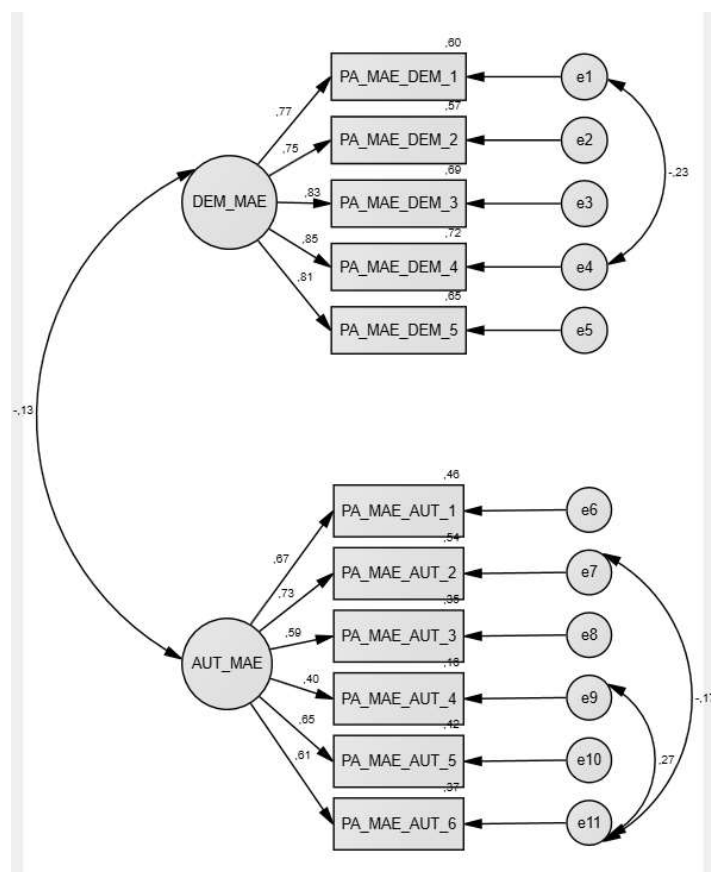
Anexo III – Análise Fatorial Confirmatória do *Parenting Styles & Dimensions Questionnaire: Short Version* (PSDQ) – Versão da figura paterna



A figura acima refere-se ao *Parenting Styles & Dimensions Questionnaire: Short Version* (PSDQ) da figura paterna, de 27 itens ajustado para a amostra total de 422 adolescentes. No que concerne aos emparcelamentos, o PA_PAIDEM_1 inclui os itens 1,3 e 5, o PA_PAIDEM_2, os itens 7, 9 e 11, o PA_PAIDEM_3 os itens 12, 14 e 18, o PA_PAIDEM_4 os itens 21, 22 e 25, o PA_PAIDEM_5 os itens 27, 29 e 31, o PA_PAIAUT_1 os itens 2 e 4, o PA_PAIAUT_2 os itens 6 e 10, o PA_PAIAUT_3 os itens 13 e 16, o PA_PAIAUT_4 os itens 19 e 23, o PA_PAIAUT_5 os itens 26 e 28

e o PA_PA_I_AUT_6 os itens 30 e 32, sendo que os itens referentes ao estilo permissivo não foram incluídos no presente estudo (8, 15, 17, 20 e 24). Foram obtidos os seguintes índices de ajustamento: χ^2 ($DF = 40$) = 4.197; $p < .001$; RMSEA=.09; CFI=.94 e NFI=.93.

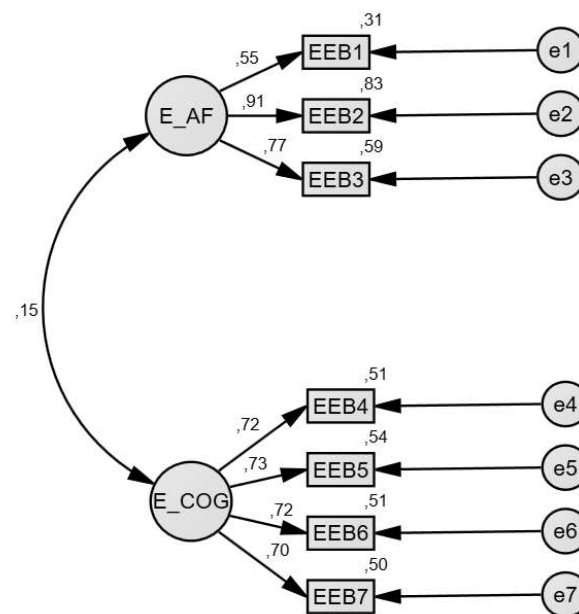
Anexo IV – Análise Fatorial Confirmatória do *Parenting Styles & Dimensions Questionnaire: Short Version* (PSDQ) – Versão da figura materna



Na figura acima encontra-se o *Parenting Styles & Dimensions Questionnaire: Short Version* (PSDQ) da figura materna, de 27 itens ajustado para a amostra total de 422 adolescentes. No que concerne aos emparelamentos, o PA_MAE_DEM_1 inclui os itens 1,3 e 5, o PA_MAE_DEM_2, os itens 7, 9 e 11, o PA_MAE_DEM_3 os itens 12, 14 e 18, o PA_MAE_DEM_4 os itens 21, 22 e 25, o PA_MAE_DEM_5 os itens 27, 29 e 31, o PA_MAE_AUT_1 os itens 2 e 4, o PA_MAE_AUT_2 os itens 6 e 10, o PA_MAE_AUT_3 os itens 13 e 16, o PA_MAE_AUT_4 os itens 19 e 23, o

PA_MAE_AUT_5 os itens 26 e 28 e o PA_MAE_AUT_6 os itens 30 e 32, sendo que os itens referentes ao estilo permissivo não foram incluídos no presente estudo (8, 15, 17, 20 e 24). Os índices de ajustamento obtidos foram os seguintes: $\chi^2 (DF = 40) = 3.507$; $p < .001$; RMSEA=.08; CFI=.95 e NFI=.93.

Anexo V – Análise Fatorial Confirmatória da *Versão Breve da Basic Empathy Scale* (BES-A)



A figura acima refere-se à Versão Breve da *Basic Empathy Scale* (BES-A) de 7 itens ajustada para a amostra total de 422 participantes. O EEB_1 refere-se ao item 1, o EEB_2 ao item 2, o EEB_3 ao item 3, o EEB_4 ao item 4, o EEB_5 ao item 5, o EEB_6 ao item 6 e o EEB_7 ao item 7. Neste instrumento, não foram efetuadas alterações, tendo sido obtidos os seguintes índices de ajustamento: $\chi^2 (DF = 13) = 2.860$; $p < .001$; RMSEA=.07; CFI=.98 e NFI=.96.

Anexo VI – Pedido de autorização e parecer à Comissão de Ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (CE – UTAD)

PARECER

Ref. Doc80-CE-UTAD-2022

Data: 19/10/2022

Requerente: Adriana Sandrina Teixeira Martins

Assunto: Pedido de apreciação sobre o protocolo de investigação do projeto “Relação do cyberbullying, regulação emocional, estilos parentais e empatia: perfil dos agressores”

Cara estudante Adriana Martins,

A Comissão de Ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (CE-UTAD) analisou os documentos submetidos com vista à obtenção de um parecer sobre os aspetos éticos do projeto/estudo mencionado. Foram apreciados os seguintes documentos:

Documentos	Versão e data
- Formulário para pedido de emissão de parecer - Apêndice 1: Cópia do instrumento de recolha de dados (Questionário de Dados Sociodemográficos; Questionário sobre a utilização da Internet; Questionário de Cyberbullying; Escala de Dificuldades de Regulação Emocional, versão reduzida; Parenting Styles and Dimensions Questionnaire, short version; Escala de Empatia Básica, versão reduzida) - Apêndice 2: Modelo de declaração de consentimento informado assinado - Apêndice 5: Declaração das orientadoras do estudo - Apêndice 6: Declaração de compromisso de confidencialidade dos dados recolhidos - Apêndice 8: Cópia da notificação de autorização da Direção-Geral da Educação (Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar) - Apêndice 9: Declaração de compromisso de envio de relatório final	12-10-2022

Os seguintes membros da CE-UTAD participaram na avaliação ética:

Nome	Qualificação	Papel na Comissão de Ética	Género	Afiliação à UTAD
Paulo Jorge de Campos Favas	Professor	Presidente	M	Sim
Ana Cláudia Correia Coelho	Professor	Membro	F	Sim
Filomena Martins M. Raimundo	Professor	Membro	F	Sim
Ricardo Nuno S. G. Barroso	Professor	Membro	M	Sim

A CE-UTAD elabora as suas apreciações em conformidade com a Declaração de Helsínquia, a Convenção de Oviedo, o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados e com outra regulamentação aplicável. Nenhum dos investigadores que participam no projeto de investigação em apreciação participou no correspondente processo de decisão e de votação.

Com base na revisão dos documentos atrás mencionados, a CE-UTAD decidiu, por unanimidade, emitir um **parecer favorável** sobre o modo como as questões éticas são tratadas no projeto em apreço.

A CE-UTAD considera importante ser também informada sobre o andamento do projeto/estudo, nomeadamente de quaisquer eventos adversos que venham a ocorrer e de eventuais revisões dos protocolos seguidos, da informação aos participantes ou do formato do consentimento informado e solicita uma cópia eletrónica do relatório final do projeto/estudo.

Assinado por: PAULO JORGE DE CAMPOS FAVAS

Anexo VII – Pedido de autorização à Direção Geral da Educação (DGE) através da plataforma Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (MIME)

O pedido de autorização do inquérito n.º 0846400001, com a designação *Relação entre cyberbullying, regulação emocional, estilos parentais e empatia: perfil dos agressores*, registado em 22-09-2022, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

Exmo.(a) Senhor(a) Adriana Martins

Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é aprovado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos, devendo atender-se às observações aduzidas.

Com os melhores cumprimentos

José Vitor Pedroso

Diretor-Geral

DGE

Observações:

a) A realização dos inquéritos fica sujeita a autorização das Direções dos Agrupamentos de Escolas do ensino público a contactar para a realização do estudo/investigação científica. Merece especial atenção o modo, o momento e condições de aplicação dos instrumentos de recolha de dados em meio escolar, porque muito onerosos, de categorias especiais de dados, sensíveis e do foro da saúde e vida privada, devendo fazer-se em estreita articulação com as Direções dos Agrupamentos e com os encarregados de educação ou quem tutele os menores inquiridos.

b) Deve considerar-se o disposto legal em matéria de garantia de anonimato dos sujeitos, não identificabilidade, confidencialidade, proteção e segurança dos dados pessoais sensíveis a recolher e tratar no presente estudo, de categorias especiais de dados, do foro da saúde e vida privada. Considerados os documentos que foram anexados e para efeitos da proteção dos dados pessoais, em cumprimento da legislação em vigor, resultam obrigações que o responsável se propõe cumprir. Destas deve dar conhecimento a todos os inquiridos e a quem intervenha na recolha e tratamento de dados. É obrigatória a recolha prévia das declarações de consentimento inequívoco, informado e esclarecido, junto dos inquiridos, titulares dos dados, no caso de menores de idade pelos seus representantes legais. Para efetiva garantia de anonimato, as autorizações assinadas devem ficar em poder da Escola/Agrupamento ao qual pertencem, não devendo haver cruzamento ou associação de dados entre os que são recolhidos pelos instrumentos de inquirição e os constantes das declarações de consentimento informado. Recomenda-se que, dado o exposto, para efeitos de proteção de dados e cumprimento do disposto legal nesta matéria, o/a Encarregado/a de Proteção de Dados da entidade responsável pelo estudo possa apoiar todo o processo, (sugere-se a melhor redação da declaração de consentimento informado e esclarecido a apresentar aos inquiridos, seus representantes legais) ponderando acionar medidas de salvaguarda previstas na lei para segurança dos mesmos e devida proteção dos titulares.

Pode consultar na Internet toda a informação referente a este pedido no endereço <http://mime.dgeec.mec.pt>. Para tal terá de se autenticar fornecendo os dados de acesso da entidade.

Anexo VIII – Pedido de autorização aos Encarregados de Educação (Consentimento Informado)



Consentimento informado, livre e esclarecido para participação em investigação

Exmo. (a) Senhor(a) Encarregado(a) de Educação,

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se considerar que algo está incorreto, ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações.

Eu, Adriana Martins, estudante do 2.º ano do Mestrado em Psicologia Clínica na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, venho por este meio solicitar, a vossa excelência, a autorização para a aplicação de um questionário ao seu educando. Este questionário engloba uma série de instrumentos relacionados com o *cyberbullying*, o *bullying*, a regulação emocional, os estilos parentais, a empatia, a qualidade da relação com os professores e as memórias de cuidado na infância.

Os dados recolhidos serão utilizados apenas para fins estatísticos, nesse sentido é assegurada a confidencialidade e o anonimato dos mesmos.

O presente estudo abrange um grande número de alunos pertencentes a várias escolas na região Norte do país e na área metropolitana de Lisboa. Integra-se numa investigação científica desenvolvida no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, sob a orientação da Professora Doutora Alice Margarida Martins dos Santos Simões e da Professora Doutora Inês Moura de Sousa Carvalho Relva.

Agradeço, desde já, a vossa colaboração.

(Adriana Martins)

Eu, _____, encarregado(a) de educação do
aluno(a) _____ da escola _____,
declaro que autorizo a participação do meu educando no preenchimento do questionário
com instrumentos relacionados com o *CBCT/2010*, o *bullying*, a regulação emocional,
os estilos parentais, a empatia, a qualidade da relação com os professores e as memórias
de cuidado na infância, integrado num projeto de investigação da Universidade de Trás-
os-Montes e Alto Douro.

(Assinatura do(a) aluno(a))

(Assinatura do Encarregado de Educação)

Data: ____ / ____ / ____

Questionário sociodemográfico

Responde às seguintes questões, por favor.

Sexo

Feminino ☐ Masculino ☐

Idade _____

Nível de escolaridade _____

Nacionalidade _____

Com quem vives?

Se vives com os teus pais, qual o estado civil deles?

Tens irmãos?

Sim ☐ Não ☐

Se respondeste sim, quantos? _____

Que tipo de escola frequentas?

Pública ☐ Privada ☐

Questionário sobre a utilização da Internet

Com que idade começaste a utilizar a Internet? _____

Tempo diário despendido na Internet (em horas)?

Menos de 2 horas ☐ De 2 a 5 horas ☐ Mais de 6 horas ☐

Qual a rede social que mais utilizas?

Facebook ☐ TikTok ☐

YouTube ☐ Outro ☐

WhatsApp ☐

Instagram ☐

Snapchat ☐

DERS (*Difficulties in Emotion Regulation Scale*)

(Gratz & Roemer, 2004; traduzida e adaptada para a população portuguesa por Veloso et al., 2011)

Estamos interessadas em saber como as pessoas lidam com as dificuldades que sentem quando procuram regular as suas emoções. Todos nós diferimos quanto ao modo como regulamos as nossas emoções, e como tal, sentimos dificuldades diferentes; não há por isso respostas corretas ou erradas. Por favor, lê cuidadosamente cada afirmação e assinala para cada uma delas, usando a escala indicada, o modo como lidaste com os seus sentimentos durante o último mês.

Quase nunca - 1
Algumas vezes - 2
Cerca de metade do tempo - 3
A maior parte do tempo - 4
Quase sempre - 5

1. Para mim os meus sentimentos são claros.	1	2	3	4	5
2. Presto atenção à forma como me estou a sentir.	1	2	3	4	5
3. Experiencio as minhas emoções como avassaladoras e fora de controlo.	1	2	3	4	5
4. Não faço ideia de como me sinto.	1	2	3	4	5
5. Tenho dificuldade em entender os meus sentimentos.	1	2	3	4	5

PSDQ (*Parenting Styles & Dimensions Questionnaire: Short Version*)

(Robinson et al., 2001; validado para a população portuguesa por Nunes & Mota, 2018)

As seguintes afirmações medem com que frequência e de que modo os teus pais atuam contigo. Lê cada uma das frases e rodeia com um círculo as respostas. Responde em colunas separadas para o **pai** e para a **mãe**. Se a tua estrutura familiar não for constituída por um pai e uma mãe, não respondas às questões que se seguem e passa para o questionário **Escala de Vinculação aos Professores**.

	Quase nunca – 1 Algumas vezes – 2 Metade das vezes – 3 Muitas vezes – 4 Sempre – 5					Quase nunca – 1 Algumas vezes – 2 Metade das vezes – 3 Muitas vezes – 4 Sempre – 5				
	Pai					Mãe				
1. Os meus pais são sensíveis aos meus sentimentos e necessidades.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
2. Os meus pais castigam-me fisicamente como forma de me disciplinar.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
3. Os meus pais têm em conta os meus desejos antes de me pedirem que faça algo.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4. Quando pergunto aos meus pais porque tenho de lhes obedecer, eles dizem-me: “porque eu disse” ou “porque somos teus pais e queremos que o faças”.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5. Os meus pais explicam-me como se sentem quando me comporto bem e quando me comporto mal.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

CBQ (Cyberbullying Questionnaire)

(Calvete et al., 2009; validado para a população portuguesa por Pinto, 2011)

As frases que se seguem referem-se à utilização da internet e do telemóvel. Lê atentamente cada uma das afirmações, e assinala com um X no quadrado que melhor corresponde à frequência com que possas ter realizado algumas destas ações.

	Nunca - 1	Às vezes - 2	Muitas vezes - 3
1. Manter lutas e discussões "online", usando insultos, etc. através de mensagens eletrônicas.	1	2	3
2. Enviar mensagens ameaçadoras ou insultuosas por e-mail.	1	2	3
3. Enviar mensagens ameaçadoras ou insultuosas por telefone.	1	2	3
4. Colocar imagens de um conhecido/a ou de um/a colega na internet que possam ser humilhantes (por exemplo, a vestir-se no balneário). Em caso afirmativo, descreve quais os tipos de imagens: _____	1	2	3
5. Enviar links de imagens humilhantes a outras pessoas para que as possam ver. Em caso afirmativo, descreve: _____	1	2	3

BES-A (Versão Breve da *Basic Empathy Scale*)

(Jolliffe & Farrington, 2006; traduzido para a população portuguesa por Pechorro et al., 2018)

As seguintes afirmações medem os níveis de empatia afetiva e cognitiva. Lê atentamente cada uma das frases e rodeia com um círculo as respostas que mais se adequam a ti.

	Discordo totalmente - 1	Não concordo - 2	Neutro - 3	Concordo - 4	Concordo totalmente - 5
1. Depois de falar com um amigo que está triste geralmente também fico triste.	1	2	3	4	5
2. Sou facilmente influenciado pelos sentimentos das outras pessoas.	1	2	3	4	5
3. Costumo deixar-me influenciar pelos sentimentos dos meus amigos.	1	2	3	4	5
4. Quando as pessoas se sentem em baixo geralmente costumo perceber como elas se sentem.	1	2	3	4	5
5. Geralmente costumo perceber quando os meus amigos estão nervosos.	1	2	3	4	5
6. Geralmente costumo perceber como as pessoas se sentem mesmo antes de elas me dizerem.	1	2	3	4	5
7. Geralmente costumo perceber quando as pessoas estão contentes.	1	2	3	4	5